

AGORA, UM GRANDE FILME ESTRELADO POR CHLOË GRACE MORETZ E JULIANNE MOORE



STEPHEN KING

CARRIE

A ESTRANHA

SUMA
de letras

STEPHEN KING

CARRIE

A ESTRANHA

Tradução
Adalgisa Campos da Silva



Copyright © 1974 by Stephen King

Publicado mediante acordo com Doubleday, uma divisão da Doubleday Broadway Publishing Group, uma divisão da Random House, Inc. Todos os direitos reservados.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA. Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Carrie

Capa
Rodrigo Rodrigues sobre pôster original, Sony Pictures Releasing International

Revisão
Ana Kronemberger
Lilia Zanetti

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K64c
King, Stephen

Carrie, a estranha [recurso eletrônico] / Stephen King ; tradução de Adalgisa Campos da Silva. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2012.
recurso digital

Tradução de: *Carrie*

Formato: ePub:

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

164p. ISBN 978-85-8105-103-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Silva, Adalgisa Campos. II. Título.

12-3942 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Ebook adquirido na Livrarialivros.com

*Para Tabby, que me meteu nisso —
mas depois me tirou.*

Introdução

Stephen King

Embora eu tivesse vendido alguns contos na época da faculdade, minha carreira de escritor profissional só começou logo depois que me formei. Tive uma coluna (chamava-se “King’s Garbage Truck” [Caminhão de lixo de King] — nome dado pelo chefe de redação, não por mim) no jornal da faculdade durante três anos, e passei na redação para recolher um pouco do meu lixo uns dois ou três dias depois da colação de grau.

As salas estavam totalmente vazias — eu nunca tinha visto aquilo assim. Eu andava há uma semana com a ideia de um conto na cabeça, algo sobre ratos gigantes vivendo e procriando nos subterrâneos de uma fábrica de tecidos da Nova Inglaterra. Não tinha nada a ver com a ficção literária “sensitiva” que eu produzia nos seminários de criação literária que fiz, nem com as matérias sarcásticas e sem compromisso que eu escrevia para a “Garbage Truck”.

Passei aquele dia trabalhando num conto chamado “Último turno”. Lembro-me de estar felicíssimo e muito envolvido — divertindo-me como nunca, aliás. O conto era macabro, rápido e divertido. (Acabou virando um filme macabro e rápido, mas, infelizmente, não dos mais divertidos.) Enviei-o para a revista *Cavalier* mais ou menos como estava — talvez eu tenha mexido em alguma coisa, embora não me lembre. Meu guia anual para escritores de ficção dizia que a *Cavalier* aceitava contos de terror e ficção científica sem intermediação de agentes, o que era bom para mim. Acabou sendo bom para Nye Willden, o editor de ficção da *Cavalier*, também. Ele comprou a história por 200 dólares, o que parecia um dinheirão para um rapaz que tinha feito a faculdade quase toda com dois jeans e mais de uma vez jantou *Cheery Casserole*, um prato inventado por mim. Consistia em cereal Cheerios e manteiga de amendoim, fritos em óleo Wesson. Já provou? Não? Sorte sua.

Quando chegou o cheque relativo a “Último turno”, eu estava noivo. Minha noiva, Tabitha Spruce, de Old Town, Maine, curtia muito as minhas histórias, como eu curtia o trabalho dela — na maior parte poesia, na época. Vi-a pela primeira vez quando fazíamos um trabalho em grupo na Biblioteca Raymond Fogler na Universidade do Maine, mas conheci-a mesmo numa série de seminários e oficinas de poesia. Ela leu um conto meu chamado *Eu Sou o Portal*

no início do outono de 1970, e disse que era o melhor conto de ficção científica que já tinha lido. O elogio me deixou de quatro. Essa história também foi vendida para a *Cavalier* e, quando foi publicada, já estávamos casados. Em 1973, tínhamos dois filhos (essa coisa de um deixar o outro de quatro à custa de elogio teve consequências inevitáveis), e a venda dos meus contos para as revistas masculinas tornara-se crucial para nossa sobrevivência financeira. Comecei nossa sociedade trabalhando numa lavanderia e evolui para professor de inglês do ensino médio. Nenhuma dessas atividades era suficiente para sustentar uma família de quatro pessoas, mas com os 1.200 dólares a mais da venda dos contos, dava para viver. Chegou ao ponto em que, quando uma das crianças aparecia com uma otite e precisávamos comprar antibióticos, Tabby dizia, entre séria e brincalhona:

— Depressa, Steve, pense num monstro.

No fim do outono ou início do inverno de 1972, tive uma ideia para um conto sobre uma menina com poderes telecinéticos (ou psicocinéticos, se preferirem). Eu vinha com essa ideia na cabeça desde que estava no ensino médio e li um artigo na revista *Life* sobre um caso de atividade poltergeist numa casa de uma cidadezinha da periferia de um centro urbano. Os poltergeists são espíritos brincalhões ou implicantes — fantasmas, se você quiser dar nome aos bois. Olhando com mais atenção, a atividade nessa casa aparentemente não tinha nada a ver com fantasmas. Havia uma menina perturbada na família. Quando ela estava em casa, objetos — sobretudo religiosos — saíam voando. Quando ela estava fora, as coisas ficavam no lugar. O artigo aventava a hipótese de que a maior parte da atividade atribuída a fantasmas seria na verdade causada por crianças, e que sobretudo as meninas ao entrar na puberdade são propensas a usar esse talento espontâneo; aparentemente, a ideia era que havia uma força maior dentro delas, acessível somente nessa época da vida.

Achei que isso daria uma boa história — talvez pudesse até valer uns 500 dólares — e comecei a escrevê-la, trabalhando na lavanderia de nosso pequeno trailer (naquele tempo, eu não conseguia ficar longe de máquinas de lavar roupa, ao que parecia) e datilografando o primeiro rascunho em espaço um e quase sem deixar margens, como de hábito. Papel tem um custo, e não tínhamos dinheiro nenhum para esbanjar em laudas extras para rascunho.

Eu não tinha escrito nem duas páginas, quando meus próprios fantasmas começaram a me interromper; os fantasmas de duas meninas, ambas falecidas, que acabaram se fundindo e dando Carrie White. Não chamarei nenhuma delas pelo nome verdadeiro aqui; elas foram infelizes em vida e não merecem ser

discutidas, mesmo numa humilde introdução como esta, depois de mortas. Chamarei uma delas de Tina White e a outra de Sandra Irving.

Tina estudou comigo na Durham Elementary School. Era uma bucólica escola do interior de quatro salas, talvez com sessenta alunos ao todo. Tina era gorducha e quieta, caipira de chorar. Em toda turma há aquele bode expiatório, o que sempre sobra na dança das cadeiras, o que sempre acaba carregando o cartaz dizendo ME CHUTE, o que está por baixo na hierarquia social. Tina era essa aluna. Não porque fosse burra (não era), nem porque sua família fosse estranha (era), mas porque ia todos os dias com a mesma roupa para a escola. Ainda estou vendo essa roupa; nem preciso fechar os olhos. A fita vermelha no cabelo preto (e mesmo bem bonito). A blusa branca sem manga, usada no verão e no inverno, cada vez mais apertada no busto que ia se avolumando bastante. E a saia preta até a canela, com um caimento feio.

Um ano, depois do Natal, Tina apareceu com uma roupa nova em folha. Não me lembro de como era, só me lembro da felicidade que Tina demonstrava vestida com ela. Acho que estava até de meias de náilon. E me lembro *nitidamente* de como aquela animação esperançosa se transformou — primeiro em surpresa, depois em raiva e, finalmente, num conformismo murcho —, depois da chuva de comentários sarcásticos que se abateu sobre ela. Em vez de diminuir, a rejeição da garotada a Tina se acentuava mais ainda. Eu não entrava nessas demonstrações, que eram verdadeiros trotes, mas não me manifestava contra. Diabos, eu só tinha 14 anos. Nessa idade, é difícil levantar bandeiras contra alguma coisa.

Sandra Irving morava a uns dois quilômetros e meio da casinha onde eu me criei. Não havia pai no cenário, só a mãe e o enorme pastor alemão com o nome estapafúrdio de Cheddar Cheese. A Sra. Irving um dia me contratou para ajudá-la a mudar uns móveis de lugar — eu devia ter uns 16 anos na época —, e fiquei impressionado com o crucifixo que havia na sala, pendurado em cima do sofá delas. Se um ícone gigantesco como aquele despencasse enquanto as duas estivessem assistindo à TV, certamente mataria aquela que porventura atingisse. Eu sabia que as Irving tinham uma religiosidade esquisita e fervorosa que excluía nossa Igreja Metodista normal, mas até ver aquele Cristo horrendo no alto da sala — a figura pregada na cruz com sangue escorrendo das mãos, dos pés e do peito, olhos revirados numa combinação horrível de agonia e compaixão — eu nunca havia entendido até onde ia aquela religiosidade. Nem quão estranha era.

Essa religião era em parte o que mantinha as crianças longe de Sandy. O

cheiro dela — não de sujeira, mas um ranço estranho de poeira, doce e enjoativo como o de pó de livro — também contribuía para isso, assim como o fato de ela ter ataques epiléticos e usar roupas estranhas, pudicas e antiquadas. Mas como ocorria com Tina, ainda havia algo mais. Algo que anunciava: *ESTRANHA! DIFERENTE DA GENTE! AFASTE-SE!*, numa onda que só outras crianças conseguem sintonizar. É feito uma estação pirata do coração. Não consigo mais sintonizar essa onda, mas me lembro disso muito bem... como me lembro da saia preta com a blusa branca sem manga cada vez mais amarelada.

Nenhuma das duas — feliz ou infelizmente — tinha o dom espontâneo de Carrie White. Nenhuma das duas terminou o ensino médio, nem chegou aos 30 anos. Tina suicidou-se, enforcando-se no porão de casa. Sandy morreu durante um ataque epilético no apartamentinho que alugara na cidade, onde ficava a escola para onde todos nós fomos transferidos.

Esses eram os fantasmas que ficavam tentando se enxerir na minha escrita, insistindo em que eu os fundisse, de alguma forma, numa história que contasse o que poderia ter acontecido caso existisse mesmo uma energia telecinética (e pelo que sei, talvez exista). O que poderia ter acontecido se o mundo fosse tão justo quanto era cruel com as adolescentes. Em resumo, os fantasmas queriam que eu escrevesse um romance.

Fiquei assustado... tanto com o mundo juvenil feminino que eu teria de habitar (era um mundo do qual eu pouco sabia) quanto com o nível de crueldade que eu teria de descrever. Também me assustava revisitar o que eu não tivera cabeça nem coragem para conter. E havia ainda um lado mais prosaico: Tabby e eu estávamos precisando de um dinheiro rápido para o supermercado e o aluguel, não de um romance que poderia ou não ser vendido a uma editora. Joguei no lixo as primeiras laudas inacabadas do conto e fui para a sala ver televisão.

Tabby perguntou em que eu estava trabalhando. Respondi que era num conto, mas que não tinha dado certo e eu jogara fora. Talvez ela tenha visto alguma coisa na minha cara. Não sei bem. Só sei que ela entrou no meu pequeno escritório, pegou as laudas na lixeira, sacudiu as cinzas de cigarro, desamassou o papel, leu tudo e sugeriu que eu fosse em frente. E eu fui, sobretudo para agradá-la. O resultado acabou sendo a história que se segue — hoje datada, mas ainda com um incrível poder de ferir e apavorar. Foi publicada pela Doubleday em 1974 e continua em catálogo até hoje. Às vezes — muito frequentemente, aliás — eu gostaria que Tina e Sandy estivessem vivas para lê-la.

Ou as filhas delas.

23 de fevereiro de 1999
Longboat Key, Flórida

Parte I

Brincando com Sangue

Notícia do semanário de Westover (Maine), *Enterprise*, de 19 de agosto de 1966:

CHUVA DE PEDRA

Fontes seguras afirmam que uma chuva de pedra teria caído sobre a Carlin Street na cidade de Chamberlain na tarde do dia 17 de agosto último. As pedras atingiram principalmente a casa da Sra. Margaret White, danificando grande parte do telhado e destruindo duas calhas e um dreno avaliados em cerca de 25 dólares. A Sra. White é viúva e mora com a filha de 3 anos, Carietta.

A Sra. White não foi encontrada para comentar o fato.

Ninguém achou nada de mais quando isso aconteceu, não no nível subconsciente onde vicejam coisas primitivas. Aparentemente, todas as meninas nos chuveiros ficaram chocadas, empolgadas, envergonhadas ou apenas contentes que aquela nojenta da White tivesse levado na cabeça de novo. Algumas delas também podem ter manifestado surpresa, que obviamente era fingida. Carrie era colega de algumas delas desde a primeira série, e esse sentimento vinha aumentando desde aquela época, lentamente, sem mudar, de acordo com todas as leis que governam a natureza humana, aumentando com toda a regularidade de uma reação em cadeia aproximando-se da massa crítica.

O que nenhuma delas sabia, claro, era que Carrie White tinha o dom da telecinesia.

Pichação numa carteira da Barker Street Grammar School em Chamberlain:

Carrie White come cocô.

A gritaria no vestiário era enorme, ecoando com o barulho subterrâneo da água das duchas nos ladrilhos. As meninas haviam jogado vôlei no primeiro tempo, e o suadouro matinal foi leve e animado.

Meninas se alongavam e se torciam debaixo da água quente, dando gritinhos, espirrando água, passando sabonetes brancos de mão em mão. Carrie permanecia apática no meio delas, uma rã entre cisnes. Era uma menina quadradona, cheia de espinhas no pescoço, nas costas e nas nádegas, o cabelo molhado completamente sem cor. Aquela massa compacta escorria-lhe pela cara, e ela se deixava estar ali, a cabeça ligeiramente inclinada, sentindo a água cair em sua carne e escorrer. Parecia realmente o bode expiatório da turma, aquela que acreditava que existe chave-inglesa para canhoto, que só dava fora, e era mesmo. Sempre desejou desesperadamente que a Ewen High tivesse chuveiros individuais e, portanto, privados, como as escolas em Westover ou Lewiston. Elas ficavam olhando. Sempre *ficavam olhando*.

Duchas sendo desligadas uma a uma, meninas saindo, tirando toucas de banho de tons pastéis, enxugando-se, passando desodorante, olhando o relógio em cima da porta. Sutiãs e calcinhas sendo vestidos. O vapor pairava no ar; aquele ambiente poderia ser uma casa de banhos egípcia, a não ser pelo constante barulho da Jacuzzi ligada no canto. Gritos e assobios repicavam como bolas de bilhar após uma saída forte.

— ... então Tommy disse que *odiava* aquilo em mim e eu...

— ... vou com minha irmã e meu cunhado. Ele limpa o nariz com o dedo, mas ela também, então eles são muito...

— ... ducha depois da escola e...

— ... não vale um tostão, então Cindi e eu...

A Srta. Desjardin, a professora de ginástica esguia e sem peito, entrou, espichou o pescoço, deu uma olhadinha em volta e bateu palmas uma vez, rápido.

— O que você está esperando, Carrie? O Juízo Final? Cinco minutos para o sinal.

Seu short era branco de doer na vista, suas pernas, embora sem muitas curvas, impressionavam pela musculatura discreta. Ela usava no pescoço um apito de prata, conquistado numa competição universitária de arco e flecha.

As meninas riram e Carrie ergueu os olhos, o olhar lento e aturdido por causa do calor e do barulho contínuo da água caindo.

— *Hã?*

Foi um som estranho como um coaxar, grotescamente condizente com ela, e as meninas tornaram a rir. Sue Snell desenrolou uma toalha da cabeça com a rapidez de um mágico se exibindo e começou a se pentear depressa. A Srta. Desjardin fez um gesto irritado para Carrie e saiu.

Carrie fechou a torneira. A ducha gorgolejou e morreu num pingo.

Só quando ela saiu do chuveiro, as meninas todas viram o sangue lhe escorrendo pelas pernas.

De *The Shadow Exploded: Documented Facts and Specific Conclusions Derived from the Case of Carietta White* [A sombra explodiu: fatos documentados e conclusões específicas extraídas do caso de Carietta White], de David R. Congress (Tulane University Press: 1981), p. 34:

É praticamente incontestável que o fato de não se conseguir notar exemplos específicos de telecinesia na infância da menina White se deva à conclusão apresentada por White e Stearns em sua monografia “Telecinesia: um dom espontâneo revisitado” — de que a habilidade para mover objetos unicamente pela força da vontade se manifesta somente em momentos de extrema tensão pessoal. É um dom realmente oculto; se não, como poderia ter passado séculos submerso, apenas com a ponta do iceberg de fora num mar de charlatanismo?

Só temos depoimentos inconsistentes para nos servir de base neste caso, mas até isso basta para indicar a existência de um potencial de TC de imensa magnitude dentro de Carrie White. A grande tragédia é que agora estamos todos como um zagueiro na segunda-feira de manhã...

— *IN-cômodo!*

A vaia partiu de Chris Hargensen. Bateu nas paredes de azulejos, e voltou. Sue Snell ria pelo nariz com uma sensação estranha e irritante, onde se misturavam ódio, repulsa, exasperação e pena. Ela parecia tão *apatetada*, ali parada, sem saber o que estava acontecendo. Nossa, parecia que ela nunca...

— *IN-cômodo!*

Aquilo estava virando um refrão, uma fórmula encantatória. Alguém no fundo (talvez Hargensen de novo, Sue não sabia dizer em meio àquela confusão de ecos) gritava sem inibição: — *Arrolha!*, num tom rouco e descontrolado.

— *IN-cômodo, IN-cômodo, IN-cômodo!*

Carrie ficou ali apalermada, pingando no meio da rodinha que se formava. Parecia um boi paciente, sabendo ser o motivo da piada (como sempre), apalermada e constrangida, mas não surpresa.

Sue ficou mais enojada quando o sangue menstrual começou a pingar nos ladrilhos, em gotas escuras do tamanho de uma moeda de um centavo.

— Pelo amor de Deus, Carrie, você ficou menstruada! — gritou. — Vá se limpar!

— *Hã?*

Ela olhou em volta bovinamente. Tinha o cabelo grudado no rosto parecendo um capacete arredondado. Havia um canteiro de espinhas num de seus ombros. Aos 16 anos, a marca impalpável da dor já estava nitidamente estampada em seus olhos.

— Ela acha que isso é para limpar batom! — gritou Ruth Gogan de repente com um prazer misterioso, e estourou numa gargalhada.

Sue lembrou-se do comentário depois e o encaixou num quadro geral, mas agora ele era apenas mais um som sem sentido naquela confusão toda. *Dezesseis?* Ela estava pensando. *Deve saber o que está acontecendo, deve...*

Mais pingos de sangue. Carrie continuava apertando os olhos, olhando para as colegas com uma perplexidade lenta.

Helen Shyres virou as costas e fingiu que vomitava.

— Você está *sangrando*! — gritou Sue de repente, inflamada. — Você está sangrando, sua balofona idiota!

Carrie olhou para o próprio corpo.

E gritou.

O grito soou muito alto no vestiário úmido.

Um absorvente interno de repente acertou-a no peito e caiu a seus pés com um ploft. Uma flor vermelha manchou o algodão e se espalhou.

Então a gargalhada, enojada, desdenhosa, horrorizada, pareceu crescer e desabrochar em algo cortante e feio, e as meninas já a bombardeavam com tampões e absorventes, alguns tirados de bolsas, outros, da máquina quebrada na parede. A saraivada parecia uma nevasca caindo, e o refrão começou:

— Ar-ro-lha, ar-ro-lha, ar-ro-lha, ar-ro-lha...

Sue também arremessava, arremessava e gritava como as outras, sem saber direito o que estava fazendo — pensou numa fórmula encantatória que ficou piscando em sua mente como um anúncio luminoso: *Não tem mal nenhum nisso mal nenhum nisso mal nenhum nisso mal nenhum...* Ainda continuava piscando com um brilho tranquilizador quando Carrie de repente começou a uivar e recuar, bracejando e grunhindo e grugulejando.

As meninas pararam, percebendo que finalmente os pontos de fissão e explosão haviam sido atingidos. Foi a partir daí que, analisando mais tarde, algumas delas disseram ter ficado surpresas. Mas, naqueles anos todos, era sempre aquela coisa de vamos cortar o lençol da cama da Carrie no Acampamento da Juventude Cristã e achei essa carta de amor da Carrie para Flash Bobby Pickett vamos copiar e passar adiante e esconder as calcinhas dela e

botar essa cobra no sapato dela e dar *outro* caldo nela, dar *outro* caldo nela; Carrie indo de teimosa atrás da turma em passeios de bicicleta, num ano conhecida como bolo fofo e no outro como cara de caminhão, sempre cheirando a suor, sem conseguir acompanhar; encostando em planta venenosa ao ir urinar no mato e todo mundo descobrindo (ei, rabo assado, sua bunda está coçando?); Billy Preston passando manteiga de amendoim no cabelo dela naquela hora em que ela dormiu na sala de estudos; os beliscões, as pernas esticadas nos corredores da escola para fazê-la tropeçar, os livros derrubados de sua carteira, o cartão obsceno enfiado em sua bolsa; Carrie no piquenique da igreja e ajoelhando desajeitada para rezar e a costura do zíper de sua saia xadrez velha arrebrandando com som de pé de vento encontrando muro; Carrie sempre errando bola, até no basquete com o pé, caindo de cara na aula de Dança Moderna na primeira série do ensino médio e lascando um dente, entrando pela rede adentro no vôlei; usando meias sempre com o fio já puxado, começando a puxar ou prestes a puxar, sempre com as blusas manchadas de suor debaixo do braço; até a vez em que Chris Hargensen, depois da escola, telefonou da Kelly Fruit Company no Centro e lhe perguntou se ela sabia que *cocô de porco* se escrevia C-A-R-R-I-E: de repente veio tudo isso e a massa crítica foi atingida. A sacanagem, a afronta, a maldade últimas, há muito procuradas, foram encontradas. Fissão.

Ela recuou, uivando no novo silêncio, os braços gordos cruzados na frente da cara, um tampão enfiado no meio dos pelos pubianos.

As meninas a observavam, um brilho solene nos olhos.

Carrie se encostou na parede de um dos quatro boxes e foi desabando devagar até cair sentada, sacudida por gemidos lentos e convulsivos. Revirava os olhos mostrando o branco marejado, como um porco no matadouro.

Sue disse devagar, hesitante:

— Acho que deve ser a primeira vez que ela...

Foi aí que se ouviu uma pancada surda e apressada na porta, e a Srta. Desjardin irrompeu pelo vestiário adentro para ver o que se passava.

Do livro *The Shadow Exploded* (p. 41):

Médicos e psicólogos que escreveram sobre o caso são unânimes em apontar o início excepcionalmente tardio e traumático do ciclo menstrual de Carrie como o fator que teria desencadeado a manifestação de seu dom latente.

Parece incrível que, em 1979, Carrie ignorasse o ciclo mensal da mulher. E é

quase tão incrível imaginar que uma mãe deixasse a filha chegar quase aos 17 anos sem nunca ter ido a um ginecologista para saber por que não menstruava.

No entanto os fatos são incontestáveis. Quando percebeu que estava sangrando pela abertura vaginal, Carrie White não tinha ideia do que estava acontecendo. Nunca tinha ouvido falar em menstruação.

Uma de suas colegas sobreviventes, Ruth Gogan, conta que, um ano antes dos acontecimentos de que estamos falando, entrou no vestiário das meninas na Ewen High School e viu Carrie usando um tampão para tirar o excesso de batom. Nessa ocasião, a Srta. Gogan perguntou: “Que diabos você está fazendo?” A Srta. White respondeu: “Não é assim que se faz?” A Srta. Gogan então disse: “É, sim. Claro.” Ruth Gogan contou isso a algumas de suas amigas (ela depois contou a este repórter ter achado a cena “engraçadinha”) e, depois disso, se alguém tentava explicar a Carrie qual era a verdadeira finalidade do que ela estava usando para se maquiar, ela aparentemente descartava a explicação como uma tentativa de fazê-la de boba. Esta era uma faceta de sua vida que passara a preocupá-la muito...

Depois que as meninas foram para as aulas do segundo tempo e o sinal parou de tocar (muitas delas saíram sorrateiramente pela porta dos fundos antes que a Srta. Desjardin pudesse começar a anotar nomes), a Srta. Desjardin empregou o método clássico para lidar com histéricos: esbofeteou Carrie na cara. Dificilmente admitiria o prazer que este ato lhe proporcionou, e certamente negaria que considerava Carrie um saco de banha, uma choramingona balofa. Novata na profissão, ainda julgava achar toda criança boa.

Carrie olhou para ela apalermada, a cara ainda contraída e nervosa.

— S-S-Srta. D-D-Des-D...

— Levante-se — disse a Srta. Desjardin friamente. — Levante-se e vá se compor.

— *Estou morrendo de hemorragia!* — gritou Carrie, e foi agarrando às cegas o short branco da Srta. Desjardin. Deixou sua mão estampada em sangue.

— Eu... você... — A cara da professora de ginástica se contraiu num esgar de nojo, e ela fez Carrie se levantar cambaleando. — *Vá para lá!*

Carrie ficou balançando entre os chuveiros e a parede com aquela máquina de absorventes higiênicos de dez centavos, toda encurvada, os seios apontando para o chão, os braços caídos, bambos. Parecia um macaco. Seus olhos brilhavam vidrados.

— Agora — disse a Srta. Desjardin com uma ênfase sibilante e fatal — tire um desses absorventes... não, não se incomode com a fenda para a moeda, está

quebrada, de qualquer jeito... pegue um e... droga, quer fazer isso já! Parece que você nunca ficou menstruada.

— Menstruada? — disse Carrie.

Sua expressão de absoluta ignorância era por demais autêntica e apavorada para não ser levada em conta. Um pressentimento tenebroso cresceu na mente de Rita Desjardin. Aquilo era incrível, impossível. Ela mesma tivera a primeira menstruação pouco depois de ter feito 11 anos e fora até o topo da escada para gritar toda excitada para baixo: “Ei, mãe, fiquei mocinha!”

— Carrie? — disse ela agora. Aproximou-se da menina. — Carrie?

Carrie recuou. No mesmo instante, uma prateleira de bastões de beisebol no canto do vestiário caiu com um estrondo. Rolaram bastões para todo lado, fazendo Desjardin pular.

— Carrie, essa é sua primeira menstruação?

Mas agora que a ideia fora admitida, ela quase não precisava perguntar. O sangue era escuro e espesso. As pernas de Carrie estavam sujas, como se ela tivesse atravessado um rio de sangue.

— Está doendo — gemeu. — Minha barriga...

— Isso passa — disse a Srta. Desjardin. Piedade e vergonha combinaram-se dentro dela numa sensação desconfortável. — Você tem que... hum, conter o fluxo de sangue. Você...

Um clarão piscou no alto, e ouviu-se um tiro seco quando a lâmpada chiou e apagou. A Srta. Desjardin deu um grito de surpresa, e ocorreu-lhe

(o vestiário todo está caindo)

que esse tipo de coisa parecia estar sempre acontecendo perto de Carrie quando ela parecia perturbada, como se o azar estivesse sempre no seu pé. A ideia passou tão rápido como veio. Ela pegou um dos absorventes da máquina quebrada e desembrulhou-o.

— Olhe — disse. — É assim.

Do livro *The Shadow Exploded* (p. 54):

A mãe de Carrie White, Margaret White, teve sua filha no dia 21 de setembro de 1963, em circunstâncias que só podem ser chamadas de bizarras. Na verdade, uma leitura por alto do caso Carrie White deixa o estudioso atento com uma sensação dominante: a de que Carrie era filha única do casal mais estranho de que jamais se ouviu falar.

Como já foi dito, Ralph White morreu em fevereiro de 1963 ao ser atingido

por uma viga de aço que se soltou de um guindaste na obra em que ele trabalhava em Portland. A Sra. White continuou morando sozinha no bangalô de Chamberlain.

Devido ao quase fanatismo religioso do casal, a Sra. White não tinha amigos para apoiá-la durante o período de luto. E quando entrou em trabalho de parto, sete meses depois, estava só.

Aproximadamente às 13h30 do dia 21 de setembro, os vizinhos da Carlin Street começaram a ouvir gritos vindos da casa dos White. A polícia, porém, só foi chamada depois das 18 horas. Ficamos com duas hipóteses pouco plausíveis para explicar essa demora: ou os vizinhos da Sra. White não queriam se envolver numa investigação policial, ou a antipatia por ela tornara-se tão forte que eles deliberadamente resolveram não fazer nada e aguardar. A Sra. Georgia McLaughlin, a única dos três moradores ainda residentes na Carlin Street a se encontrar na rua àquela hora que se dispôs a falar comigo, disse não ter chamado a polícia por achar que os gritos fossem “uma espécie de reza”.

Quando a polícia chegou às 18h22, os gritos eram irregulares. A Sra. White foi encontrada em sua cama no andar superior, e o investigador, Thomas G. Mearnton, a princípio achou que ela havia sofrido um assalto. A cama estava empapada de sangue, e havia uma faca de açougueiro no chão. Foi só então que ele viu o bebê, ainda parcialmente envolvido na membrana placentária, no seio da Sra. White. Aparentemente, ela própria havia cortado o cordão umbilical com a faca.

É difícil imaginar e acreditar na hipótese de que a Sra. Margaret White não soubesse que estava grávida nem entendesse o sentido dessa palavra, e estudiosos como J. W. Bankson e George Fielding recentemente aventaram a hipótese mais aceitável de que ela tivesse bloqueado inteiramente o conceito, que associava intimamente ao “pecado” das relações sexuais. Ela simplesmente se recusava a acreditar que tal coisa pudesse lhe acontecer.

Temos registros de pelo menos três cartas a uma amiga em Kenosha, Wisconsin, que parecem comprovar que, do quinto mês em diante, a Sra. White achava que tinha um “câncer dos órgãos femininos” e logo iria encontrar-se com o marido no céu...

Quando a Srta. Desjardin levou Carrie para o gabinete, 15 minutos depois, os corredores felizmente estavam vazios. Ouvia-se o zunzum das aulas através das portas fechadas.

Carrie afinal parara de gritar, mas continuava chorando. A própria Desjardin

acabara colocando o absorvente, limpando a menina com toalhas de papel, e conseguindo fazê-la vestir sua feia calcinha de algodão.

Tentara por duas vezes explicar a realidade corriqueira da menstruação, mas Carrie tapou os ouvidos e continuou chorando.

O Sr. Morton, o vice-diretor, tinha saído do gabinete um instante quando elas entraram. Billy deLois e Henry Trennant, dois meninos que aguardavam o sermão merecido por terem matado a aula de Francês I, reviraram os olhos sentados em suas cadeiras.

— Entrem — disse o Sr. Morton animadamente. — Entrem. — Por cima do ombro de Desjardin, fuzilou com os olhos os meninos vidrados na mão de sangue estampada no short da professora. — O que estão olhando?

— Sangue — disse Henry, e sorriu com um ar apalermado de surpresa.

— Dois tempos retidos — disse Morton. Olhou para a marca de sangue e piscou.

Fechou a porta quando elas entraram e foi catar um formulário de acidentes escolares na gaveta superior do arquivo.

— Você está bem, han...?

— Carrie — acudiu Desjardin. — Carrie White. — O Sr. Morton finalmente acabara de encontrar um formulário de acidentes. Estava manchado de café. — O senhor não vai precisar disso, Sr. Morton.

— Pensei que fosse o trampolim. Nós... não vou?

— Não. Mas acho que Carrie deve ser dispensada para ir para casa. Ela teve uma experiência bastante desagradável. — Seus olhos emitiram um sinal que ele captou, mas não conseguiu interpretar.

— Sim, tudo bem, se é o que a senhora diz. Ótimo. Muito bem. — Morton enfiou o formulário de volta no arquivo, prendeu o polegar ao fechar a gaveta e resmungou. Girou graciosamente para a porta, abriu-a com um empurrão, olhou furioso para Billy e Henry, e pediu: — Srta. Fish, poderia fazer o favor de trazer aqui uma folha de dispensa? Carrie Wright.

— White — disse a Srta. Desjardin.

— White — concordou Morton.

Billy deLois riu.

— Retido uma semana! — esbravejou Morton. Uma bolha de sangue pisado se formava embaixo da unha do seu polegar. Doía infernalmente. O choro contínuo e monótono de Carrie continuava.

A Srta. Fish trouxe a folha amarela de dispensa, e Morton rubricou-a com sua lapiseira de prata, fazendo uma careta ao pressionar o dedo machucado.

— Precisa de condução, Cassie? — perguntou ele. — Podemos chamar um táxi, se você quiser.

Ela fez que não com a cabeça. Ele reparou com nojo que uma grande bolha esverdeada de catarro se acumulara numa de suas narinas. Morton olhou por cima da cabeça da menina para a Srta. Desjardin.

— Não vai ser preciso — disse ela. — Carrie só tem que andar até a Carlin Street. O ar puro vai lhe fazer bem.

Morton entregou a folha amarela à menina.

— Pode ir, Cassie — disse magnânimo.

— *Meu nome não é esse!* — gritou ela de repente.

Morton recuou, e a Srta. Desjardin deu um pulo como se tivesse levado uma batida por trás. O pesado cinzeiro de cerâmica da mesa de Morton (era o *Pensador* de Rodin, com a cabeça transformada em recipiente para as guimbas) de repente caiu no tapete, como se para proteger-se da força do grito dela. Pontas de cigarro e fragmentos do fumo de cachimbo de Morton se espalharam pelo tapete de náilon verde-água.

— Agora escute — disse Morton, tentando ser o mais severo possível. — Sei que você está perturbada, mas isso não quer dizer que eu vá aturar...

— Por favor — disse baixinho a Srta. Desjardin.

Morton piscou para ela e balançou a cabeça com cortesia. Tentava projetar a imagem da figura amável de um John Wayne ao impor disciplina, sua principal função como vice-diretor, mas não tinha muito sucesso. A administração (em geral representada em jantares de Jay Cees,¹ atividades da Associação de Pais e Mestres e cerimônias de premiação da Legião Americana² pelo diretor Henry Grayle) em geral o chamava de “amável Mort”. O corpo discente era mais propenso a chamá-lo de “aquele porra-louca do gabinete”. Mas como poucos alunos como Billy deLois e Henry Trennant falavam em cerimônias ou reuniões da APM, a visão da administração costumava ter mais força.

Agora o amável Mort, ainda esfregando disfarçadamente o polegar amassado, sorriu para Carrie e disse:

— Então pode ir, Srta. Wright. Ou gostaria de esperar um pouco e se acalmar?

— Eu vou — murmurou a menina, passando violentamente a mão no cabelo. Levantou-se e olhou para a Srta. Desjardin. Estava com os olhos arregalados e tristes com a inocência perdida. — Elas riram de mim. Atiraram coisas. Elas *sempre* riram.

Desjardin só pôde olhar para ela sem saber o que fazer.

Carrie saiu.

Por um momento, houve silêncio. Morton e Desjardin ficaram olhando a aluna se retirar. Depois, traindo o desconforto no ruído do pigarro, o Sr. Morton se abaixou com cuidado e começou a juntar a sujeira do cinzeiro caído.

— O que foi que aconteceu?

A professora suspirou e olhou com nojo para a mancha marrom-avermelhada daquela mão em seu short.

— Ela ficou menstruada. Pela primeira vez. No chuveiro.

Morton tornou a pigarrear e ficou vermelho. A folha de papel com que ele varria moveu-se mais depressa ainda.

— Ela não é meio, ahn...

— Velha para a primeira? É. Por isso foi tão traumatizante para ela. Embora eu não entenda por que a mãe dela... — A ideia ficou no ar, temporariamente esquecida. — Acho que não fui muito hábil, Morty, mas não entendi o que estava acontecendo. Ela achou que estivesse morrendo de hemorragia.

Ele olhou para cima rápido.

— Acho que ela nunca tinha ouvido falar em menstruação até meia hora atrás.

— Quer me dar aquela escovinha ali, Srta. Desjardin? É, essa mesmo. — Ela lhe deu a escovinha com a inscrição *A Companhia de Ferragens e Madeira Chamberlain NUNCA rejeita você* gravada no cabo. Ele começou a varrer o montinho de cinzas para o papel. — O aspirador depois tira o resto. Esse pelo grosso é uma miséria. Achei que tinha posto o cinzeiro mais para trás. Engraçado como as coisas caem. — Bateu com a cabeça na mesa e sentou-se bruscamente. — Custa a acreditar que uma menina possa passar três anos nessa ou em qualquer outra escola de ensino médio e desconhecer o fato da menstruação, Srta. Desjardin.

— É mais difícil ainda para mim — disse ela. — Mas não consigo pensar noutra coisa para explicar a reação dela. E ela sempre foi o bode expiatório da turma.

— Hum. — Ele jogou as cinzas e as pontas de cigarro na lixeira e limpou as mãos. — Acho que já sei quem é. White. A filha da Margaret White. Deve ser. Assim fica um pouco mais fácil acreditar. — Sentou-se à mesa e sorriu justificando-se. — São tantas. Depois de cinco anos, a gente junta todo mundo e só vê a cara da turma. Chama os meninos pelo nome dos irmãos, esse tipo de coisa. É difícil.

— Claro que é.

— Espere até ter vinte anos de estrada, como eu — disse ele taciturno, olhando para a bolha de sangue. — A gente encontra um aluno com um rosto

familiar e descobre que foi professor do pai dele no ano em que começou a lecionar. Margaret White não é do meu tempo, ainda bem. Ela disse à Sra. Bicente, que Deus a tenha, que o Senhor tinha reservado uma cadeira ardente especial para ela por ela ter ensinado aos alunos os fundamentos das ideias de Darwin sobre evolução. Foi suspensa duas vezes enquanto esteve aqui; uma delas por bater com a bolsa numa colega. Parece que Margaret viu a colega fumando um cigarro. Ideias religiosas esquisitas. Muito esquisitas. — A expressão de John Wayne de repente se desmanchou. — As outras meninas... elas riram mesmo dela?

— Pior. Estavam gritando e atirando absorventes nela quando entrei. Atirando como... como se fosse amendoim.

— Ai. Ai, meu Deus. — John Wayne desapareceu. O Sr. Morton ficou rubro. — Você tem os nomes?

— Tenho. Não todos, embora algumas delas possam denunciar as outras. Christine Hargensen parecia ser a cabeça... como sempre.

— Chris e a turma dela — murmurou Morton.

— Sim. Tina Blake, Rachel Spies, Helen Shyres, Donna Thibodeau e a irmã Mary Lila Grace, Jessica Upshaw. E Sue Snell. — Franziu a testa. — Não se esperaria uma coisa dessas de Sue. Ela nunca fez o gênero desse tipo de... brincadeira.

— Você falou com as meninas envolvidas?

A Srta. Desjardin riu desgostosa.

— Tive um ataque e mandei todo mundo sair dali. Estava nervosíssima. E Carrie estava histérica.

— Hum. — Ele juntou as pontas dos dedos. — Está planejando falar com elas?

— Estou. — Mas parecia relutante.

— Será que estou detectando um tom de...

— Provavelmente está — disse ela abatida. — Estou numa situação delicada, como o senhor pode ver. Entendo como essas meninas se sentiram. Aquilo tudo me deu vontade de pegar a garota e *sacudi-la*. Talvez haja algum instinto ligado à menstruação que deixe as mulheres atacadas, não sei. Só fico pensando em Sue Snell e na cara com que ela estava.

— Hum — repetiu o Sr. Morton sabiamente. Ele não entendia as mulheres e não tinha o menor desejo de discutir menstruação.

— Vou falar com elas amanhã — prometeu a professora, levantando-se. — Vou esfolá-las.

— Ótimo. Dê um castigo de acordo com o crime. E se sentir que tem de mandar alguma delas para, ah, para mim, sintase à vontade...

— Sim — disse ela gentilmente. — Aliás, estourou uma lâmpada enquanto eu tentava acalmar a turma. Deu o toque final.

— Vou mandar o zelador já — prometeu ele. — E obrigado por ter feito o melhor que podia, Srta. Desjardin. Quer pedir à Srta. Fish para mandar Billy e Henry entrarem?

— Claro. — Ela retirou-se.

Ele se recostou na cadeira e deixou aquela história lhe sair da cabeça. Quando Billy deLois e Henry Trennant, gazeteiros eméritos, entraram, satisfeito, ele olhou ameaçadoramente para os dois e se preparou para fazer um discurso duro.

Como disse muitas vezes a Hank Grayle, ele almoçava gazeteiros.

Pichação numa carteira da Chamberlain Junior High School: *A rosa é vermelha, a violeta é azul, a lesma é lerda, mas Carrie White come merda.*

Ela desceu a Ewen Avenue e atravessou para a Carlin Street no sinal da esquina. Ia cabisbaixa e tentava não pensar em nada. As cólicas iam e vinham em grandes ondas de espasmos, fazendo-a frear e acelerar como um carro com problema no carburador. Olhava para a calçada. Quartzos reluzindo no cimento. Grades fantasmagóricas de jogos de amarelinha riscadas a giz e desbotadas pela chuva. Chicletes amassados. Pedacos de papel-alumínio e papéis de bala. *Elas todas odeiam e não param. Elas nunca se cansam disso.* Um centavo dentro de uma rachadura. Chutou-o. *Imagine a Chris Hargensen toda ensanguentada e pedindo clemência aos gritos. Com ratos andando pela cara. Ótimo. Ótimo.* Um cocô de cachorro com uma pegada no meio. Um tubo de tampas escuras que algum garoto amassou com uma pedra. Guimbas. *Esmagar a cabeça dela com uma pedra, com uma pedra grande. Esmagar a cabeça delas todas. Ótimo. Ótimo.*

(jesus salvador manso e humilde)

Aquilo era bom para mamãe, certo para ela. Ela não tinha que ir para o meio dos lobos todos os dias de todos os anos, enfrentar um carnaval de gente rindo, fazendo piada, dando palpite, gozando. E mamãe não disse que um dia haveria o Juízo Final

(o nome daquela estrela será losna e eles receberão o flagelo de escorpiões)
e um anjo com uma espada?

Se ao menos isso fosse hoje e Jesus viesse não com um cordeiro e um cajado, mas sim com uma pedra em cada mão para esmagar quem ri e escarnece, para

erradicar o mal e destruí-lo gritando — um Jesus terrível de sangue e integridade.

E se ao menos ela pudesse ser Sua espada e Seu braço.

Tentara se adaptar. Desafiara mamãe de mil maneiras, tentara apagar o círculo escarlate traçado em volta dela desde o primeiro dia em que ela deixara o ambiente controlado do bangalô da Carlin Street e fora para a Barker Street Grammar School com a Bíblia debaixo do braço. Ainda se lembrava desse dia, dos olhares e do súbito silêncio aflitivo quando se ajoelhou antes do almoço no refeitório da escola — a caçada começara nesse dia e ecoara pelos anos afora.

O círculo escarlate era como sangue — podia-se esfregar e esfregar que não saía, não apagava, não limpava. Ela nunca voltara a se ajoelhar em público, embora não tenha contado a mamãe sobre isso. Mesmo assim, a lembrança original ficou, em sua cabeça e na *delas*. Tivera uma briga ferrenha com mamãe por causa do Acampamento da Juventude Cristã, e ganhara com o próprio esforço, costurando para fora, o dinheiro para ir. Mamãe lhe disse ameaçadoramente que era pecado, que havia metodistas e batistas e congregacionistas e que era pecado e apostasia. Proibiu Carrie de nadar no acampamento. No entanto, embora ela tivesse nadado e rido quando elas lhe deram caldos (até ela perder o fôlego e continuaram com a brincadeira e ela entrou em pânico e começou a gritar), e tivesse tentado participar das atividades do acampamento, mil peças foram pregadas na Carrie carola e ela voltara para casa de ônibus uma semana antes, os olhos vermelhos e fundos de chorar, para ser pega por mamãe na rodoviária, e mamãe lhe dissera severamente que ela deveria sempre se lembrar com carinho do flagelo por que passou como uma prova de que mamãe sabia, de que mamãe tinha razão, que a única esperança de segurança e salvação estava dentro do círculo escarlate. “Pois a porta é estreita”, dissera mamãe duramente no táxi e, em casa, mandara Carrie passar seis horas no armário.

Mamãe, naturalmente, proibira que ela tomasse banho com as outras meninas; Carrie escondera suas coisas de banho no escaninho da escola e tomava banho assim mesmo, participando de um ritual de nudismo que a deixava envergonhada e constrangida, na esperança de que o círculo em volta dela se atenuasse um pouquinho, só um pouquinho...

(mas hoje, ai, hoje)

Tommy Erbter, de 5 anos, estava andando de bicicleta do outro lado da rua. Era um garotinho de olhar intenso com uma Schwinn aro 20 com rodinhas laterais vermelhas. Vinha assobiando “Scoobie Doo, onde está você?” baixinho.

Viu Carrie, se animou e esticou a língua para ela.

— Ei, sua cara de pum! Carrie carola!

Carrie fuzilou-o com o olhar subitamente enfurecido. A bicicleta bambeou nas rodinhas e virou. Tommy gritou. A bicicleta estava em cima dele. Carrie sorriu e foi em frente. O choro de Tommy soava doce como música em seus ouvidos.

Se ao menos ela pudesse fazer algo assim acontecer sempre que quisesse.
(e podia)

Estacou sete casas antes da dela, com um olhar vazio. Lá atrás, Tommy, chorando, tornava a montar na bicicleta, esfregando um joelho ralado. Gritou alguma coisa para ela, mas ela ignorou. Já tinha ouvido especialistas no assunto gritarem com ela.

Pensara:

(caia dessa bicicleta garoto salte dessa bicicleta e quebre essa cabeça podre)
e algo *acontecera*.

Sua mente tinha... tinha... ela procurou uma palavra. Tinha *dobrado*. Houve uma curiosa flexão mental, quase como um cotovelo puxando um haltere. Também não era exatamente isso, mas ela não conseguia pensar em outra coisa. Um cotovelo sem força. Um músculo fraco de bebê.

Dobrar.

De repente olhou ferozmente para a grande janela panorâmica da Sra. Yorraty. Pensou:

(bruxa velha e burra quebre essa janela)

Nada. A janela panorâmica da Sra. Yorraty reluzia serena à luz fresca das nove da manhã. Mais um espasmo apertou a barriga de Carrie e ela foi em frente.

Mas...

A lâmpada. E o cinzeiro; não se esqueça do cinzeiro.

Olhou para trás

(bruxa velha odeia minha mãe)

por cima do ombro. De novo pareceu que algo se dobrou... mas muito fracamente. O fluxo de seus pensamentos estremeceu como se uma nascente tivesse borbulhado dentro dela.

A janela panorâmica pareceu vibrar. Nada mais. Talvez tenham sido seus olhos. Era *possível*.

Sua cabeça começou a ficar cansada e confusa, e latejava com um início de cefaleia. Seus olhos estavam ardendo, como se ela tivesse sentado e lido o *Livro das Revelações* de fio a pavio.

Continuou descendo a rua em direção à casinha branca de janelas azuis. A

sensação conhecida de ódio-amor-pavor batia dentro dela. A hera subira pela fachada oeste do bangalô (sempre chamaram a casa de bangalô, porque *White house* [casa dos White ou casa branca] parecia uma piada política e mamãe dizia que todos os políticos eram vigaristas e pecadores, e acabariam entregando o país aos Hereges Vermelhos que botariam todos os que acreditavam em Jesus — até os católicos — contra a parede), e a hera era pitoresca, ela *sabia* que era, mas às vezes odiava aquela planta. Às vezes, como agora, ela parecia uma gigantesca mão sulcada de veias grossas que haviam brotado do chão para agarrar a casa. Carrie chegou lá arrastando os pés.

Claro, houve as pedras.

Parou outra vez, piscando apaticamente para o sol. As pedras. Mamãe nunca falava sobre isso; Carrie nem sabia se sua mãe ainda se lembrava do dia das pedras. Era surpreendente que ela mesma ainda se lembrasse. Era muito pequena na época. Que idade? Três? Quatro anos? Houve aquela menina de maiô branco, e depois vieram as pedras. E voaram coisas na casa. E de repente ela estava se lembrando, com toda a clareza. Como se a lembrança estivesse ali o tempo todo, logo abaixo da superfície, aguardando uma espécie de puberdade mental.

Aguardando, talvez, o dia de hoje.

De Carrie: The Black Dawn of TK [Carrie, o negro alvorecer de TC] (revista *Esquire*, 12 de setembro de 1980) por Jack Gaver:

Estelle Horan morou 12 anos na pacata cidade de Parrish, nos arredores de San Diego, e tem o aspecto de uma californiana típica: usa camisas estampadas e óculos cor de âmbar esfumados; faz mechas no cabelo; dirige um fusca vermelho-escuro com o decalque de um sorriso na tampa da gasolina e uma bandeirinha verde do movimento ecológico colada no vidro traseiro. Seu marido é um executivo da agência de Parrish do Bank of America; seu filho e sua filha são membros de carteirinha da Turma do Sol e do Agito do Sul da Califórnia, bronzeadas criaturas de praia. Tem uma churrasqueira no jardimzinho bem-tratado, e o sino da porta tilinta um trecho do refrão de *Hey, Jude*.

Mas a Sra. Horan continua trazendo aquela terra fina e difícil da Nova Inglaterra dentro de si. E quando fala de Carrie White, seu semblante adquire uma expressão estranha que está mais para Lovecraft de Arkham do que para Kerouac do sul da Califórnia.

— Obviamente ela era estranha — me diz Estelle Horan, acendendo um segundo Virginia Slim nem bem apagara o primeiro. — A família toda era

estranha. Ralph era um operário de obra, e pessoas da rua diziam que ele ia todo dia para o trabalho levando uma Bíblia e um 38. A Bíblia era para a hora do café e do almoço. O 38, para a eventualidade de ele encontrar o anticristo no trabalho. Eu me lembro da Bíblia. Do revólver... quem sabe? Era um homem corpulento de pele cor de azeitona, com o cabelo sempre cortado à escovinha. Sempre teve cara enfezada. E não dava para olhar nos olhos dele, nunca. Eram olhos tão intensos que pareciam realmente faiscar. Quando o via, a gente atravessava a rua e nunca lhe dava língua pelas costas. Eis como ele era assustador.

Ela faz uma pausa, soltando nuvens de fumaça para as vigas do teto que imitavam pau-rosa. Stella Horan morou na Carlin Street até os 20 anos, e todos os dias ia até Motton onde cursava o Lewin Business College no período diurno. Mas recorda-se perfeitamente do incidente das pedras.

— Às vezes — diz ela —, me pergunto se eu não teria sido a causa daquilo tudo. O quintal delas era pegado ao nosso, e a Sra. White havia plantado uma cerca viva, que ainda não estava crescida. Ela chamava a minha mãe dezenas de vezes para falar do “show” que eu estava dando no quintal. Bem, meu maiô era decentíssimo, pudico pelos padrões de hoje, simplesmente um velho maiô inteiro Jantzen liso. A Sra. White costumava ficar falando horas sobre o escândalo que aquilo era para o “bebê dela”. Minha mãe... bem, ela tenta ser educada, mas é bem destemperada. Não sei o que Margaret White disse para acabar fazendo-a perder as estribeiras; me chamou de “prostituta da Babilônia”, suponho... mas minha mãe disse a ela que nosso quintal era nosso quintal e que eu sairia e dançaria o hula-hula nua em pelo se aquilo nos desse prazer. Disse também que ela era uma velha suja que só tinha minhoca na cabeça. Houve muito mais gritaria, mas a coisa acabou nisso.

“Eu quis parar de tomar sol naquela hora. Detesto encrenca. Me perturba o estômago. Mas mamãe, quando implica com alguma coisa, é um terror. Ela chegou da Jordan Marsh trazendo um biquíni branco mínimo. Me disse que era para eu tomar sol até me faltar. ‘Afim’, disse ela, ‘é a privacidade do nosso quintal e tudo o mais.’”

Stella Horan esboça um sorriso ao se lembrar disso e apaga o cigarro.

— Tentei discutir com ela, dizer que eu não queria mais encrenca, não queria ser um brinquedo naquela guerrinha de fundo de quintal. Não adiantou nada. Tentar deter a minha mãe quando ela encasqueta alguma coisa é como tentar deter uma carreta sem freio numa ladeira. Na verdade, há outras coisas. Eu tinha medo das White. Com fanáticos religiosos não se brinca. Sim, Ralph White já tinha morrido, mas e se Margaret ainda tivesse aquele 38?

“Mas lá estava eu no sábado à tarde, deitada numa manta no quintal, toda untada com bronzeador e ouvindo as Quarenta Mais no rádio. Mamãe odiava aquilo e costumava gritar pelo menos duas vezes para eu abaixar o volume, antes que ela enlouquecesse. Mas, naquele dia, ela mesma aumentou por duas vezes. Comecei a me sentir a própria prostituta da Babilônia.

“Mas ninguém saiu da casa das White. Nem mesmo a velha para pendurar a roupa na corda. Tem mais essa: ela nunca pendurava roupa de baixo na corda do quintal. Nem a de Carrie, que tinha só 3 anos na época. Era sempre dentro de casa.

“Comecei a relaxar. Acho que eu estava pensando que Margaret devia ter levado Carrie ao parque para reverenciar a Deus na natureza. De qualquer maneira, dali a pouco eu me deitei de costas, cobri os olhos com o braço e cochilei.

“Quando acordei, Carrie estava ao meu lado olhando para o meu corpo.”

Ela para, franzindo o cenho. Na rua, o ronco dos carros passando é contínuo. Dá para ouvir o zumbido constante no meu gravador. Mas isso tudo parece um pouquinho frágil demais, inconsistente demais, só uma pátina barata sobre um mundo mais escuro — um mundo real onde pesadelos acontecem.

— Ela era uma menina tão *linda* — continua Stella Horan acendendo outro cigarro. — Vi algumas fotos dela no ensino médio, e aquela horrorosa fora de foco em preto e branco na capa da *Newsweek*. Olho para elas e a única coisa que penso é: meu Deus, o que aconteceu com ela? O que aquela mulher fez com ela? Depois, passo mal, de pena. Ela era tão linda, tinha as bochechas rosadas e olhos castanhos vivos, um cabelo com aquele tom de louro que a gente sabe que vai escurecer e ficar cor de rato. Um doce é a expressão que cabe. Um doce, viva e inocente. A doença da mãe dela ainda não a tinha atingido muito profundamente.

“Acordei meio assustada e tentei sorrir. Era difícil pensar no que fazer. O sol tinha me dado uma certa leseira e minha cabeça estava lerda. Eu disse: ‘Oi.’ Ela estava com um vestidinho amarelo, engraçadinho, mas compridíssimo para uma menininha no verão. Batia-lhe nas canelas.

“Ela não sorriu de volta. Apenas apontou e perguntou: ‘Que é isso?’

“Olhei e vi que meu sutiã tinha escorregado enquanto eu estava dormindo. Então botei no lugar e disse: ‘São os meus seios, Carrie.’

“Então ela disse, muito solene: ‘Eu queria ter.’

“Eu disse: ‘Você tem que esperar, Carrie. Só daqui a uns oito ou nove anos é que você vai começar a ter.’

“‘Não vou, não’, disse ela. ‘Mamãe diz que as meninas boazinhas não têm.’

Ela parecia estranha para uma menina pequena, triste e com um ar de superioridade.

“Eu custava a acreditar naquilo, e disse a primeira coisa que me passou pela cabeça. Falei: ‘Bom, eu sou boazinha. A sua mãe não tem seios?’

“Ela abaixou a cabeça e disse alguma coisa tão baixinho que não ouvi. Quando pedi que ela repetisse, ela olhou para mim com um ar de desafio e disse que sua mãe tinha sido má quando a fizera e que era por isso que tinha seios. Chamava-os de ‘travesseirosimundos’, como se fosse uma palavra só.

“Não dava para acreditar. Eu estava estarelecida. Não conseguia pensar em nada para fazer ou dizer. Ficamos ali olhando uma para a outra, e o que eu tinha vontade de fazer era agarrar aquele pedacinho de gente e fugir com ele.

“E foi aí que Margaret White saiu pela porta dos fundos e viu a gente.

“Por um minuto, ela simplesmente arregalou os olhos, como se não conseguisse acreditar no que via. Depois, abriu a boca e deu um berro. Foi o som mais horroroso que já ouvi na vida. Parecia um jacaré macho urrando num pântano. Ela simplesmente deu um *urro*. Raiva. Raiva completa e insana. A cara dela ficou vermelha como um carro de bombeiros e ela cerrou os punhos e berrou para o céu. Tremia toda. Pensei que estivesse infartando. A cara dela estava toda amassada, parecendo uma gárgula.

“Pensei que Carrie fosse desmaiar ou morrer ali mesmo. Prendeu o fôlego e ficou branca feito papel.

“A mãe gritou: ‘CAAARRRIEEEEEEEE!’

“Me levantei de um pulo e gritei também: ‘Não grite assim! A senhora devia se envergonhar!’, uma idiotice dessas. Não me lembro. Carrie começou a ir embora, deu uma paradinha e depois continuou. E justo antes de passar do nosso gramado para o delas, virou-se e olhou para mim com um olhar... ah, terrível. Não dá para dizer. Desejo e ódio e medo... e *infelicidade*. Como se a própria vida tivesse caído nela como um monte de pedras, tudo isso aos 3 anos de idade.

“Minha mãe chegou ao alpendre dos fundos e murchou quando viu a criança. E Margaret... ah, ela estava aos gritos, falando em prostitutas e rameiras e nos pecados dos pais recaírem até a sétima geração. Minha língua parecia uma planta seca.

“Por um segundo Carrie ficou balançando entre os dois quintais, e então Margaret White olhou para cima e, juro por Jesus Cristo, aquela mulher *uivou* para o céu. E aí ela começou a... a se ferir, se flagelar. Estava arranhando o pescoço e as faces, fazendo vergões vermelhos e lanhos. Rasgou o vestido.

“Carrie gritou: ‘Mamãe!’, e correu para ela.

“A Sra. White meio que se... agachou, como uma rã, e abriu os braços. Achei que ela fosse esmagar a menina e gritei. A mulher estava rindo. Rindo e com uma baba escorrendo pelo queixo. Ai, fiquei enjoada. Nossa, fiquei enjoadíssima.

“Ela pegou a filha e as duas entraram. Desliguei meu rádio e dava para ouvi-las. Alguma coisa, mas não tudo. Não precisava ouvir tudo para saber o que estava se passando. Reza, soluços e guinchos. Sons de doido. E Margaret dizendo para a menina ir para dentro do armário e rezar. A menina chorando e gritando que sentia muito, tinha esquecido. Depois, nada. E minha mãe e eu só ficamos olhando uma para a outra. Nunca vi mamãe com uma cara tão ruim, nem quando papai morreu. Ela disse: ‘A criança’, mais nada. Entramos.”

Ela se levanta e vai até a janela, uma bela mulher num vestido de verão de frente única.

— É quase como reviver aquilo tudo, sabe — diz ela, sem se virar. — Estou irritadíssima de novo. — Ela ri um pouco e cruza os braços, segurando os cotovelos.

— Ah, ela era tão bonitinha. Não dá para dizer por aquelas fotos.

Carros passam na rua, de um lado para o outro, e fico sentado esperando que ela continue. Ela me lembra um atleta olhando para a vara antes de saltar e se perguntando se a altura está exagerada.

— Minha mãe preparou um chá escocês para a gente, forte, com leite, como fazia quando eu estava brincando pelas redondezas e era empurrada na moita de urtigas ou caía da bicicleta. Estava horrível, mas a gente tomou assim mesmo, sentadas uma em frente à outra no canto da cozinha. Ela com um vestido velho de andar em casa com a bainha desfeita atrás, e eu com o meu maiô de duas peças de prostituta da Babilônia. Eu estava com vontade de chorar, mas aquilo era real demais para fazer a gente chorar, não era como num filme. Uma vez, em Nova York, vi um velho bêbado levando uma menininha de vestido azul pela mão. A menina estava com o nariz sangrando de tanto chorar. O bêbado tinha bócio e o pescoço dele parecia uma câmara de ar. Tinha um calombo vermelho na testa e um fio branco comprido pendurado no casaco de sarja azul. As pessoas continuavam seguindo em frente, porque, assim, logo os perdiam de vista. Aquilo era real, também.

“Quis contar isso para minha mãe, e ia abrir a boca para falar quando aconteceu outra coisa... A coisa na qual você está interessado, imagino. Ouviu-se um baque violento lá fora que fez os copos chocalharem na cristaleira. Era tanto uma sensação quanto um barulho, forte e concreto, como se alguém tivesse

jogado um cofre de ferro de cima do telhado.”

Ela acende mais um cigarro e começa a fumar rápido.

— Fui para a janela e olhei, mas não deu para ver nada. Então, quando eu ia me virar, caiu outra coisa, que brilhou ao sol. Por um instante, achei que fosse uma bola de vidro. Então aquela coisa bateu no beiral do telhado das White e se espatifou, e não era vidro mesmo. Era um grande bloco de gelo. Eu ia me virar e contar para mamãe, e foi nessa hora que eles começaram a cair todos de uma vez, numa chuvarada.

“Estavam caindo no telhado das White, no quintal e no gramado da frente, na porta externa do porão. Havia uma cobertura de zinco, e quando o primeiro bloco bateu ali, repicou bem alto, como um sino de igreja. Minha mãe e eu gritamos. Estávamos agarradas como duas meninas numa tempestade.

“Então a coisa parou. Não se ouvia nenhum ruído vindo da casa delas. Dava para ver a água do gelo derretido escorrendo pela ardósia do telhado delas ao sol. Um bloco enorme de gelo ficou entalado entre o telhado e a chaminezinha da casa. O reflexo do sol ali era tão ofuscante que doía na vista.

“Minha mãe estava me perguntando se aquela chuvarada tinha terminado, aí Margaret gritou. Deu para a gente ouvir bem. De certa forma, foi pior do que antes, porque tinha um tom de pavor. Depois, veio um clangor metálico, como se ela estivesse atirando todas as painéis da casa na garota.

“A porta dos fundos abriu e fechou batendo. Ninguém saiu. Mais gritaria. Mamãe me mandou chamar a polícia, mas não consegui me mexer. Fiquei grudada no chão. O Sr. Kirk e a mulher, Virginia, apareceram no jardim deles para olhar. Os Smith também. Logo todos os vizinhos que estavam em casa foram para fora, até a velha Sra. Warwick da quadra de cima, que era surda de um ouvido.

“Coisas começaram a quebrar e a chocalhar. Garrafas, copos, não sei mais o quê. Aí, a janela do lado se escancarou, e metade da mesa da cozinha passou pela abertura. Deus é testemunha. Era uma mesa grande de mogno e levou a persiana junto e devia pesar uns 140 quilos. Como uma mulher, mesmo uma mulher grande, poderia atirar aquilo?”

Pergunto se ela está sugerindo alguma coisa.

— Só estou *contando* — insiste ela, subitamente perturbada. — Não estou lhe pedindo para acreditar...

Ela parece recobrar o fôlego e então prossegue, num tom neutro:

— Durante cinco minutos não houve mais nada. A água pingava das calhas da casa. E o gramado das White estava coalhado de pedras de gelo, que derretiam

rápido.

Ela dá uma risada curta e entrecortada e apaga o cigarro.

— E por que não? *Era* agosto.

Volta maquinalmente para o sofá, depois dá meia-volta.

— Então vieram as pedras. Surgindo do nada, num céu azul. Assobiando feito bombas. Minha mãe gritou: “Que é isso, meu Deus!”, e cobriu a cabeça com as mãos. Mas eu não conseguia me mexer. Fiquei parada, só olhando. Não tinha importância, aliás. Elas só estavam caindo no terreno das White.

“Uma delas arrancou uma calha, que foi parar no gramado. Outras abriram lombos no telhado e caíram no sótão. Ao cair nas telhas, as pedras faziam um estrondo e levantavam uma nuvem de poeira. Ao cair no chão, faziam tudo estremecer. Dava para sentir a vibração nos pés.

“Nossa louça tilintava, o armário sacudia todo, e a xícara de chá da minha mãe caiu no chão e quebrou.

“As pedras abriram verdadeiras crateras no gramado das White quando caíram. A Sra. White mandou vir um caminhão de entulho do outro lado da cidade para retirá-las, e Jerry Smith, que morava mais acima na rua, deu um dólar ao motorista para ficar com uma lasca de uma delas. Levou a lasca para ser examinada na Universidade de Boston, e disseram que era granito comum.

“Uma das últimas acertou uma mesinha que elas tinham no quintal e espatifou-a toda.

“Mas absolutamente nada que não estivesse dentro da propriedade delas foi atingido.”

Ela para e se vira para mim da janela, abatida com todas aquelas lembranças. Brinca displicentemente com o cabelo despenteado na moda.

— Não saiu muita coisa no jornal da cidade. Quando Billy Harris chegou, era ele quem fazia a cobertura de Chamberlain, já tinham consertado o telhado, e ouviu contar que as pedras tinham varado as telhas, acho que ele achou que o estávamos fazendo de bobo.

“Ninguém quer acreditar em mim, mesmo agora. Você e todas as pessoas que lerem o que você escreveu gostariam de poder achar isso tudo muito engraçado e me considerar mais uma doida que tomou sol demais. Mas *aconteceu*. Havia um monte de gente no quarteirão que *viu* quando aconteceu, e foi tão real como aquele bêbado levando a menininha com o nariz sangrando. E agora, ainda tem mais isso. Que ninguém pode achar engraçado e esquecer. Morreu muita gente.

“E isso já ultrapassou o terreno das White.”

Ela ri, mas sem achar graça nenhuma. Prossegue:

— Ralph White tinha um seguro de vida, e Margaret recebeu muito dinheiro quando ele morreu... indenização em dobro. A casa também estava no seguro, mas ela nunca recebeu um tostão por aquilo. O prejuízo foi causado por um ato de Deus. Justiça poética, hein?

Ela ri mais um pouco, ainda sem achar graça nenhuma...

Copiado várias vezes na página de um caderno da Ewen Consolidated High School pertencente a Carrie White:

*Everybody's guessed / that baby can't be blessed / 'til she finally sees that she's like all the rest...*³ [Todo mundo já sacou / Essa garota não pode ser abençoada / Até acabar vendo que é como as outras...]

Carrie entrou em casa e fechou a porta. A claridade desapareceu e foi substituída por sombras escuras, friagem e um cheiro opressivo de talco. Só se ouvia o tiquetaque do relógio cuco da Floresta Negra da sala. Mamãe ganhou o cuco com Selos Verdes.⁴ Uma vez, na sexta série, Carrie se preparou para perguntar à mamãe se os Selos Verdes não eram pecaminosos, mas não teve coragem.

Atravessou o hall e guardou o casaco no armário. Um quadro luminoso em cima do cabideiro retratava um Jesus fantasmagórico pairando sinistramente sobre uma família sentada à mesa da cozinha. Embaixo havia a legenda (também luminosa): *O Convidado Invisível*.

Entrou na sala de estar e ficou parada no meio do tapete desbotado que começava a desfiar. Fechou os olhos e observou os pontinhos faiscando no escuro. A dor de cabeça lhe latejava incomodamente atrás das têmporas.

Sozinha.

Mamãe trabalhava na máquina de passar e dobrar na lavanderia Blue Ribbon no centro de Chamberlain. Trabalhava lá desde que Carrie tinha 5 anos, quando o dinheiro da indenização e do seguro do acidente com seu pai começou a acabar. Seu horário era de sete e meia da manhã até quatro da tarde. A lavanderia era ateia. Mamãe lhe dissera tantas vezes. O gerente, Sr. Elton Mott, era especialmente ateu. Mamãe dizia que Satã tinha reservado um canto especial azul do Inferno para Elt, como ele era chamado na Blue Ribbon.

Sozinha.

Ela abriu os olhos. Na sala, havia duas cadeiras de espaldar reto. Havia também uma mesa de costura com uma lâmpada onde Carrie às vezes fazia vestidos à noite enquanto mamãe fazia paninhos de renda e falava sobre A Vinda. O cuco da Floresta Negra ficava na parede do fundo.

Havia muitos quadros religiosos, mas o preferido de Carrie ficava em cima de sua cadeira. Representava Jesus conduzindo cordeiros para uma colina tão verdinha como o campo de golfe de Riverside. Os outros não eram tão plácidos: Jesus expulsando os vendilhões do templo, Moisés atirando as Tábuas da Lei nos adoradores do bezerro de ouro, Tomé, o incrédulo, tocando no lado ferido de Cristo (ah, como esse quadro a fascinava e a horrorizava, e quantos pesadelos lhe causara quando ela era criança!), a arca de Noé pairando acima dos pecadores agoniados que se afogavam, Lot e sua família fugindo do grande incêndio de Sodoma e Gomorra.

Numa mesinha de pinho, havia uma lâmpada e uma pilha de folhetos. O de cima mostrava um pecador (sua situação espiritual era óbvia pela expressão agoniada em seu rosto) se arrastando para se esconder debaixo de uma enorme pedra. O título clamava: *Nem a pedra há de escondê-lo NAQUELE DIA!*

Mas a sala era realmente dominada por um imenso crucifixo de gesso na parede do fundo, com mais de 1,20m de altura. Mamãe o mandara vir pelo correio especialmente de St. Louis. O Jesus nele crucificado estava congelado num grotesco ríctus de dor com os músculos contraídos e a boca retorcida para baixo como quem está gemendo. O sangue das feridas abertas pela coroa de espinhos lhe escorria pelas têmporas e pela testa. Tinha os olhos revirados numa expressão medieval de agonia oblíqua. Tinha as duas mãos também ensanguentadas e os pés pregados numa pequena plataforma de gesso. Esse corpo também provocara em Carrie pesadelos sem fim, em que o Cristo mutilado a perseguia por corredores de sonho segurando um malho e pregos, suplicando-lhe que tomasse a cruz dela e O seguisse. Ultimamente, esses sonhos haviam se transformado em algo menos compreensível porém mais sinistro. Aparentemente, o objetivo não era assassinato, mas algo ainda mais terrível.

Sozinha.

A dor das pernas e da barriga e das partes íntimas diminuía um pouco. Ela já não achava que fosse morrer de hemorragia. A palavra era *menstruação*, e de repente aquilo pareceu lógico e inevitável. Era sua “hora do mês”. Ela deu uma risadinha estranha e assustada no silêncio solene da sala. Aquilo soava como um programa de perguntas. Você também pode ganhar uma viagem com tudo pago para as Bermudas em sua hora do mês. Como a lembrança das pedras, o conhecimento da menstruação parecia ter estado sempre ali, bloqueado, mas à espera.

Ela se virou e subiu pesadamente. O banheiro tinha um piso de madeira que fora esfregado até ficar quase branco (asseio vem depois de Santidade) e uma

banheira com pés de garra. Manchas de ferrugem salpicavam a porcelana embaixo da bica cromada, e não havia cano para chuveiro. Mamãe dizia que chuveiro era uma coisa pecaminosa.

Carrie entrou, abriu o armário das toalhas e começou a procurar com determinação, mas tomando o cuidado de não deixar nada fora do lugar. Os olhos de mamãe eram treinados.

A caixa azul estava bem no fundo, atrás das toalhas velhas já fora de uso. Na lateral, trazia a silhueta indistinta de uma mulher com uma túnica comprida e transparente.

Ela pegou um dos absorventes e examinou-o com cuidado. Uma vez, no meio da rua, na frente de todo mundo, usara um desses para tirar o excesso deixado pelo batom que trazia escondido no bolso. Agora se lembrava (ou imaginava se lembrar) de olhares interrogativos e chocados. Ficou rubra. *Elas* lhe haviam contado. O rubor transformou-se em palidez de raiva.

Foi para seu quartinho minúsculo. Havia muitos outros quadros religiosos ali, porém com mais cordeiros e menos cenas de santa ira. Havia uma flâmula da Ewen pregada na parede em cima da cômoda. Na cômoda propriamente dita, havia uma Bíblia e um Jesus de plástico fosforescente.

Ela se despiu — tirou primeiro a blusa, depois a odiosa saia pelo joelho, a combinação, a cinta, os calções, as ligas, as meias. Olhou para aquele monte de roupas pesadas, cheias de botões e elástico, com uma expressão de infelicidade atroz. Na biblioteca da escola havia uma pilha de números atrasados da *Seventeen* que ela folheava muitas vezes, colando no rosto uma expressão idiota de naturalidade. As modelos pareciam tão fáceis e serenas com aquelas saínhas curtas, aquelas meias-calças e aquelas roupas de baixo estampadas e cheias de frufus. Claro que *fácil* era uma das palavras preferidas de mamãe (sabia sem sombra de dúvida o que mamãe diria) para descrevê-las. E isso a deixaria terrivelmente sem jeito, ela sabia. Nua, má, maculada com o pecado do exibicionismo, a brisa soprando lascivamente por trás de suas pernas, incitando a luxúria. E ela sabia que *elas* saberiam como ela se sentia. Sempre sabiam. Elas iriam constrangê-la de alguma forma, cruelmente levá-la a tornar a fazer papel de palhaça. Era o jeito delas.

Podia, sabia que podia estar

(o quê)

em outro lugar. Tinha cintura grossa porque às vezes se sentia tão desgraçada, vazia, entediada que a única maneira de preencher esse buraco vazio e sonoro era comer, comer e comer — mas não era tão gorda assim. Sua química corporal

não a deixava ultrapassar um certo ponto. E ela achava suas pernas realmente bonitas, quase tanto quanto as de Sue Snell ou Vicky Hanscom. Ela podia ser

(o que o que o quê)

podia parar de comer chocolate e sua pele melhoraria. Sempre melhorava. Podia arrumar o cabelo. Comprar meias-calças e meias azuis e verdes. Fazer saíngas e vestidos pelos moldes dos catálogos Butterick e Simplicity. Pelo preço de uma passagem de ônibus, uma passagem de trem. Ela podia estar, podia ser, podia ser...

Viva.

Desabotoou o pesado sutiã de algodão e o deixou cair. Seus seios eram brancos como leite, empinados e macios. Os mamilos tinham um tom claro de café. Afagou-os e sentiu um arrepio percorrê-la. O mal, ah, era sim, mamãe lhe dissera que ali havia Coisa. A Coisa era perigosa, antiga, inefavelmente má. Podia tornar a pessoa fraca. *Atenção*, dizia mamãe. *Isso vem à noite. Fará você pensar no mal que acontece em estacionamentos e hotéis de beira de estrada.*

Mas, embora fossem apenas 9h20 da manhã, Carrie achou que estava com a Coisa. Passou a mão nos seios

(travesseirosimundos)

de novo, e a pele estava fria, mas os mamilos estavam quentes e duros, e quando ela beliscou um deles sentiu-se fraca e se desmanchando. Sim, aquilo era a Coisa.

Suas calcinhas estavam manchadas de sangue.

De repente sentiu que precisava cair em prantos, gritar ou arrancar a Coisa de seu corpo inteiro e, pulsando, esmagá-la, matá-la.

O absorvente que a Srta. Desjardin colocara já estava enxarcado e ela trocou-o cuidadosamente, sabendo o quanto era má, o quanto *elas* eram más, o quanto odiava a elas e a si mesma. Só mamãe era boa. Mamãe lutara com o Diabo e o vencera. Carrie vira isso acontecer num sonho, mamãe enxotara-o porta afora com uma vassoura, e o Diabo fugira pela Carlin Street no escuro, os pés fendidos tirando faíscas do cimento.

Sua mãe arrancara a Coisa de dentro dela e era pura.

Carrie a odiava.

Viu o próprio rosto no espelhinho pendurado atrás da porta, um espelho com uma moldura barata de plástico verde, que só servia para ela se ver quando se penteava.

Odiava aquela cara, aquela cara sem graça, idiota e bovina, os olhos insípidos, as espinhas vermelhas e brilhantes, os ninhos de cravos. Odiava sua cara mais

que tudo.

O reflexo de repente foi dividido por uma rachadura prateada cheia de dentes. O espelho caiu no chão e se espatifou aos seus pés, deixando apenas a moldura de plástico a olhar para ela como um olho cego.

Do Dicionário de fenômenos psíquicos de Ogilvie:

Telecinesia é a capacidade de mover objetos ou modificá-los pela força da mente. Tem havido relatos confiáveis desse fenômeno em momentos de crise ou em situações de tensão, quando carros ou escombros de prédios desmoronados foram levitados para que pudessem retirar corpos presos.

O fenômeno é muitas vezes confundido com a atividade de poltergeists, que são espíritos brincalhões. Deve-se observar que os poltergeists são seres astrais cuja realidade é discutível, enquanto a telecinesia é considerada uma função empírica da mente, possivelmente de natureza eletroquímica...

Quando terminaram de fazer amor, enquanto arrumava com calma a roupa no banco traseiro do Ford 1963 de Tommy Ross, Sue Snell viu seus pensamentos voltarem para Carrie White.

Era sexta-feira à noite e Tommy (que olhava pensativo pela janela traseira ainda com as calças na altura dos tornozelos; uma cena cômica, mas de uma ternura estranha) a levava ao boliche. Isso, obviamente, era uma desculpa mutuamente aceita. Fornicar era o que estava na cabeça deles desde o início.

Ela já vinha mais ou menos namorando Tommy desde outubro (agora era maio) e só há duas semanas eram amantes. Sete vezes, ela emendou. Essa noite, fora a sétima. Ainda não tinha havido fogos de artifício nem bandas tocando o hino à bandeira, mas melhorara um pouco.

Na primeira vez, sentiu uma dor danada. Suas amigas Helen Shyres e Jeanne Gault já haviam feito aquilo, e ambas lhe garantiram que só doía um minuto — como uma injeção de penicilina — e depois era um mar de rosas. Mas para Sue a primeira vez fora como ser alargada com o cabo de uma enxada. Tommy lhe confessara então, com um sorriso, que colocara a camisinha errado, também.

Essa noite era só a segunda vez que ela começara a sentir algo parecido com prazer, e aí acabou-se. Tommy segurara o máximo, mas então simplesmente... acabou. Pareceu muita esfregação para pouco calor.

Depois, ela se sentiu abatida e melancólica, e, nesse estado de espírito, pensou em Carrie. Uma onda de remorso colheu-a com todas as guardas emocionais abaixadas, e quando Tommy tirou os olhos da vista da Brickyard Hill, ela estava

chorando.

— Ei — disse ele, alarmado. — Ei. — Abraçou-a desajeitado.

— Está tudo bem — disse ela, ainda chorando. — Você não tem nada a ver com isso. Fiz uma coisa meio feia hoje. Estava pensando nisso.

— O quê? — Ele lhe deu tapinhas carinhos na nuca.

Então ela se viu entrando na história do incidente daquela manhã, custando a acreditar que estivesse ouvindo a própria voz. Olhando com franqueza, percebeu que a principal razão pela qual deixara Tommy possuí-la era o

(amor? a paixão? não importava, o resultado era o mesmo)

que estava sentindo por ele, e colocar-se agora neste papel — de coadjuvante numa brincadeira de mau gosto de vestiário — dificilmente era o método aprovado para se fisgar um cara. E Tommy era, naturalmente, popular. Como alguém que foi popular a vida inteira, quase parecia escrito que ela conheceria e se apaixonaria por alguém tão popular quanto ela. Era quase certo que eles seriam eleitos rei e rainha do Baile da Primavera da escola, e a turma dos formandos já os elegera o par da turma para o anuário. Eles passaram a ser uma estrela fixa no firmamento instável das relações da escola, os reconhecidos Romeu e Julieta. E, com uma raiva súbita, viu que havia um casal como eles em cada escola média para brancos na periferia das grandes cidades americanas.

E agora que tinha o que sempre desejara — uma certa posição, segurança, status — viu que, junto com isso, vinha também um desconforto, como uma irmã mais escura. Não fora assim que ela imaginara aquilo. Havia coisas sombrias rondando o cálido círculo luminoso deles. A ideia de que o deixara comê-la

(precisa dizer dessa maneira, sim, dessa vez preciso)

simplesmente porque ele era popular, por exemplo. O fato de que eles formavam um belo par, ou de que ela podia se ver refletida junto com ele na vitrine de uma loja e pensar: *Lá vai um bonito casal*. Ela tinha certeza

(ou apenas esperança)

de não ser tão fraca, de não ser tão propensa a se enquadrar docilmente nas esperanças complacentes de pais, amigos, e até nas suas próprias. Mas agora havia esse caso do chuveiro, onde ela entrara de cabeça com um prazer selvagem. A palavra que ela estava evitando era *conformar-se*, no infinitivo, que evocava imagens tristes de rolinhos de cabelo, longas tardes passando a ferro diante de novelas enquanto o maridinho estava fora caçando patifes num cargo anônimo; de entrar para a APM e depois para o clube de campo quando sua renda alcançasse cinco dígitos; de pílulas em inúmeras caixinhas redondas

amarelas para não deixá-la passar do tamanho de menina, antes que fosse absolutamente necessário, nem deixá-la sofrer a intrusão de um serzinho estranho e repulsivo que se borrava todo e berrava para ser acudido às duas da manhã; de lutar com um decoro desesperado para não deixar crioulos entrarem em Kleen Korner, ombro a ombro com Terri Smith (*Miss Flor de Batata* de 1975) e Vicki Jones (vice-presidente da Liga Feminina), armada com cartazes e petições e sorrisos meigos, ligeiramente desesperados.

Carrie, era essa maldita Carrie, isso era culpa dela. Talvez ela já tivesse ouvido antes alguém rondando o lugar iluminado que ela e Tommy ocupavam, mas hoje à noite, ao se ouvir contando sua própria história sórdida e reles, ela viu o vulto real de todas essas coisas, e olhos amarelos que brilhavam como lanternas no escuro.

Já havia comprado o vestido da festa de formatura. Era azul. Era lindo.

— Tem razão — disse ele quando ela acabou. — Más notícias. Nem parece você. — A expressão dele era séria e ela sentiu uma ponta fria de terror. Depois ele sorriu, tinha um sorriso muito alegre, e a escuridão recuou um pouco.

— Uma vez chutei as costelas de um garoto desacordado. Já lhe contei isso?

Ela fez que não com a cabeça.

— É. — Ele esfregou o nariz recordando, e sua bochecha fez um pequeno tique, como quando confessou ter colocado a camisinha errado da primeira vez. — O nome do garoto era Danny Patrick. Uma vez, na sexta série, ele me encheu de porrada. Eu tinha ódio dele, mas também estava com medo. Eu estava armando para ele. Sabe o que é isso?

Ela não sabia, mas fez que sim com a cabeça assim mesmo.

— De qualquer maneira, ele acabou pegando o garoto errado mais ou menos um ano depois. Pete Taber. Ele era baixinho, mas era musculoso à beça. Danny o irritou por algum motivo, e Peter acabou se levantando cheio de razão e o encheu de porrada. Foi no pátio da velha Kennedy Junior High. Danny caiu, bateu com a cabeça e desmaiou. Todo mundo fugiu. A gente achou que ele podia estar morto. Eu também fugi, mas antes dei-lhe um bom chute nas costelas. Depois me senti péssimo por isso. Você vai pedir desculpas a ela?

A pergunta pegou Sue desprevenida e ela não conseguiu fazer outra coisa senão encerrar o assunto mostrando fraqueza:

— Você pediu?

— Hã? Eu não! Tinha coisa melhor para fazer que perder meu tempo fazendo média. Mas há uma grande diferença, Susie.

— Há?

— Não estamos mais na sétima série. E eu tinha um motivo, mesmo que fosse infame. O que a infeliz daquela bobona lhe fez?

Ela não respondeu porque não podia. Nunca dirigira mais de cem palavras a Carrie na vida, das quais umas quarenta haviam sido ditas nesse dia. Educação Física era a única aula que faziam juntas desde que se formaram na Chamberlain Junior High. Carrie estava fazendo o curso de administração comercial. Sue, obviamente, estava na área de ciências humanas.

De repente, se achou abjeta.

Viu que não aguentava e transferiu para ele.

— Quando você começou a tomar todas essas grandes decisões morais? Depois que começou a me comer?

Ela viu o bom humor sumir do rosto dele e se arrependeu.

— Acho que devia ter ficado quieto — disse ele, e acabou de vestir as calças.

— Não é você, sou eu. — Ela pôs a mão no braço dele. — Estou com vergonha, não vê?

— Sei — disse ele. — Mas eu não devia ficar dando conselho. Não sou muito bom nisso.

— Tommy, alguma vez você ficou com ódio de ser... bem, popular?

— Eu? — A pergunta fez a surpresa se estampar no rosto dele. — Você está falando de ser líder do time de futebol e representante de turma, essas coisas?

— Estou.

— Não. Isso não é muito importante. A escola de ensino médio não é um lugar muito importante. Quando você está nela, acha que é grande coisa, mas, quando acaba, ninguém pensa que foi o máximo a não ser que esteja com a cara cheia de cerveja. É assim que meu irmão e os amigos dele estão, aliás.

Isso não a tranquilizou; agravou seus medos. Suezinha, jeitosa da Ewen High School, dona do pedaço. Vestido de formatura encalhado para sempre no armário, numa capa de plástico.

A noite escura encostava nos vidros do carro ligeiramente embaçados.

— Provavelmente vou acabar indo trabalhar no estacionamento do meu pai — disse ele. — Vou passar minhas noites de sexta e sábado no bar Uncle Billy ou no The Cavalier bebendo cerveja e conversando sobre a tarde de sábado em que ganhei aquele arremesso de Saunders e deixamos Dorchester nervoso. Casar com uma mulher chata e sempre ter o modelo do último ano, votar nos Democratas...

— Não — disse ela de repente, com um pavor doce e sinistro a lhe encher a boca. — Faça amor comigo. Minha cabeça hoje está péssima. Faça amor

comigo. Faça amor comigo.

Então ele fez amor com ela e dessa vez foi diferente, dessa vez afinal pareceu caber e não houve aquela esfregação cansativa, mas sim uma deliciosa fricção que subia e descia: por duas vezes ele precisou parar, ofegante, segurou-se, depois foi de novo

(ele era virgem antes de mim e confessou, eu acreditaria numa mentira) e com força e a respiração dela saía entrecortada e funda, e aí ela começou a gritar e segurar as costas dele, sem conseguir parar, suando, sem gosto ruim na boca, cada célula parecendo ter seu próprio clímax, corpo cheio de luz, notas musicais em sua mente, borboletas atrás de seu crânio na gaiola de sua mente.

Depois, voltando para casa, ele convidou-a formalmente para ir ao Baile da Primavera com ele. Ela aceitou. Ele perguntou se ela tinha resolvido o que fazer a respeito de Carrie. Ela disse que não. Ele disse que não fazia diferença, mas ela achava que fazia. Começara a parecer que fazia a maior diferença.

De “Telekinesis: Analysis and Aftermath” (*Science Yearbook* 1981) [Telecinesia: Análise e Consequências (*Anuário de Ciências* 1981)], do reitor D. L. McGuffin:

Naturalmente, ainda hoje existem cientistas — dentre os quais, infelizmente, o grupo da Universidade de Duke é o mais importante — que rejeitam as terríveis implicações subjacentes ao caso Carrie White. Como a Sociedade da Planície, os rosa-cruzes ou os corlies do Arizona, que afirmam categoricamente que a bomba atômica não funciona, esses infelizes estão fugindo da lógica enfiando a cabeça na areia — e peço perdão pela metáfora mista.

Obviamente é possível entender a consternação, a grita, as cartas e as discussões revoltadas em assembleias científicas. A própria ideia de telecinesia tem sido dura de engolir para a comunidade científica, com seus requintes de filme de terror de mesas Ouija, e médiuns e batidas em mesas e coroas que voam; mas o conhecimento não é desculpa para a irresponsabilidade científica.

O resultado do caso White suscita questões graves e difíceis. Nossas concepções estabelecidas sobre o modo como se supõe que o mundo natural aja e reaja foram abaladas por um terremoto. Pode-se censurar até mesmo um físico de renome como Gerald Luponet por afirmar que tudo é uma impostura e uma fraude, mesmo em face de uma prova tão acachapante como a apresentada pela Comissão White? Pois se Carrie White for a verdade, onde fica Newton?

Carrie e mamãe estavam na sala, ouvindo Tennessee Ernie Ford cantar “Let the Lower Lights Be Burning” [Que as luzes de baixo continuem ardendo] num

fonógrafo Webcor (que mamãe chamava de victrola ou, se estivesse de ótimo humor, de vic). Carrie estava pedalando na máquina de costura, pregando as mangas num vestido novo. Mamãe estava embaixo do crucifixo de gesso, fazendo paninhos de renda e acompanhando com os pés a música, que era uma de suas preferidas. O Sr. P. P. Bliss, que compusera esse hino e outros tantos, era para mamãe um dos exemplos fulgurantes de Deus agindo sobre a face da terra. Ele fora marinheiro e pecador (dois termos sinônimos no léxico de mamãe), um grande blasfemador, alguém que ria do Todo-Poderoso. Então houve uma grande tormenta no mar, o navio ameaçou virar, e o Sr. P. P. Bliss se pôs de joelhos com uma visão do Inferno escancarado no fundo do oceano para recebê-lo, e rezara a Deus. O Sr. P. P. Bliss fez a promessa de que, se Deus o salvasse, dedicaria o resto da vida a Ele. A tormenta, obviamente, se dissipou na mesma hora.

*De nosso Pai, a misericórdia,
De seu farol sempre se irradia,
Mas a nós ele confere a guarda
Das luzes de todo o litoral...*

Todos os hinos do Sr. P. P. Bliss tinham um sabor de mar.

O vestido que ela estava fazendo era realmente bem bonito, de um bordô-escuro — o tom mais próximo do vermelho que mamãe lhe permitia —, e as mangas eram bufantes. Ela tentou se concentrar estritamente na costura, mas, claro, seu pensamento ia para outras coisas.

A luz do teto era forte e agressiva e amarela, o sofazinho de veludo empoeirado naturalmente estava vazio (Carrie nunca recebeu um menino em casa Para Sentar), e na parede do fundo havia uma sombra dupla: o Jesus crucificado e, embaixo d'Ele, mamãe.

A escola ligara para mamãe na lavanderia e ela fora para casa ao meio-dia. Carrie vira-a subindo a rua e tremeu por dentro.

Mamãe era uma mulher enorme, e sempre usava chapéu. Ultimamente suas pernas tinham dado para inchar, e seus pés pareciam sempre estar transbordando dos sapatos. Usava um casaco preto com gola de pele. Seus olhos eram azuis e ampliados atrás dos óculos bifocais sem aro. Sempre levava uma pasta preta a tiracolo, dentro da qual ficavam seu porta-moedas, sua carteira (ambos pretos), uma grande Bíblia do rei Jaime (também preta) com seu nome gravado em ouro na capa e uma pilha de folhetos presos com elástico. Os folhetos costumavam ser laranja e mal impressos.

Carrie sabia vagamente que mamãe e papai Ralph haviam sido batistas, mas haviam deixado a igreja quando se convenceram de que os batistas estavam fazendo o trabalho do Anticristo. Desde então, todo culto era feito em casa. Mamãe oficiava cultos aos domingos, terças e sextas. Estes dias eram chamados de dias santos. Mamãe era a ministra. Carrie, a assembleia. Os cultos duravam de duas a três horas.

Mamãe abrira a porta e entrara impassível. Ela e Carrie se olharam por um momento, cada uma de um lado do exíguo saguão, como pistoleiros antes de um duelo. Foi num desses breves instantes que parecem

(medo poderia realmente ser medo nos olhos de mamãe)
muito mais longos em retrospecto.

Mamãe fechou a porta ao entrar.

— Você é uma mulher — disse ela baixinho.

Carrie sentiu seu rosto se contrair e se franzir e não pôde fazer nada.

— Por que não me *contou*? — gritou. — Ah, mamãe, tive tanto *medo*! E todas as meninas ficaram me gozando e me atirando coisas e...

Mamãe tinha se aproximado dela, e de repente sua mão ágil desceu rapidamente, uma mão dura, calejada e musculosa do trabalho na lavanderia. As costas dessa mão acertaram o queixo de Carrie, que caiu na passagem entre o saguão e a sala, chorando alto.

— E Deus fez Eva da costela de Adão — disse mamãe. Seus olhos estavam enormes com os óculos sem aro; pareciam ovos pochês. Ela deu um chute de lado em Carrie, e a menina gritou. — Levante-se, mulher. Vamos entrar e orar. Vamos orar a Jesus por nossas almas fracas de mulher, perversas e pecadoras.

— *Mamãe...*

Os soluços eram violentos demais para permitir mais que isso. A histeria latente se manifestara em riso e palavras sem nexos. Ela não conseguia ficar em pé. Só conseguiu se arrastar para a sala com o cabelo caído na cara, aos urros. De quando em quando, mamãe lhe dava um chute. Assim elas avançaram pela sala rumo ao local do altar, que anteriormente tinha sido um quartinho.

— E Eva foi fraca e... repita, mulher. Repita!

— Não, mamãe, por favor, me ajude...

O pé balançou. Carrie gritou.

— E Eva foi fraca e soltou o corvo no mundo — prosseguiu mamãe —, e o corvo se chamou pecado, e o primeiro pecado foi o coito. E o Senhor infligiu uma maldição a Eva, e a maldição foi a maldição do sangue. E Adão e Eva foram expulsos do Jardim para o mundo e Eva descobriu que tinha um filho

crescendo no ventre.

O pé balançou e acertou as nádegas de Carrie. Ela raspou o nariz no chão de madeira. As duas estavam entrando no quarto do altar. Havia uma cruz numa mesa coberta com um pano de seda bordado. De ambos os lados da cruz havia velas brancas. Atrás disso havia diversos quadros tipo para-cada-número-use-uma-cor de Jesus e Seus apóstolos. E à direita ficava o pior lugar de todos, a morada do terror, o antro onde toda esperança, toda resistência à vontade de Deus — e de mamãe — se extinguíam. A porta do armário estava aberta. Lá dentro, embaixo de uma monstruosa lâmpada azul, sempre acesa, ficava a concepção de Derrault do famoso sermão *Pecadores nas mãos de um Deus irado*, de Jonathan Edwards.

— E houve uma segunda maldição, e esta foi a maldição do parto, e Eva deu à luz Caim banhada em sangue e suor.

Agora mamãe arrastou-a, meio em pé, meio de rastros, até o altar, onde ambas se ajoelharam. Mamãe agarrava o pulso de Carrie com força.

— E depois de Caim, Eva deu à luz Abel, ainda sem ter se arrependido do pecado do coito. Então o Senhor infligiu uma terceira maldição a Eva, e esta foi a maldição do assassinato. Caim se levantou e matou Abel com uma pedrada. Mas assim mesmo Eva não se arrependeu, nem todas as filhas de Eva, e sobre Eva, a engenhosa serpente fundou um reino de prostituição e pestilência.

— *Mamãe!* — gritou a menina. — Mamãe, escute, por favor! *Eu não tive culpa!*

— Abaixе a cabeça — disse mamãe. — Vamos orar.

— *Você devia ter me contado!*

Mamãe desceu a mão na nuca de Carrie e por trás dessa mão havia toda a musculatura forte desenvolvida por 11 anos de levantamento de pesados sacos de roupa suja e transporte de pilhas de lençóis molhados. A cara esbugalhada de Carrie foi projetada à frente e sua testa bateu no altar, deixando uma marca e fazendo as velas tremerem.

— Vamos orar — disse mamãe baixinho, implacável.

Chorando e fungando, Carrie abaixou a cabeça. Seu nariz escorria, e ela limpou o catarro

(se eu tivesse ganho cinco centavos cada vez que ela me fez chorar aqui) com o dorso da mão.

— Ó Senhor — mamãe declamou exageradamente, a cabeça para trás —, ajudai essa mulher pecadora a meu lado a ver o pecado de sua maneira de ser. Mostrai-lhe que se ela se tivesse mantido pura, a maldição do sangue jamais a

teria atingido. Talvez ela tenha cometido o pecado dos pensamentos lascivos. Talvez tenha ouvido rock no rádio. Talvez tenha sido tentada pelo Anticristo. Mostrai-lhe que esta é vossa mão benevolente e vingativa em ação e...

— Não! Me solte!

A menina tentou se levantar, e a mão de mamãe, forte e implacável como uma algema de ferro, fez com que ela tornasse a cair de joelhos.

— ... e mostrai que doravante ela deve seguir pela senda reta e estreita se quiser evitar a agonia das chamas do abismo eterno. Amém.

Voltou os olhos brilhantes e ampliados para a filha.

— Agora vá para seu armário.

— Não! — Sentiu o peso do pavor na respiração.

— Vá para seu armário. Reze em segredo. Peça perdão por seu pecado.

— Eu não pequei, mamãe. *Você* pecou. Não me contou e elas riram.

Ela tornou a ver o medo faiscar nos olhos de mamãe, rápido e silencioso como raios de verão. Mamãe começou a empurrar Carrie para o clarão azul do armário.

— Reze a Deus e talvez você seja purificada de seus pecados.

— Mamãe, me solte.

— Reze, mulher.

— Vou fazer as pedras voltarem, mamãe.

Mamãe estacou.

Até o ar pareceu parar em sua garganta por um instante. Então a mão foi lhe apertando o pescoço, até Carrie ver estrelas vermelhas brilhando diante de seus olhos e sentir o cérebro confuso e distante.

Os olhos ampliados de mamãe flutuavam diante dela.

— Sua cria do diabo — murmurou ela. — Por que fui tão amaldiçoada?

Carrie se esforçou para encontrar no turbilhão de sua mente algo imenso o bastante para exprimir sua agonia, sua vergonha, seu terror, seu ódio, seu medo. Toda a sua vida parecia estar reduzida a este miserável ponto derrotado de rebeldia. Seus olhos se esbugalharam alucinados, sua boca cheia de saliva se escancarou.

— *Sua ESCROTA!* — gritou.

Mamãe chiou como um gato queimado.

— Pecado! — gritou. — Ó pecado! — Começou a bater nas costas, no pescoço, na cabeça de Carrie. Carrie foi impelida girando para dentro do clarão azul do armário ali ao lado.

— *Sua FODIDA!* — gritou Carrie.

(ora ora ora de que outro jeito acha que ela te teve minha nossa)

Foi atirada de cabeça dentro do armário, bateu na parede do fundo e caiu no chão meio atordoada. A porta bateu e a chave girou.

Estava sozinha com o Deus irado de mamãe.

A luz azulada iluminava um quadro de um Javé imenso e barbado lançando multidões de humanos nas profundezas enfumaçadas de um abismo de fogo. Embaixo, horrendas figuras negras se debatiam nas chamas da perdição enquanto o Diabo estava sentado num enorme trono cor de fogo com um tridente em cada mão. Tinha corpo de homem, mas com uma cauda terminando em seta e uma cabeça de chacal.

Dessa vez, ela não iria entregar os pontos.

Mas claro que entregou. Levou seis horas, mas entregou, chorando e gritando para mamãe vir abrir a porta e soltá-la. A vontade de urinar era terrível. O Diabo ria para ela com aquela boca de chacal, e seus olhos escarlates conheciam todos os segredos do sangue da mulher.

Depois de deixar Carrie gritando por uma hora, mamãe soltou-a. Carrie correu desesperada para o banheiro.

Só três horas depois, já debruçada sobre a máquina de costura como uma penitente, é que foi se lembrar do medo nos olhos de mamãe e achou que sabia o porquê.

Já chegara a passar um dia inteiro de castigo dentro do armário — quando roubou um anel de 49 centavos da loja de \$1,99, quando a mãe encontrou aquele retrato de Flash Bobby Pickett embaixo de seu travesseiro —, e uma vez até desmaiou de inanição, sufocada com o fedor dos próprios excrementos. E nunca respondera como hoje. Hoje chegara até a dizer aquele palavrão começando com F. No entanto mamãe a soltara logo que ela entregara os pontos.

Pronto. A roupa estava pronta. Tirou o pé do pedal e segurou o vestido para ver. Era comprido. E feio. Ela o odiava.

Sabia por que mamãe a tinha soltado.

— Mamãe, posso ir para a cama?

— Pode. — Mamãe não tirou os olhos do paninho.

Carrie dobrou o vestido e o pendurou no braço. Olhou para a máquina de costura. Na mesma hora o pedal mexeu. A agulha começou a subir e descer, com seu brilho de aço faiscante. O carretel zumbia e pulava. A roda lateral girava.

Mamãe levantou a cabeça, olhos arregalados. Os pontos da borda do paninho, intricadíssimos e ao mesmo tempo precisos e regulares, de repente se embolaram.

— Só estou desenfiando a máquina — disse Carrie baixinho.
— Vá para a cama — disse a mãe lacônica, com o medo outra vez nos olhos.
— Sim,
(ela estava com medo que eu arrancasse a porta do armário)
mamãe.
(e acho que poderia acho que poderia sim acho que poderia)

Do livro *The Shadow Exploded* (p. 58):

Margaret White nasceu e se criou em Motton, uma cidadezinha cujos alunos de ensino médio eram transferidos para as escolas da cidade vizinha, Chamberlain. Seus pais viviam relativamente bem. Eram proprietários de uma próspera casa noturna na entrada de Motton chamada The Jolly Roadhouse [A Casa Alegre]. O pai de Margaret, John Brigham, foi morto num tiroteio de bar no verão de 1959.

Margaret Brigham, então com quase 30 anos, começou a frequentar reuniões fundamentalistas de oração. Sua mãe se envolvera com outro homem (Harold Allison, com quem acabou se casando), e ambos queriam que Margaret saísse de casa — ela achava que a mãe, Judith, e Harold Allison estavam vivendo em pecado e manifestava sua opinião com frequência. Judith Brigham dava como certo que a filha morreria solteirona. Nas palavras mais pungentes do futuro padrasto, “a cara de Margaret parecia a traseira de um caminhão-tanque e o corpo era de acordo”. Ele também se referia a ela como “um Jesusinho rezando”.

Margaret recusou-se a sair de casa até 1960, quando conheceu Ralph White numa campanha religiosa. Em setembro desse ano, mudou-se para um pequeno apartamento no centro de Chamberlain.

O namoro de Margaret Brigham e Ralph White terminou em casamento em 23 de março de 1962. No dia 3 de abril de 1962, Margaret White teve uma rápida passagem pelo Westover Doctors Hospital.

— Não, ela não quis nos contar qual era o problema — disse Harold Allison.
— Na única vez em que fomos visitá-la, ela nos disse que estávamos vivendo em adultério embora estivéssemos casados, e que iríamos para o inferno. Disse que Deus tinha marcado nossas testas com um sinal invisível, mas que ela podia vê-lo. Parecia desvairada como morcego dentro de galinheiro. A mãe tentou ser gentil, descobrir qual era o problema. Ela ficou histérica e começou a delirar sobre um anjo que andava pelos estacionamento de estabelecimentos de beira de estrada com uma espada na mão e abatia os maus. Fomos embora.

Judith Allison, no entanto, imaginava qual poderia ser o problema da filha: achava que Margaret sofrera um aborto. Nesse caso, o bebê teria sido concebido fora do casamento. A confirmação desse fato revelaria um aspecto interessante do caráter da mãe de Carrie.

Numa carta longa e um tanto histérica à mãe, datada de 19 de agosto de 1962, Margaret conta que ela e Ralph estavam vivendo sem pecado, sem “a maldição da cópula”. Instava Harold e Judith Allison a fecharem “sua morada do mal” e fazerem o mesmo. “É”, declara Margaret quase no final da carta, “o único modo pelo qual você & aquele homem podem evitar a chuva de sangue. Ralph & eu, como Maria & José, não conheceremos nem cospurcaremos [sic] a carne um do outro. Se houver fruto, que seja Divino.”

Naturalmente, o calendário nos diz que Carrie foi concebida mais tarde naquele mesmo ano...

As meninas se vestiram em silêncio para a aula de Educação Física do primeiro tempo da manhã de segunda-feira, sem brincadeiras de mau gosto e sem muita zoada, e nenhuma delas se surpreendeu muito quando a Srta. Desjardin abriu com violência a porta do vestiário e entrou. O apito de prata balançava entre seus seios pequenos, e, se ela estava com o mesmo short da sexta-feira, não havia vestígio da marca de sangue da mão de Carrie.

As meninas continuaram a se vestir de cara feia, sem olhar para ela.

— Vocês não são a turma das formandas? — perguntou com voz suave a Srta. Desjardin. — Quando é a formatura? Daqui a um mês? E o Baile da Primavera é até antes. Quase todas vocês já têm seu par e seu vestido, aposto. Sue, você vai com Tommy Ross. Helen, Roy Evarts. Chris, imagino que você possa escolher quem bem entender. Quem é o felizardo?

— Billy Nolan — respondeu Chris Hargensen emburrada.

— Bem, não é um felizardo mesmo? — comentou a Srta. Desjardin. — O que você vai dar a ele de lembrança da festa, Chris, um absorvente sujo de sangue? Ou que tal um pedaço de papel higiênico usado? Estou vendo que atualmente você tem sempre essas coisas na bolsa.

Chris ficou rubra.

— Estou de saída. Não preciso ouvir essas coisas.

Desjardin não conseguiu tirar a imagem de Carrie da cabeça o fim de semana inteiro, Carrie gritando, soluçando, um absorvente molhado chapado no meio dos pelos pubianos — e sua própria reação de nojo e irritação.

E agora, quando Chris foi passando como uma flecha, ela a interceptou e a

atirou contra uma fileira de escaninhos verde-oliva amassados ao lado da porta. Chris arregalou os olhos chocada e incrédula. Depois, um ódio insano estampou-se no seu rosto.

— Você não pode bater na gente! Vai para a rua por causa disso! Vai ver só se não vai, sua *vagabunda*!

As outras meninas estremeceram, prenderam a respiração e ficaram olhando para o chão. A coisa estava fugindo do controle. Sue viu pelo canto do olho que Mary e Donna Thibodeau estavam de mãos dadas.

— Estou pouco ligando, Hargensen — disse Desjardin. — Se você, ou alguma de vocês, acha que estou falando como professora agora, está redondamente enganada. Só quero que vocês saibam que fizeram uma sacanagem na sexta-feira.

Chris Hargensen olhava para o chão com ar de desdém. As outras meninas olhavam infelizes tudo, menos a professora. Sue se pegou olhando o boxe — a cena do crime — e desviou a vista rapidamente. Nenhuma delas jamais ouvira um professor usar a palavra sacanagem para coisa nenhuma.

— Alguma de vocês parou para pensar nos sentimentos de Carrie White? Alguma de vocês *alguma vez* para para pensar? Sue? Fern? Helen? Jessica? Alguma de vocês? Vocês a acham feia. Bem, vocês todas são feias. Constatei isso sexta-feira de manhã.

Chris Hargensen estava resmungando qualquer coisa sobre seu pai ser advogado.

— *Cale a boca!* — gritou Desjardin na cara dela. Chris deu um pulo para trás com o susto e bateu com a cabeça nos escaninhos. Começou a gemer e esfregar a cabeça.

— Mais um comentário seu — disse Desjardin delicadamente — e jogo você lá do outro lado. Quer descobrir se estou dizendo a verdade?

Chris, que aparentemente estava convencida de que lidava com uma louca, ficou quieta.

Desjardin pôs as mãos nas cadeiras.

— A secretaria decidiu que vocês serão punidas. Lamento que não seja a *minha* punição. Minha ideia era uma suspensão de três dias e o cancelamento de seus ingressos para o baile.

Várias meninas se entreolharam resmungando mal-humoradas.

— Assim vocês sentiriam na carne — prosseguiu Desjardin. — Infelizmente, o setor administrativo da escola está todo na mão de homens. Não creio que eles possam avaliar quão perversas vocês foram. Uma semana de castigo.

Suspiros espontâneos de alívio.

— Há um porém. Será o *meu* castigo. No ginásio. E vou tirar o couro de vocês.

— Eu não vou — declarou Chris, os lábios contraídos.

— Isso é com você, Chris. Isso é com cada uma de vocês. Mas a pena para quem matar o castigo será três dias de suspensão e o cancelamento de seus ingressos para o baile. Estão entendendo?

Ninguém respondeu.

— Certo. Mudem de roupa. E pensem no que eu disse.

Retirou-se.

Silêncio absoluto por um instante longo e tenso. Então Chris Hargensen falou alto, com uma estridência histérica:

— Ela não vai sair dessa impunemente! — Abriu uma porta ao acaso, pegou um par de tênis e atirou-os longe. — Vou pegar essa mulher! Droga! Droga! Vejam só se não vou! Se a gente se unir, pode...

— Cale a boca, Chris — disse Sue, chocando-se com o tom adulto e sem vida de sua voz. — Cale a boca.

— Isso ainda não acabou — disse Chris Hargensen, abrindo o zíper da saia com violência e pegando o short de educação física verde e puído como mandava o figurino. — Isso ainda vai custar muito a acabar.

E ela estava certa.

Do livro *The Shadow Exploded* (p. 60-61):

Na opinião deste pesquisador, muitas das pessoas que estudaram o caso Carrie White — seja para as publicações científicas, seja para a imprensa popular — deram uma ênfase equivocada à busca relativamente infrutífera de incidentes de telecinesia na infância da menina. Fazendo uma analogia grosseira, seria o mesmo que passar anos procurando incidentes precoces de masturbação na infância de um estuprador.

Assim, o espetacular incidente das pedras acaba causando expectativas erradas. Muitos pesquisadores partiram do ponto de vista equivocado de que, onde houve um incidente, deve haver outros. Fazendo outra analogia, é o mesmo que enviar uma equipe de observadores de meteoro ao Parque Nacional da Cratera porque um imenso asteroide caiu ali há dois milhões de anos.

Ao que eu saiba, não há outros exemplos *registrados* de telecinesia na infância de Carrie. Se Carrie não fosse filha única, poderíamos pelo menos ter

relatos de dezenas de outras ocorrências menos importantes.

No caso de Andrea Kolintz (ver Apêndice II para maiores informações), sabemos que, após levar uma surra por ter engatinhado no telhado, “o armário dos remédios abriu sozinho, vidros caíram no chão ou pareciam voar pelo banheiro, portas abriam e fechavam, e, no auge da manifestação, o armário do som virou e voaram discos pela sala, atingindo as pessoas e se espatifando nas paredes”.

É importante notar que esse relato foi feito por um dos irmãos de Andrea, segundo a edição de 4 de setembro de 1955 da revista *Life*. A *Life* está longe de ser a fonte mais erudita ou mais incontestável, porém a documentação sobre o assunto é farta e inclui um número satisfatório de depoimentos de familiares.

No caso de Carrie White, a única testemunha de um possível prólogo dos acontecimentos finais que encerraram o incidente era Margaret White, e, obviamente, ela está morta...

Henry Grayle, diretor da Ewen High School, passou a semana inteira à espera dele, mas o pai de Chris Hargensen só apareceu na sexta-feira — um dia depois de Chris não ter aparecido para cumprir o castigo com a difícil Srta. Desjardin.

— Sim, Srta. Fish? — Ele falou formalmente no interfone, embora estivesse vendo pela janela o homem na antessala, e certamente conhecia sua cara de fotografias do jornal da cidade.

— John Hargensen quer falar com o senhor, Sr. Grayle.

— Mande-o entrar, por favor. — *Droga, Fish, precisa parecer tão impressionada?*

Grayle era um compulsivo entortador de clipes, rasgador de guardanapos, dobrador de papéis. Para John Hargensen, o principal luminar do Direito da cidade, preparou-se com munção pesada — uma caixa inteira de clipes robustos no meio de sua mesa.

Hargensen era um sujeito alto, que tinha presença, um andar confiante e feições expressivas que diziam estar ali um homem tarimbado no jogo de se adiantar em relação ao interlocutor.

Estava com um terno marrom da Savile Row com sutis reflexos de verde e dourado na trama que humilhava o de Grayle, comprado pronto numa loja da cidade. Trazia uma pasta fina, de couro verdadeiro, com fechos de aço inoxidável. O sorriso era impecável e cheio de várias coroas de jaqueta — um sorriso para fazer os corações das juradas derreterem como manteiga em

frigideira quente. Seu aperto de mão era de primeiro time — firme, quente, demorado.

— Sr. Grayle. Eu queria conhecê-lo há tempos.

— Para mim, é sempre um prazer ver pais interessados — disse Grayle com um sorriso seco. — Por isso temos a reunião de pais todo mês de outubro.

— Claro — sorriu Hargensen. — Imagino que o senhor seja um homem ocupado, e preciso estar no tribunal dentro de 45 minutos. Vamos ao que interessa?

— Claro. — Grayle enfiou os dedos na caixa de cliques e começou a entortar o primeiro. — Imagino que esteja aqui por causa da medida disciplinar tomada contra sua filha Christine. O senhor deve saber que a escola tem um regulamento sobre essa questão. Como um homem interessado no funcionamento da justiça, o senhor deve se dar conta de que há pouca possibilidade de se mudarem as regras ou...

Hargensen fez um gesto impaciente.

— Me parece que o senhor está enganado, Sr. Grayle. Estou aqui porque minha filha foi agredida por sua professora de Educação Física, a Srta. Rita Desjardin. E ofendida verbalmente, eu receio. Acho que o termo que a sua Srta. Desjardin usou em relação à minha filha foi “sacanagem”.

Grayle suspirou por dentro.

— A Srta. Desjardin já foi repreendida.

O sorriso de John Hargensen esfriou 30 graus.

— Receio que só uma repreensão não seja suficiente. Acho que este é o primeiro ano desta jovem, ah, senhora, como professora?

— É. O desempenho dela é altamente satisfatório.

— Aparentemente, sua definição de altamente satisfatório inclui atirar alunas contra escaninhos e usar palavrado de estivador?

Grayle desconversou:

— Como advogado, o senhor deve estar ciente de que este estado concede o título de escola *in loco parentis*: juntamente com a responsabilidade total, todos os direitos parentais nos são passados durante o horário escolar. Caso não esteja familiarizado com o assunto, aconselho-o a consultar o *Monondock Consolidated School District contra Cranepool* ou...

— Estou familiarizado com o assunto — disse Hargensen. — Também sei que nem o caso Cranepool que vocês administradores tanto gostam de citar nem o caso Frick cobrem algo que tenha a mais remota ligação com agressão física ou verbal. Há, no entanto, o caso do *Distrito Escolar 4 contra David*. Conhece?

Grayle conhecia. George Kramer, o vice-diretor da escola pública em S.D. 14, era um parceiro de pôquer. George já quase não jogava mais. Estava trabalhando numa companhia de seguros desde que achara de cortar o cabelo de um aluno. A escola acabou tendo que pagar uma indenização de 7 mil dólares, ou cerca de mil dólares a tesourada.

Grayle começou a entortar outro clipe.

— Não vamos ficar citando casos, Sr. Grayle. Somos homens ocupados. Não quero muita discussão. Não quero confusão. Minha filha está em casa, e lá ficará segunda e terça. Com isso, completa os três dias de suspensão. Está certo. — Outro gesto descartando o assunto.

(pegue totó bonzinho tome aqui um osso gostoso)

— Eis o que *eu* quero — prosseguiu Hargensen. — Primeiro, ingressos do baile para minha filha. O baile de formatura de uma moça é importante para ela, e Chris está infelicíssima. Segundo, que o contrato dessa Srta. Desjardin não seja renovado. Isso é para mim. Acho que se quisesse processar a escola, eu conseguiria tanto a demissão dela como uma polpuda indenização. Mas não quero ser vingativo.

— Então a alternativa é entrar na justiça, se eu não concordar com as suas exigências?

— Entendo que antes disso haverá uma reunião com o comitê da escola, mas como mera formalidade. Porém, em última instância, acabaremos na justiça. Desagradável para o senhor.

Mais um clipe.

— Por agressão física e verbal, certo?

— Basicamente.

— Sr. Hargensen, o senhor sabe que sua filha e mais dez colegas dela atiraram absorventes higiênicos numa menina que ficou menstruada pela primeira vez? Uma menina que achava que estava morrendo de hemorragia?

As feições de Hargensen se contraíram ligeiramente, como se alguém tivesse falado numa sala distante.

— Acho que isso não está em questão. Estou falando de atos que se seguiram...

— Não importa — disse Grayle. — Não importa o que o senhor estava falando. Chamaram essa menina, Carietta White, de “balofona idiota” e mandaram-na “arrolhar” aquilo e lhe fizeram vários gestos obscenos. Ela faltou à escola essa semana toda. Será que isso lhe soa como agressão física e verbal? Para mim, soa.

— Não pretendo — disse Hargensen — ficar aqui ouvindo meias verdades ou o seu sermão-padrão de professor, Sr. Grayle. Conheço minha filha muito bem para...

— Aqui. — Grayle pegou um maço de fichas cor de rosa na cesta de ENTRADA ao lado do risque rabisque. — Duvido que o senhor conheça a filha retratada nessas fichas tão bem quanto pensa. Se conhecesse, talvez percebesse que está na hora de lhe dar um corretivo. Já é tempo de repreendê-la com severidade antes que ela prejudique alguém seriamente.

— O senhor não está...

— Ewen, quatro anos — Grayle prosseguiu sem deixá-lo falar. — Graduação marcada para junho de 79; mês que vem. Média de 83 no teste de Q.I. de 140. Mesmo assim, vejo que foi aceita em Oberlin. Imagino que alguém, provavelmente o senhor, Sr. Hargensen, andou mexendo uns pauzinhos. Setenta e quatro retenções. *Vinte* delas por importunar alunos desajustados, devo acrescentar. Bolhas. Ouvi dizer que a turma de Chris os chama de Mongos de Mortimer. Elas acham isso bem hilariante. Sua filha matou 51 dessas retenções. Na Chamberlain Junior High, foi suspensa por colocar um busca-pé no sapato de uma menina... a anotação na ficha diz que essa brincadeirinha quase custou dois dedos a uma menina chamada Irma Swope. Essa menina tem lábio leporino, pelo que sei. Estou falando sobre sua *filha*, Sr. Hargensen. Isso lhe diz alguma coisa?

— Sim — disse Hargensen, levantando-se. Suas feições estavam ligeiramente coradas. — Me diz que o verei no tribunal. E quando eu o tiver liquidado, será sorte sua se conseguir um emprego como vendedor de enciclopédias, de porta em porta.

Grayle também se levantou, revoltado, e os dois homens se encararam cada qual de um lado da mesa.

— Que seja no tribunal — disse Grayle.

Detectou uma leve expressão de surpresa passando pelo rosto de Hargensen, cruzou os dedos, e partiu para o que esperava ser um nocaute — ou pelo menos um nocaute técnico que manteria o emprego de Desjardin e deixaria esse almofadinho filho da mãe um pouco por baixo.

— O senhor não se deu conta de todas as implicações da expressão *in loco parentis* nesta questão, Sr. Hargensen. A mesma proteção que cobre sua filha também cobre Carrie White. E tão logo o senhor entre com uma ação por agressão física e verbal, entraremos com uma ação contra sua filha pelo mesmo motivo em favor de Carrie White.

Hargensen ficou boquiaberto, depois fechou a boca.

— O senhor não vai aplicar um golpe barato desses impunemente, seu...
— Advogado de porta de cadeia? É essa a expressão que está procurando? — Grayle deu um sorriso soturno. — Acho que sabe onde é a porta de saída, Sr. Hargensen. As sanções contra a sua filha permanecem válidas. Se quiser levar o caso adiante, é um direito seu.
Hargensen atravessou a sala empertigado, parou para acrescentar algo, depois saiu, mal contendo o desejo de bater a porta.
Grayle respirou. Não era difícil ver de onde Chris Hargensen tinha tirado aquela teimosia.
A. P. Morton entrou um minuto depois.
— Como foi tudo?
— O tempo vai dizer, Morty — respondeu Grayle. Com uma careta, olhou para o monte de cliques entortados. — Ele mereceu sete cliques. É um recorde.
— Ele vai entrar na justiça?
— Não sei. Ficou abalado quando eu disse que entraríamos contra ele também.
— Deve ter ficado mesmo. — Morton olhou para o telefone na mesa de Grayle. — Está na hora de colocarmos o superintendente a par dessa sujeira toda, não?
— Está — respondeu Grayle, pegando o telefone. — Graças a Deus, já paguei o meu seguro-desemprego.
— Eu também — disse Morton lealmente.

Do livro *The Shadow Exploded* (Apêndice III):

Carietta White apresentou o poema abaixo num trabalho de poesia da sétima série. O Sr. Edwin King, professor de Inglês de Carrie nessa ocasião diz: “Não sei por que o guardei. Ela certamente não se destaca em minha memória como uma aluna notável, e esse não é um poema notável. Era muito quieta, e não me lembro de vê-la levantando a mão nem uma vez em sala de aula. Mas aqui havia algo gritante.”

Jesus me olha da parede,
Rosto frio feito pedra,
E se sou por ele amada
Como ela sempre diz que sou,
Por que me sinto tão só?

As margens do papel onde está escrito este pequeno poema eram decoradas com uma grande quantidade de figuras cruciformes que quase parecem dançar...

Tommy estava no treino de beisebol segunda-feira à tarde, e Sue foi esperá-lo na Kelly Fruit Company, no Centro.

A Kelly era o que mais se aproximava de um ponto de encontro de estudantes do ensino médio que a espalhada comunidade de Chamberlain podia ostentar desde que o xerife Doyle fechara o centro recreativo, depois de uma grande apreensão de drogas. Era dirigida por um gordo rabugento chamado Hubert Kelly que pintava o cabelo de preto e vivia reclamando que a qualquer momento poderia ser eletrocutado pelo marca-passo eletrônico.

O local era um misto de armazém, bar e posto de gasolina — havia uma bomba de gasolina enferrujada na frente que Hubie nunca se deu ao trabalho de mudar quando a empresa se fundiu. Ele também vendia cerveja, vinho barato, livros pornográficos e uma vasta seleção de marcas obscuras de cigarro como Murads, King Sano e Marvel Straights.

O balcão do bar era uma pedra-mármore autêntica, e havia quatro ou cinco reservados onde os jovens infelizes o bastante para não ter um amigo nem aonde ir podiam tomar seu porre ou se drogar. Uma máquina antiga de *pinball* que sempre saía do prumo na terceira bola piscava no fundo ao lado da prateleira de livros pornográficos.

Quando entrou, Sue logo avistou Chris Hargensen. Estava num dos reservados do fundo. Seu atual namorado, Billy Nolan, folheava o último número da *Popular Mechanics* na prateleira das revistas. Sue não sabia o que uma menina rica e popular como Chris via em Nolan, que parecia um estranho viajante do tempo dos anos 1950 com cabelo emplastrado de brilhantina, casaco de couro preto cheio de zíperes e um Chevrolet que vivia fervendo.

— Sue! — gritou Chris. — Venha cá!

Sue fez que sim com a cabeça e acenou com a mão, embora a antipatia lhe subisse na garganta feito uma cobra de papel. Olhar para Chris era como olhar por uma porta entreaberta e enxergar Carrie White agachada com as mãos na cabeça. Como era de prever, ela achou a própria hipocrisia (embutida no aceno e no gesto de cabeça) incompreensível e repugnante. Por que não podia simplesmente ignorá-la?

— Uma cerveja sem álcool de dez centavos — pediu a Hubie.

Hubie tinha a autêntica cerveja de ervas sem álcool, que ele servia em grandes

canecas geladas de 1890. Sue estava doida para tomar uma enquanto lia um romance e esperava Tommy — apesar do mal que lhe fazia à pele, era louca por essa bebida. Mas não se surpreendeu ao ver que a cerveja já não lhe apetecia mais.

— Como vai seu coração, Hubie? — perguntou.

— Vocês jovens — disse Hubie, tirando o colarinho da cerveja de Sue com uma faca e completando o resto da caneca. — Não entendem nada. Liguei meu barbeador elétrico hoje de manhã e recebi uma descarga de 110 volts através desse marca-passos. Vocês não sabem o que é isso, estou certo?

— Acho que não.

— Não. Deus permita que nunca venham a saber. Quanto tempo meu coração velho pode aguentar? Vocês vão ficar sabendo quando eu comprar a fazenda e aqueles panacas urbanistas transformarem isto aqui em estacionamento. São dez centavos.

Ela lhe deu os dez centavos.

— Cinquenta milhões de volts nessa fiação velha — disse Hubie desanimado, e olhou para a pequena saliência no bolso do peito.

Sue foi até o reservado de Chris e sentou-se na banqueta vaga. Estava excepcionalmente bonita, com o cabelo preto preso por uma fita verde e uma blusa justa que realçava seu busto firme e empinado.

— Como vai, Chris?

— Maravilhosa — respondeu esta um pouco alegre demais. — Já soube da última? Estou fora do baile. Mas aposto que aquele veado do Grayle vai perder o emprego.

Sue já tinha sabido da última. Junto com todo mundo na Ewen.

— Papai vai processar a escola — prosseguiu Chris. E chamou por cima do ombro: — *Billiii!* Venha cá falar com a Sue.

O rapaz largou a revista e foi calmamente até lá, polegares enganchados no cinto militar, dedos balançando inertes em direção ao gancho da Levis tacheada. Sue sentiu-se invadida por uma onda de irrealidade e conteve o desejo de pôr as mãos no rosto e ter um ataque de riso.

— Oi, Suze — disse Billy. Ele sentou na banqueta ao lado de Chris e imediatamente começou a massagear o ombro dela. Tinha um ar absolutamente inexpressivo. Poderia estar examinando um peso de carne.

— Acho que vamos penetrar no baile de qualquer maneira — disse Chris. — Como uma forma de protesto.

— É mesmo? — Sue estava francamente espantada.

— Não — respondeu Chris, descartando o assunto. — Não sei. — Seu rosto de repente assumiu uma expressão de fúria, tão abrupta e surpreendente como o funil de um tornado. — O raio daquela Carrie White! Eu queria que ela pegasse a carolice dela e enfiasse no rabo!

— Você vai superar isso — disse Sue.

— Pelo menos se vocês todas tivessem me dado apoio... Nossa, Sue, por que você não deu? A gente estaria com eles na mão. Nunca imaginei que você fosse um brinquedo do sistema.

Sue sentiu o calor lhe subir no rosto.

— Não sei sobre as outras pessoas, mas eu não estava sendo brinquedo de ninguém. Aceitei o castigo porque achei que mereci. Fizemos uma coisa horrível. Assunto encerrado.

— Besteira. A porra da Carrie anda por aí dizendo que todo mundo, menos ela e sua santa mamãezinha, vai para o inferno e você ainda a defende? Devíamos ter pegado aqueles trapos e lhe enfiado goela abaixo.

— Claro. É mesmo. A gente se vê, Chris. — Ela saiu do reservado.

Dessa vez, foi Chris quem corou; o sangue lhe subiu numa onda súbita, como se uma nuvem vermelha tivesse passado por um sol interno.

— Você não está querendo bancar a Joana d'Arc aqui! Acho que me lembro que você também estava atirando aquilo tudo com a gente.

— É — disse Sue tremendo. — Mas parei.

— Ah, você não é uma *coisa*? — disse Chris admirada. — Nossa, é sim. Leve a sua cerveja junto. Tenho medo de tocar nela e virar ouro.

Ela não levou a cerveja. Deu meia-volta e saiu aos tropeções. A comoção dentro dela era muito grande, grande demais para lágrimas ou raiva. Ela era uma garota que se dava bem com os outros, e essa era a primeira briga em que se metera, física e verbal, desde os puxões de cabelo do primário. E era a primeira vez na vida que ela abraçava ativamente um princípio.

E obviamente Chris a acertara no lugar certo, no seu ponto fraco. Ela *estava* sendo hipócrita, não havia como evitar, e bem odiosa, guardada lá no fundo dela, estava a certeza de que uma das razões por que ela havia comparecido à ginástica e à corrida em volta do ginásio nada tinha a ver com nobreza. Ela não iria perder o último Baile da Primavera por nada. Por *nada*.

Tommy tinha sumido.

Ela foi andando de volta para a escola, o estômago revirado. A *Miss* Fraternidade. A doce Suezinha. A boazinha que só faz aquilo com o garoto com quem planeja se casar — com a devida cobertura do suplemento dominical,

naturalmente. Dois filhos. Dar-lhes uma surra de tirar o couro se mostrarem algum sinal de honestidade: treparem, brigarem ou se recusarem a rir cada vez que um figurão mítico gritar uma gracinha.

Baile da Primavera. Vestido azul. Buquê conservado a tarde inteira na geladeira. Tommy de paletó branco de *smoking*, faixa na cintura, calça preta, sapato preto. Pais fotografando poses no sofá da sala com Kodaks e Polaroids. Papel crepom escondendo as feias vigas do ginásio. Dois conjuntos: um de *rock*, um de música lenta. Bolhas não têm vez. Mongos de Mortimer por favor não entrem. Só para aspirantes a sócios do clube chique e futuros moradores de Kleen Korners.

As lágrimas finalmente vieram e ela começou a correr.

Do livro *The Shadow Exploded* (p. 60):

O trecho a seguir é de uma carta de Christine Hargensen para Donna Kellogg. Donna se mudara de Chamberlain para Providence, Rhode Island, no outono de 1978. Aparentemente, era uma das poucas amigas íntimas de Chris Hargensen e era sua confidente. A carta tem o carimbo do correio do dia 17 de maio de 1979:

“Então estou fora do Baile e o fraco do meu pai diz que não vai dar a eles aquilo que eles merecem. Mas eles não vão sair dessa impunemente. Ainda não sei exatamente o que vou fazer, mas garanto que vai ser uma puta surpresa para todo mundo...”

Era o dia 17. Dezesete de maio. Ela riscou o dia na folhinha em seu quarto tão logo vestiu a camisola branca longa. Riscava cada dia que passava com um pilot preto, e achava que isso demonstrava uma péssima atitude em relação à vida. Não se preocupava realmente com isso. A única coisa que de fato a preocupava era saber que mamãe ia obrigá-la a voltar à escola amanhã e ela teria de enfrentar todas elas.

Sentou-se na cadeirinha de balanço (comprada com seu próprio dinheiro) ao lado da janela, fechou os olhos e varreu da mente todas elas juntamente com a bagunça de seus pensamentos. Era como varrer o chão. Varrer todo o lixo para baixo do tapete do inconsciente. Até logo.

Abriu os olhos. Olhou para a escova de cabelo em cima da escrivaninha.

Dobrar.

Estava levantando a escova. Era pesada. Era como levantar halteres com braços muito fracos. Ai. Grunhido.

A escova foi escorregando para a beira da escrivaninha, escorregou para além do ponto em que a gravidade deveria tê-la feito cair e ficou balançando, como que pendurada num fio. Carrie apertava os olhos. Veias pulsavam em suas têmporas. Um médico talvez se interessasse em conhecer o funcionamento de seu corpo naquele instante; racionalmente, não fazia sentido. O ritmo respiratório caíra para 16 por minuto. A pressão arterial subira para 190/100. A pulsação, para 140 — mais acelerada do que a de um astronauta sob o peso da gravidade na decolagem. A temperatura baixara para 34,5 graus. Seu corpo estava queimando energia que parecia estar vindo do nada e indo para o nada. Um eletroencefalograma teria mostrado ondas alfa que já não eram mais ondas e sim um ziguezague acentuado e pontiagudo.

Ela pousou cuidadosamente a escova. Ótimo. Na noite anterior, deixara-a cair. Perde todos os pontos, vai para a cadeia.

Tornou a fechar os olhos e balançar. As funções começaram a se normalizar; sua respiração acelerou até ela estar quase arfando. A cadeira de balanço rangia um pouquinho. Mas isso não incomodava. Acalmava. Para lá e para cá. Limpe a mente.

— Carrie? — A voz da mãe, ligeiramente perturbada, pairou no ar.

(ela estava recebendo interferência como o rádio quando se liga o liquidificador ótimo ótimo)

— Já fez suas orações, Carrie?

— Estou fazendo — respondeu a menina.

Sim, estava fazendo, sim.

Olhou para sua pequena cama.

Dobrar.

Peso tremendo. Imenso. Insuportável.

A cama tremeu e o lado do pé subiu uns dez centímetros.

Caiu com um estrondo. Ela esperou, com um sorrisinho nos lábios, que mamãe gritasse furiosa lá para cima. A mãe não fez isso. Então Carrie se levantou, foi para a cama e se enfiou debaixo das cobertas frescas. Estava com a cabeça doendo e sentia-se tonta, como sempre depois dessas sessões de treinamento. Seu coração batia com uma violência assustadora.

Apagou a luz e deitou de costas. Sem travesseiro. Mamãe não a deixava ter travesseiro.

Pensou em duendes e afins e bruxas

(sou uma bruxa mamãe a prostituta do diabo)

viajando pela noite, azedando leite, virando desnatadeiras, estragando colheitas

enquanto elas se juntavam dentro de casa com sinais de bruxa pichados nas portas.

Fechou os olhos, dormiu e sonhou com enormes pedras vivas explodindo na noite, procurando mamãe, procurando elas. Elas estavam tentando fugir, se esconder. Mas a pedra não as escondia; a árvore morta não as abrigava.

De My Name Is Susan Snell [Meu nome é Susan Snell], de Susan Snell (Nova York: Simon & Schuster, 1986), p. i-iv:

Há uma coisa que ninguém entendeu a respeito do que aconteceu em Chamberlain na Noite do Baile. A imprensa não entendeu, os cientistas da Duke University não entenderam, David Congress não entendeu — embora o seu *The Shadow Exploded* talvez seja o único livro mais ou menos decente sobre o assunto — e certamente a Comissão White, que me usou como bode expiatório, não entendeu.

Essa coisa é o fato principal: éramos crianças.

Carrie tinha 17 anos, Chris Hargensen tinha 17, eu tinha 17, Tommy Ross, 18, Billy Nolan (que repetiu a nona série provavelmente antes de aprender a colar nas provas) tinha 19...

Um garoto ou uma garota mais velhos têm reações socialmente mais aceitáveis do que os menores, mas mesmo assim costumam tomar decisões erradas, fazer tempestade em copo-d'água, subestimar as coisas.

Na parte que vem logo a seguir a essa introdução, preciso mostrar essas tendências em mim mesma da melhor forma possível. No entanto o assunto que vou discutir está na raiz de meu envolvimento na Noite do Baile, e, para limpar o meu nome, preciso começar recordando cenas que considero particularmente dolorosas...

Já contei essa história antes, principalmente diante da Comissão White, que a recebeu com incredulidade. Depois de duzentas mortes e da destruição de uma cidade inteira, é fácil esquecer uma coisa: éramos crianças. Éramos crianças. Éramos crianças com a melhor das intenções...

— Você deve estar louca.

Ele piscou olhando para ela, sem querer acreditar que realmente tinha ouvido aquilo. Estavam na casa dele, e a televisão falava sozinha. Sua mãe fora visitar a Sra. Klein do outro lado da rua. Seu pai estava na oficina do porão fazendo uma casa de passarinho.

Sue parecia constrangida, mas determinada.

— É assim que eu quero, Tommy.

— Bem, eu não quero assim. Acho que isso é a maior loucura que já ouvi. O tipo da coisa que talvez a pessoa faça numa aposta.

O rosto dela se contraiu.

— É? Pensei que você é que estivesse fazendo aqueles discursos bonitos outro dia. Mas na hora de provar que acredita no que diz...

— Espere, ei. — Sem estar ofendido, ele sorria. — Eu não disse que não, disse? Pelo menos, ainda não.

— Você...

— Espere. Espere aí. Deixe eu falar. Você quer que eu convide Carrie White para o Baile da Primavera. Certo, isso eu entendi. Mas tem umas outras coisas que não estou entendendo.

— Diga quais são. — Ela se inclinou à frente.

— Primeiro, o que se ganharia com isso? E, segundo, o que leva você a pensar que ela vai aceitar se eu convidar?

— Como, aceitar! Ora... — Ela se atrapalhou. — Você é... todo mundo gosta de você e...

— Nós dois sabemos que Carrie não tem por que ter maiores simpatias por pessoas de quem todo mundo gosta.

— Com você ela iria.

— Por quê?

Pressionada, ela tinha um ar desafiador e ao mesmo tempo arrogante.

— Já vi como ela olha para você. Está vidrada. Como metade das garotas da Ewen.

Ele revirou os olhos.

— Bem, só estou lhe dizendo — defendeu-se Sue. — Ela não vai conseguir recusar.

— Vamos imaginar que eu acredite em você — disse ele. — E as outras coisas?

— Está falando do que se ganharia com isso? Ora... faria com que ela saísse daquela casca, claro. Que ela... — Sua voz sumiu.

— Participasse das coisas? Ora, Suze. Você não acredita nessa besteira.

— Tudo bem — disse ela. — Talvez não. Mas talvez eu ache que ainda tenho que me redimir de alguma coisa.

— Do incidente no chuveiro?

— De muitas outras coisas. Talvez, se fosse só isso, eu deixasse passar, mas as maldades vêm desde o primário. Não participei de muitas, mas participei de

algumas. Se eu fosse da turma de Carrie, aposto que teria participado de muito mais. Parecia... ah, uma piada engraçadíssima. Menina às vezes é uma peste nessas coisas, e menino não entende. Os meninos gozavam Carrie um pouquinho e esqueciam, mas as meninas... aquilo não tinha fim, e já nem me lembro de onde começou. Se eu fosse Carrie, não aguentaria sair na rua. Procuraria uma pedra bem grande e me esconderia embaixo.

— Vocês eram crianças — disse ele. — Criança não sabe o que faz. Nem sabe que as reações dela, na verdade, realmente magoam os outros. Não tem, hum, empatia. Sacou?

Ela viu que se esforçava para expressar a ideia que isso lhe evocava, pois de repente esta lhe pareceu básica, tomando um imenso vulto no incidente do chuveiro como o céu em cima das montanhas.

— Mas quase *ninguém* descobre que seus atos, na verdade, magoam realmente os outros! Ninguém fica melhor, as pessoas só ficam mais espertas. Quando fica mais esperto, você não para de arrancar asa de mosca, só imagina um motivo melhor para fazer isso. Muita gente está dizendo que tem pena de Carrie White, as meninas principalmente, e isso é uma piada, mas garanto que nenhuma delas sabe o que é *ser* Carrie White cada segundo de cada dia. E, no fundo, estão pouco ligando.

— Você está?

— Sei lá! — exclamou ela. — Mas alguém tem que tentar e mostrar que sente muito de uma maneira que conte... que tenha algum significado.

— Está bem. Vou convidá-la.

— Vai? — A declaração foi feita de uma maneira neutra, surpresa. Ela não achou que ele realmente fosse fazer isso.

— Vou. Mas acho que ela vai recusar. Você está superestimando o interesse que eu possa despertar na bilheteria. Esse negócio de popularidade é besteira. Você está fixada nisso.

— Obrigada — disse ela, e soou esquisito, como se ela tivesse agradecido ao inquisidor pela tortura.

— Amo você — disse ele.

Ela olhou para ele, espantada. Era a primeira vez que ele dizia isso.

De My Name Is Susan Snell (p. 6):

Muita gente — sobretudo os homens — não se espanta que eu tenha pedido que Tommy convidasse Carrie para o Baile da Primavera. Mas se espanta que ele

tenha convidado, o que mostra que a mente masculina espera muito pouco dos seus pares em termos de altruísmo.

Tommy levou-a porque me amava e porque era isso o que eu queria. Como sabia que ele amava você?, pergunta o cético da galeria. Porque ele me disse, moço. E se o conhecesse, essa resposta também seria o suficiente para o senhor...

Ele a convidou na quinta-feira, depois do almoço, e estava nervoso como um garotinho preparando-se para ir à primeira festinha.

Ela estava sentada a quatro fileiras dele na sala de estudos, no quinto tempo, e quando este terminou, ele foi abrindo caminho entre o bolo de gente apressada para chegar até ela. Na mesa do professor, o Sr. Stephens, um homem alto que começava a engordar, dobrava trabalhos maquinalmente, guardando-os de volta na surrada pasta marrom.

— Carrie?

— *Hã?*

Ela levantou os olhos dos livros com um sobressalto, como se estivesse esperando um soco. O dia estava nublado e a iluminação fluorescente embutida no teto não favorecia especialmente sua tez clara. Mas ele viu pela primeira vez (porque era a primeira vez que realmente a olhara) que ela estava longe de ser repulsiva. Tinha um rosto mais redondo que oval, e olhos tão escuros que pareciam deixar um sombreado embaixo, como uma marca de contusão. Seu cabelo era louro-escuro, ligeiramente encarapinhado, puxado para trás num coque que não lhe ficava bem. Os lábios eram cheios, quase exuberantes, os dentes, naturalmente brancos. Seu corpo era, no geral, indeterminado. Um suéter largo escondia seus seios a não ser pelo volume simbólico. A saia era colorida mas mesmo assim horrível: tinha o comprimento até as canelas de 1958 com um estranho e desajeitado corte evasê. As panturrilhas eram fortes e torneadas (a tentativa de escondê-las com meias três-quartos mescladas era grotesca porém frustrada) e benfeitas.

Olhava para ele com uma cara meio assustada, meio outra coisa. Ele tinha quase certeza do que era essa coisa. Sue estava certa, e assim, ele só teve tempo de se perguntar se aquilo era fazer uma boa ação ou piorar ainda mais a situação.

— Se você não tiver par para ir ao Baile, gostaria de ir comigo?

Agora ela piscou, e quando fez isso, aconteceu uma coisa estranha. Não levou mais que uma fração de segundo, mas, depois, ele não teve dificuldade nenhuma em se lembrar, como a pessoa se lembra de um sonho ou tem a sensação de *déjà vu*. Ele sentiu uma tonteira como se sua mente já não estivesse mais controlando

seu corpo — a sensação horrível e incontrollável que ele associava à iminência do vômito causado pelo excesso de bebida.

Depois passou.

— O quê? O quê?

Ela pelo menos não estava zangada. Ele esperara um breve acesso de raiva e depois uma retirada impetuosa. Mas ela não estava zangada; parecia incapaz de aguentar o que ele dissera. Agora estavam sozinhos na sala de estudos, exatamente no intervalo entre a vazante dos alunos que saíam e a enchente dos que entravam.

— O Baile da Primavera — disse ele um tanto mexido. — É sexta-feira que vem e sei que está meio em cima da hora, mas...

— Não gosto que me façam de boba — disse ela baixinho, e abaixou a cabeça. Hesitou um instante e passou por ele. Parou e virou-se para trás, e ele de repente viu dignidade nela, algo tão natural que ele duvidava que ela percebesse. — Vocês acham que podem continuar me fazendo de boba para sempre? Sei com quem você está saindo.

— Só saio com quem eu quero — disse Tommy pacientemente. — Estou convidando você porque quero.

Em última instância, ele sabia que isso era verdade. Se Sue estava fazendo um ato de reparação, era somente de forma indireta.

Os alunos do sexto tempo estavam entrando agora, e alguns olhavam curiosos para eles. Dale Ullman disse algo para um menino que Tommy não conhecia e os dois começaram a rir.

— Vamos — disse Tommy. Saiu com Carrie para o corredor.

Estavam no meio do caminho para a Ala Quatro — a sala dele era do outro lado —, caminhando juntos, mas talvez apenas por acaso, quando ela disse, num tom praticamente inaudível:

— Eu adoraria. Adoraria.

Ele tinha sensibilidade suficiente para saber que aquilo não queria dizer que ela aceitava, e tornou a ficar em dúvida. Mas, assim mesmo, a coisa já tinha começado.

— Então venha. Vai ser bom. Para nós dois. Vamos tratar disso.

— Não — disse ela, e, com aquele ar pensativo, poderia até ser considerada bonita. — Vai ser um pesadelo.

— Eu ainda não tenho os ingressos — disse ele, como se não tivesse ouvido. — Hoje é o último dia que estão vendendo.

— Ei, Tommy, você está indo para o lado errado! — gritou Brent Gillian.

Ela parou.
— Você vai se atrasar.
— Você vem?
— A sua aula — disse ela aflita. — Sua aula. Vai tocar o sinal.
— Você vem?
— Vou — disse ela irritada, sem poder recusar. — Você sabia que eu iria. —
Esfregou os olhos com as costas da mão.
— Não — disse ele. — Mas agora sei. Pego você às sete e meia.
— Ótimo — murmurou ela. — Obrigada. — Parecia que ia desmaiar.
Então, mais inseguro do que nunca, ele tocou na mão dela.

Do livro *The Shadow Exploded* (p. 74-76):

Provavelmente nenhum outro aspecto do caso Carrie White tenha sido tão mal-entendido, criticado e envolvido em mistério quanto a participação de Thomas Everett Ross, o malsinado par de Carrie no Baile da Primavera da Ewen High School.

Morton Cratzchbarken, num discurso reconhecidamente sensacionalista durante o Colóquio Nacional de Fenômenos Psíquicos do ano passado, disse que os dois acontecimentos mais chocantes do século XX foram o assassinato de John F. Kennedy em 1963 e a destruição ocorrida em Chamberlain, Maine, em maio de 1979. Cratzchbarken ressalta que os dois acontecimentos foram levados aos cidadãos pelos meios de comunicação, e ambos os acontecimentos mostraram de forma gritante o fato assustador de que, enquanto algo havia terminado, outra coisa havia sido irrevogavelmente acionada, para o bem ou para o mal. Mal comparando, Thomas Ross fez o papel de Lee Harvey Oswald — o gatilho de uma catástrofe. A pergunta ainda sem resposta é: teria ele agido sabendo ou sem saber o que estava fazendo?

Susan Snell, conforme ela própria admite, deveria ter tido Ross como par naquele evento anual. Afirma ter sugerido que Ross levasse Carrie para se redimir de sua participação no incidente do chuveiro. As pessoas que contestam essa versão, encabeçadas atualmente por George Jerome da Universidade de Harvard, afirmam que ela é uma distorção exageradamente romântica ou uma mentira deslavada. Jerome afirma categoricamente que adolescentes dessa idade não costumam sentir que precisam “se redimir” de alguma coisa — sobretudo de uma ofensa contra uma colega banida de todas as turmas.

“Seria estimulante se pudéssemos acreditar que a natureza humana

adolescente é capaz de recuperar o orgulho e a autoestima dos indivíduos desfavorecidos na ordem social com um gesto desses”, disse Jerome num número recente da revista *The Atlantic Monthly*, “mas sabemos que não é assim. O pássaro inferior não é ajudado com ternura pelas outras aves; antes, é liquidado rapidamente, de modo implacável”.

Jerome, obviamente, está certíssimo — sobre aves, de qualquer forma —, e sua eloquência é sem dúvida responsável em grande parte pelo desenvolvimento da teoria do “autor da brincadeira de mau gosto”, que a Comissão White abordou, mas não chegou a apresentar. Esta teoria parte da hipótese de que Ross e Christine Hargensen (ver p. 10-18) estavam no centro de uma conspiração para levar Carrie White ao Baile da Primavera e lá acabar de humilhá-la. Alguns teóricos (sobretudo autores de histórias policiais) também afirmam que Sue Snell participou ativamente da conspiração. Isto coloca o misterioso Sr. Ross na pior posição possível, a do autor da brincadeira de mau gosto, levando deliberadamente uma menina insegura a uma situação de extrema tensão.

O autor deste livro não vê dessa maneira, considerando o caráter do Sr. Ross. Essa é uma faceta muito pouco explorada por seus detratores, que o pintaram como um atleta bastante estúpido, centrado na turma; a expressão “esportista bronco” expressa bem essa opinião a respeito de Tommy Ross.

É verdade que Ross era um atleta acima da média. Seu esporte preferido era beisebol, e ele fazia parte da equipe da escola desde a décima série. Dick O’Connell, presidente do Boston Red Sox, afirmou que, se Ross não tivesse morrido, teria recebido um bom prêmio para assinar contrato com o time.

Mas Ross também era um excelente aluno (o que não combina com a imagem do “esportista bronco”), e segundo seus pais ele havia decidido que o beisebol profissional teria de esperar até ele terminar a faculdade, onde pretendia fazer o curso de Inglês. Seus interesses incluíam escrever poesia, e um poema escrito seis meses antes de sua morte foi publicado numa “revistinha” conceituada chamada *Everleaf*. O poema está no Apêndice V.

Os colegas sobreviventes também o têm em alta conta, e isso é importante. Houve apenas 12 sobreviventes do que ficou conhecido na imprensa popular como A Noite do Baile. Os que não estavam presentes eram basicamente os alunos impopulares da décima primeira e décima segunda séries. Se esses “desenturmados” se lembram de Ross como um colega simpático e boa-praça (muitos se referiram a ele como “um puta bom sujeito”), a tese do professor Jerome não fica prejudicada?

Os boletins de Ross — que, por lei, não podem ser reproduzidos aqui —,

aliados às recordações dos colegas e a comentários de parentes, vizinhos e professores, compõem o retrato de um jovem extraordinário. Essa imagem não combina com o perfil que o professor Jerome faz de um jovem violento, irônico, que endeusava a própria turma. Ao que parece, ele tinha grande tolerância em relação a agressões verbais e bastante independência em relação aos colegas para convidar Carrie. Na verdade, Thomas Ross parece ter sido uma raridade: um jovem com consciência social.

Não se trata de defender aqui a sua santidade. Isso não está em questão. Mas uma pesquisa profunda me convenceu de que ele não era um covarde que ajudou levianamente a destruir uma pessoa mais fraca...

Ela estava

(não tenho medo não tenho medo dela)

deitada na cama com o braço cobrindo os olhos. Era sábado à noite. Se fosse fazer o vestido que estava imaginando, teria que começar amanhã o

(não estou com medo mamãe)

mais tardar. Já havia comprado o tecido na John's em Westover. A beleza aveludada, amassada e pesada da fazenda a assustou. O preço também, e ela se intimidou com o tamanho da loja, as senhoras elegantes andando para cima e para baixo com seus vestidos leves de primavera, examinando peças de tecido. Uma certa estranheza ecoava no ar, e era outro mundo em relação à Woolworth de Chamberlain, onde ela costumava comprar seus tecidos.

Estava intimidada, mas não se deteve. Porque, se quisesse, podia fazer aquelas mulheres todas saírem da loja aos gritos. Manequins virando, instalação elétrica caindo, peças de tecido se desenrolando ao serem arremessadas no ar. Como Sansão no templo, ela poderia fazer a destruição cair sobre suas cabeças se assim desejasse.

(não tenho medo)

O embrulho estava escondido numa prateleira seca no porão, e ela iria levá-lo para cima. Esta noite.

Abriu os olhos.

Dobrar.

A escrivanhinha ergueu-se no ar, tremeu um instante, depois subiu quase até o teto. Ela a desceu. Abaixou. Levantou. Agora a cama, com todo o peso. Para cima. Para baixo. Para cima. Para baixo. Como um elevador.

Quase não estava cansada. Bem, um pouco. Não muito. O dom, quase perdido há duas semanas, agora estava desabrochando. Progredira numa velocidade que

era...

Bem, quase apavorante.

E agora, aparentemente sem ser esperado — como o conhecimento da menstruação —, viera um bando de lembranças, como se uma represa mental tivesse sido destruída para que águas estranhas pudessem jorrar. Eram lembranças nebulosas e distorcidas de menina, mas muito reais apesar de tudo. Fazer os quadros dançarem nas paredes; abrir as torneiras a distância; mamãe lhe pedindo

(Carrie feche as janelas vai chover)

para fazer alguma coisa e todas as janelas da casa batendo de repente; deixar a Srta. Macaferty com os quatro pneus arriados de uma vez desparafusando as válvulas dos pneus do fusca dela; as pedras...

(!!!!!!não não não não!!!!!!)

...mas agora não dava para negar a lembrança, como não dava para negar o fluxo menstrual, e essa lembrança não era nebulosa, não, *essa* não; era áspera e brilhante, como riscos denteados de raio: a menina

(mamãe pare mamãe eu não consigo respirar ai minha garganta ai mamãe desculpe eu ter olhado mamãe ai minha língua sangue na minha boca)

a pobre menina

(gritando: vagabundazinha ai eu sei como é com você estou vendo o que tem que ser feito)

a pobrezinha deitada com o corpo metade dentro e metade fora do armário, vendo estrelas negras dançarem na frente de tudo, um zumbido doce e distante, língua inchada parada entre os lábios, garganta rodeada por um anel de carne inchada e esfolada onde mamãe a esganara e aí mamãe voltando, vindo pegá-la, mamãe segurando o facão comprido do papai Ralph

(cortar eu tenho que cortar o mal a maldade pecados da carne ai eu sei disso os olhos cortar seus olhos)

em sua mão direita, a cara de mamãe torcida e se contraindo, baba no queixo, segurando a Bíblia de papai Ralph na outra mão

(você nunca mais vai tornar a olhar para aquela perversidade nua)

e algo dobrou, dobrou, não, mas sim *DOBROU*, algo enorme e informe e titânico, um manancial de poder que não era dela agora e nunca tornaria a ser e aí alguma coisa no telhado e mamãe gritou e deixou cair a Bíblia do papai Ralph e isso era *bom*, e aí mais pancadas e aí a casa começou a jogar os móveis para todos os lados e mamãe largou a faca e se ajoelhou e começou a rezar, de mãos para o alto e balançando nos joelhos enquanto as cadeiras zuniam pelo corredor

e as camas lá em cima viravam e a mesa da sala de jantar tentava sair pela janela e aí os olhos de mamãe se arregalando alucinados, esbugalhados, o dedo dela apontando para a menina

(é você sua cria do diabo bruxa duende do diabo é você fazendo isso)
e aí as pedras e mamãe desmaiou enquanto o telhado delas estalava e fazia barulho como que com as pegadas de Deus e aí...

Aí ela desmaiou também. E depois disso não houve mais lembranças. Mamãe não falou no assunto. O facão tinha voltado para a sua gaveta. Mamãe fez curativo nos enormes machucados pretos e azuis no pescoço dela e Carrie achou que se lembrava de ter lhe perguntado como ela fizera aquilo e mamãe contraindo os lábios e não dizendo nada. Pouco a pouco, aquilo foi sendo esquecido. O olho da memória só se abria nos sonhos. Os quadros não dançavam mais na parede. As janelas não fechavam sozinhas. Carrie não se lembrava de um tempo em que as coisas tivessem sido diferentes. Até agora.

Estava deitada na cama, olhando para o teto, transpirando.

— Carrie! Jantar!

— Obrigada,

(não tenho medo)

mamãe.

Ela se levantou e prendeu o cabelo com uma fita azul-marinho. Então desceu.

Do livro *The Shadow Exploded* (p. 59):

Quão aparente era o “dom espontâneo” de Carrie e o que Margaret White, com sua ética cristã radical, achava daquilo? Provavelmente nunca saberemos. Mas somos levados a crer que a reação da Sra. White deve ter sido extrema...

— Você nem tocou na torta, Carrie. — Mamãe levantou os olhos do folheto que estava lendo enquanto tomava o seu Constant Comment. — É feita em casa.

— Me dá espinha, mamãe.

— Suas espinhas são o castigo que Deus lhe impôs. Agora coma a torta.

— Mamãe?

— Sim?

Carrie foi em frente.

— Fui convidada por Tommy Ross para ir ao Baile da Primavera sexta-feira que vem...

O folheto foi esquecido. Mamãe estava olhando para ela fixamente com aquele ar de não-acredito-no-que-estou-ouvindo. Suas narinas se dilataram como

as de um cavalo que ouvisse o guizo de uma cascavel.

Carrie tentou engolir o que lhe obstruía a garganta e só
(não tenho medo ai tenho sim)

se viu livre de uma parte.

— ... e ele é um ótimo garoto. Prometeu entrar e conhecer a senhora antes e...

— Não.

— ... me trazer de volta às 11. Eu...

— Não, não e *não*!

— ... aceitei. Mamãe, por favor, entenda que tenho que começar a... a tentar me relacionar com o mundo. Eu não sou como a senhora. Sou engraçada, quer dizer, as garotas me acham engraçada, não é que eu queira ser. Quero tentar ser uma pessoa antes que seja tarde demais para...

A Sra. White atirou o chá na cara de Carrie.

Estava apenas morno, mas se estivesse fervendo não poderia ter cortado as palavras de Carrie mais abruptamente. Ela ficou anestesiada, o líquido âmbar a lhe pingar do queixo e das faces na blusa branca, se espalhando. Era viscoso e cheirava a canela.

A Sra. White tremia, a cara paralisada a não ser pelas narinas, que continuavam dilatadas. De repente, jogou a cabeça para trás e gritou para o teto.

— Deus! Deus! Deus! — Seu queixo se movia com brutalidade a cada sílaba. Carrie estava imóvel.

A Sra. White levantou-se e deu a volta na mesa. Suas mãos contraídas formavam garras trêmulas. Seu rosto tinha uma expressão meio louca de um misto de compaixão e ódio.

— O armário — disse ela. — Vá para o armário e reze.

— Não, mamãe.

— Meninos. É, depois vêm os meninos. Atrás do sangue vêm os meninos. Como cães farejadores, rindo e babando, tentando descobrir de onde vem o cheiro. *Aquele... cheiro!*

Ela virou o braço com toda a força, e o barulho de sua bofetada na cara de Carrie

(ai deus estou com muito medo agora)

era como o barulho seco de um cinto de couro estalando no ar. Carrie continuou sentada, embora seu tronco estivesse balançando. A marca em seu rosto primeiro era branca, depois ficou vermelho-sangue.

— A marca — disse a Sra. White.

Seus olhos estavam arregalados, mas sem expressão; ela respirava rápido

sorvendo golfadas de ar. Parecia estar falando sozinha quando a garra desceu até o ombro de Carrie e arrancou-a da cadeira.

— Eu já vi, sim. Ah, já. Mas. Eu. Nunca. Fiz. Senão por ele. Ele. Me. Possuiu...

Fez uma pausa, o olhar errante voltado para o teto. Carrie estava apavorada. Mamãe parecia estar lutando com o sofrimento de uma grande revelação que poderia destruí-la.

— Mamãe...

— Em carros. Ah, sei aonde eles levam vocês de carro. Fora da cidade. Restaurantes de beira de estrada. Uísque. Cheiro... *Ah, eles cheiram aquilo em vocês!* — Levantou a voz até gritar. Os tendões saltaram em seu pescoço e ela torceu a cabeça para cima num movimento interrogativo.

— Mamãe, é melhor a senhora parar.

Isso pareceu fazê-la voltar a uma espécie de realidade indistinta. Seus lábios tremeram numa espécie de surpresa primária e ela estacou, como se procurasse velhas referências num novo mundo.

— O armário — resmungou. — Vá para seu armário e reze.

— Não.

Mamãe levantou a mão para bater.

— *Não!*

A mão parou no ar. Mamãe ficou olhando para ela, como se quisesse confirmar que ainda estava ali, e inteira.

A forma da torta de repente voou do descanso na mesa para ir bater ao lado da porta numa explosão de calda de uva-do-monte.

— *Eu vou, mamãe!*

A xícara de chá virada de mamãe subiu e passou voando pela cabeça dela indo se espatifar em cima do fogão. Mamãe gritou e caiu de joelhos com as mãos na cabeça.

— Filha do Demônio — gemeu. — Filha do Demônio, cria de Satã...

— Mamãe, levante-se.

— Luxúria e licenciosidade, os pecados da carne...

— *Levante-se!*

A voz de mamãe falhou, mas ela se levantou ainda com as mãos na cabeça, como um prisioneiro de guerra. Seus lábios se moviam. Para Carrie, ela dava a impressão de estar dizendo a Oração do Senhor.

— Não quero lutar com a senhora, mamãe — disse Carrie, e sua voz quase se separava dela, dissolvendo-se. Esforçou-se para controlá-la. — Só quero que me

deixe viver a minha vida... Eu não gosto da sua.

Parou horrorizada, embora não esperasse ficar. A pior blasfêmia havia sido proferida, e era mil vezes mais grave que a palavra-que-começava-com-F.

— Bruxa — sussurrou mamãe. — Está no Livro do Senhor: “Não deixarás uma feiticeira viver.” Seu pai serviu ao Senhor...

— Não quero falar neste assunto — disse Carrie. Sempre ficava abalada quando mamãe falava sobre seu pai. — Só quero que entenda que as coisas vão mudar por aqui, mamãe. — Seus olhos brilhavam. — É bom *elas* também entenderem isso.

Mas mamãe estava falando sozinha de novo.

Insatisfeita, engasgada com uma sensação de anticlímax e o horrível mal-estar emocional a lhe revirar o estômago, Carrie foi buscar o tecido do vestido no porão.

Era melhor que o armário. Era mesmo. Qualquer coisa era melhor que o armário com aquela luz azul e aquele fedor forte de suor e do seu pecado. Qualquer coisa. Tudo.

Ela ficou abraçada com o pacote e fechou os olhos, evitando a claridade mortífera da lâmpada nua do porão, com pincéis de teias de aranha. Tommy Ross não a amava, ela sabia. Aquilo era uma reparação esquisita qualquer, que ela era capaz de compreender e aceitar. Convivia com o conceito de penitência desde que tinha a idade da razão.

Tommy disse que seria bom — que eles dois iriam tratar de fazer com que fosse. Bem, *ela* iria. Era melhor ninguém se meter a fazer nada. Era mesmo. Ela não sabia se seu dom vinha do senhor da luz ou das trevas, e agora, descobrindo afinal que, para ela, tanto fazia, sentiu um alívio quase indescritível, como se tivesse se livrado de um peso enorme, que carregava havia muito tempo nos ombros.

Lá em cima, mamãe continuava sussurrando. Não era a Oração do Senhor. Era a Oração de Exorcismo do Deuteronomio.

De *My Name Is Susan Snell* (p. 23):

Acabaram fazendo até um filme sobre isso. Vi no mês de abril passado. Quando saí do cinema, estava enjoada. Sempre que acontece alguma coisa nos Estados Unidos, eles têm que folhear a ouro, como sapatinhos de neném. Assim dá para esquecer. E esquecer Carrie White talvez seja um erro maior do que se imagina...

Segunda-feira de manhã; o diretor Grayle e seu assistente, Pete Morton, tomavam um café no gabinete de Grayle.

— Nenhuma palavra de Hargensen ainda? — perguntou Morty. Deu aquele olhar malicioso de John Wayne, com um sorrisinho de lado um tanto assustado.

— Nada. E Christine parou de ficar falando de como o pai dela vai nos botar na rua. — Grayle soprou o café com uma cara comprida.

— Parece que você não está exatamente pulando de alegria.

— Não estou. Sabe que Carrie White vai ao baile?

Morty pestanejou.

— Com quem? O Bicudo? — O Bicudo era Freddy Holt, outro desajustado da Ewen. Devia ter uns 45 quilos de cabelo encharcado, e o observador fortuito podia ficar tentado a achar que só o nariz pesava mais de 25.

— Não — disse Grayle. — Com Tommy Ross.

Morty engasgou com o café e teve um acesso de tosse.

— Foi assim que me senti — disse Grayle.

— E a namorada dele? Aquela menina, Snell?

— Acho que ela o convenceu a isso — disse Grayle. — Sem dúvida, quando falei com ela, ela parecia estar se sentindo mesmo culpada pelo que aconteceu com Carrie. Agora está no Comitê de Decoração, realizada, como se deixar de ir ao baile de formatura não tivesse importância nenhuma.

— Ah — disse Morty sabiamente.

— E Hargensen, acho que ele deve ter falado com algumas pessoas e visto que realmente podíamos processá-lo em nome de Carrie White, se quiséssemos. Acho que tirou o time de campo. É a filha que está me preocupando.

— Acha que vai haver algum incidente sexta-feira à noite?

— Não sei. Só sei que Chris tem um monte de amigos que vão estar lá. E ela está saindo com aquele traste do Billy Nolan, que também tem uma fauna de amigos. Daqueles especialistas em espantar senhoras grávidas. Chris Hargensen faz dele o que quer, pelo que ouvi dizer.

— Você receia alguma coisa específica?

Grayle fez um gesto impaciente.

— Específica? Não. Mas tenho bastante quilômetro rodado para saber que é uma situação ruim. Lembra do jogo dos Stadler em 76?

Morty fez que sim. Três anos não era tempo suficiente para toldar a lembrança do jogo Ewen-Stadler. Bruce Trevor era um aluno medíocre, mas um fantástico jogador de basquete. O treinador Gaines não gostava dele, mas Trevor ia classificar a Ewen para o torneio local pela primeira vez em dez anos. Ele foi

cortado do time uma semana antes do último jogo decisivo da Ewen contra os Stadler Bobcats. Numa inspeção de rotina nos escaninhos, foi encontrado um quilo de maconha atrás dos livros de educação moral e cívica de Trevor. A Ewen perdeu o jogo — e ficou fora do torneio — por 104 x 48. Mas ninguém se lembrava disso; só do tumulto que interrompeu o jogo no quarto tempo, liderado por Bruce Trevor, que com razão afirmou ter sofrido uma armação. A partida terminou com quatro hospitalizações. Uma delas foi a do treinador do Stadler, atingido na cabeça por um estojo de primeiros socorros.

— Tenho uma sensação desse tipo — disse Grayle. — Um palpite. Alguém vai chegar com maçãs podres ou coisa assim.

— Talvez você seja médium — disse Morty.

Do livro *The Shadow Exploded* (p. 92-93):

Há um consenso sobre o fato de o fenômeno da telecinesia ser uma ocorrência geneticamente recessiva — mas o oposto de uma doença como a hemofilia, que se manifesta apenas no homem. Nessa doença, antigamente chamada de “mal do rei”, o gene é recessivo na mulher, que é apenas portadora. Os filhos homens, porém, são “sangradores”. Essa doença só é gerada se um homem hemofílico casar-se com uma mulher portadora do gene recessivo. Se o fruto dessa união for do sexo masculino, o resultado será um filho hemofílico. Se for do sexo feminino, o resultado será uma filha portadora. Cumpre ressaltar que o homem *pode* ser portador do gene recessivo da hemofilia como parte de sua constituição genética. Mas, se se casar com uma mulher portadora do mesmo gene anormal e tiver um filho homem, este terá a doença.

No caso das famílias reais, onde o casamento consanguíneo era comum, a probabilidade de o gene se reproduzir uma vez que entrava na genealogia da família era grande — donde o nome mal do rei. A hemofilia também teve um grau de incidência alto na região dos Apalaches no início deste século, e é comumente observada em culturas nas quais é normal o incesto e o casamento entre primos-irmãos.

No fenômeno da telecinesia, aparentemente, o portador é o homem. O gene da telecinesia *pode* ser recessivo na mulher, mas é dominante *apenas* na mulher. Ralph White seria portador do gene. Margaret Brigham, puramente por acaso, também era portadora do gene anormal, mas, com toda a certeza, na forma recessiva, uma vez que não foi encontrado nenhum indício de que ela tivesse poderes semelhantes aos da filha. No momento, a vida da avó de Margaret

Brigham, Sadie Cochran, está sendo estudada — pois, se o padrão dominante/recessivo prevalecer na telecinesia como na hemofilia, a Sra. Cochran talvez se enquadre na categoria dominante.

Se do casamento de Ralph e Margaret White tivesse nascido um filho homem, o resultado seria mais um portador. A probabilidade de que o gene mutante morresse com ele seria altíssima, uma vez que esse hipotético rebento não teria, por parte de mãe nem de pai, primos de sua idade com quem pudesse se casar. E a probabilidade de conhecer e vir a se casar com uma mulher portadora do gene da telecinesia seria remota. Nenhuma das equipes que estuda o problema conseguiu até agora isolar o gene.

Naturalmente não pode haver dúvida, à luz do holocausto do Maine, que isolar este gene deve passar a ser uma das principais prioridades da medicina. O gene da hemofilia, ou gene H, causa deficiência de plaquetas nos homens. O gene da telecinesia, ou gene TC, faz nascer mulheres disseminadoras desse dom ameaçador, capazes de destruir praticamente tudo que quiserem.

Quarta-feira à tarde.

Susan e mais 14 colegas — O Comitê de Decoração do Baile da Primavera, simplesmente — trabalhavam no enorme mural que ficaria pendurado atrás dos palcos geminados das orquestras na sexta-feira à noite. O tema era Primavera em Veneza (quem escolhia esses temas batidos?, imaginava Sue. Ela estudava na Ewen há quatro anos, já fora a dois bailes e ainda não sabia. Por que cargas d'água era preciso um tema? Por que não dar só uma festa com dança e encerrar o assunto?); George Chizmar, o aluno mais talentoso da Ewen, fizera com giz um pequeno esboço de gôndolas num canal ao pôr do sol e um gondoleiro com um chapelão de palha encostado à cana do leme, tendo como pano de fundo uma rica combinação de rosa, vermelho e laranja fazendo o céu e a água. *Era* bonito, não havia dúvida. Ele reproduzira os contornos desse esboço numa enorme tela de quatro por seis, numerando as várias seções de acordo com diferentes tons de giz. Agora, o Comitê estava pacientemente colorindo essas seções, como crianças agachadas em cima de uma página enorme do livro de colorir de um gigante. Mesmo assim, pensou Sue, olhando para suas mãos e seus braços cobertos de giz cor de rosa, este ia ser o baile mais bonito de todos os tempos.

Ao lado dela, Helen Shyres sentou-se no chão, esticou-se e gemeu quando suas costas estalaram. Afastou uma mecha de cabelo da testa com as costas da mão, deixando uma mancha rosa.

— *Como* é que você me meteu nessa?

— Querem que fique bonito, não querem? — Sue imitou a Srta. Geer, a solteirona presidente do Comitê de Decoração apelidada de Srta. Bigode.

— É, mas por que não no Comitê das Bebidas ou no de Entretenimento? Menos costas, mais cabeça. Cabeça é minha área. Além do mais, você nem... — Engoliu as palavras.

— Vai? — Susan deu de ombros e tornou a pegar o giz. Estava com uma cãibra fortíssima na mão. — Não, mas apesar disso quero que seja bom. — Acrescentou timidamente: — Tommy vai.

Trabalharam um pouco em silêncio, então Helen tornou a parar. Não havia ninguém perto delas; a pessoa mais próxima era Holly Marshall, do outro lado do mural, colorindo a quilha da gôndola.

— Posso lhe perguntar uma coisa, Sue? — Helen acabou perguntando. — Nossa, está todo mundo falando.

— Claro. — Sue parou de colorir e flexionou a mão. — Talvez eu deva contar para alguém, só para a coisa ficar clara. Pedi a Tommy para levar Carrie. Espero que isso faça com que ela se abra um pouco... quebre algumas barreiras. Acho que devo isso a ela.

— E a gente nisso tudo? — perguntou Helen sem rancor.

Sue deu de ombros.

— Você mesma é que tem de saber como se sente em relação ao que a gente fez, Helen. Não estou em posição de atirar pedras. Mas não quero que as pessoas achem que estou, ahn...

— Bancando a mártir?

— Mais ou menos isso.

— E Tommy topou? — Essa era a parte que mais a fascinava.

— Topou — disse Sue, sem elaborar. E, depois de uma pausa: — Acho que o pessoal me acha besta.

Helen refletiu.

— Bem... todo mundo está falando nisso. Mas a maioria acha você legal. Como você disse, cada um decide por si. No entanto, tem uma pequena facção divergente. — Ela riu pesarosa.

— A turma de Chris Hargensen?

— E a do Billy Nolan. Nossa, ele é nojento.

— Ela não vai muito com a minha cara? — afirmou Sue, como se fosse uma pergunta.

— Susie, ela odeia você.

Susan balançou a cabeça afirmativamente, surpresa de ver que a ideia a

angustiava e a alvoroçava.

— Ouvi falar que o pai dela ia processar o Departamento da Escola e mudou de ideia — disse.

Helen deu de ombros.

— Ela não arranjou nenhuma amizade com isso — comentou. — Não sei o que deu na gente. Me dá a sensação de que não me conheço mais.

Continuaram trabalhando em silêncio. Do outro lado da sala, Don Barrett armava uma escada para chegar às vigas de aço do teto que seriam cobertas com papel crepom.

— Olhe — disse Helen. — Lá vai a Chris.

Susan olhou a tempo de vê-la entrando na salinha à esquerda da entrada do ginásio. Estava de calça de veludo cor de vinho e blusa de seda branca — sem sutiã, pelo modo como as coisas balançavam ali na frente —, a fantasia de um velho safado, pensou Sue com azedume, e quis saber o que Chris poderia querer na sala onde o Comitê do Baile estava sediado. Obviamente Tina Blake estava no Comitê e as duas eram unha e carne.

Pare com isso, ela se censurou. Quer que ela ande vestida de saco com a cabeça coberta de cinzas?

Quero, reconheceu. Uma parte dela queria exatamente isso.

— Helen?

— Hummm?

— Eles vão fazer alguma coisa?

O rosto de Helen assumiu com relutância um ar de máscara.

— Não sei. — A voz era descontraída, exageradamente inocente.

— Ah — disse Sue num tom neutro.

(você sabe você sabe alguma coisa: admita alguma coisa droga se formos só nós duas)

Continuaram colorindo, e nenhuma delas falou. Sue sabia que não estava tudo bem como Helen dissera. Não podia estar; ela nunca seria exatamente a mesma garota de ouro aos olhos dos colegas. Havia feito uma coisa incontável e arriscada — tirado a máscara e mostrado a cara.

O sol do entardecer, quente como óleo e doce como a infância, entrava pelas janelas altas e resplandecentes do ginásio.

De My Name Is Susan Snell (p. 40):

Consigo entender alguma coisa do que deve ter levado ao que aconteceu no

baile. Ainda que seja uma coisa horrível, entendo como alguém como Billy Nolan possa ter entrado nessa, por exemplo. Chris Hargensen o levava no cabresto — pelo menos, a maior parte do tempo. Ele próprio levava os amigos dessa forma. Kenny Garson, que parou de estudar aos 18 anos sem ter terminado o ensino médio, tinha leitura de nível de terceira série. Clinicamente, Steve Deighan era pouco mais que um idiota. Alguns dos outros eram fichados na polícia; um deles, Jackie Talbot, foi preso pela primeira vez aos 9 anos por roubar calotas. Para quem tenha mentalidade de assistente social, essas pessoas podem até ser vistas como pobres vítimas.

Mas o que se pode dizer de Chris Hargensen?

Parece-me que, desde o primeiro momento, seu único objetivo era a total e completa destruição de Carrie White...

— Eu não posso — disse Tina Blake constrangida. Era uma menina miúda e bonitinha com uma cascata de cabelos vermelhos onde estava espetado um lápis, para dar um ar importante. — E se Norma voltar, ela vai falar.

— Ela está no banheiro — disse Chris. — Vamos.

Tina, meio chocada, não conseguiu deixar de rir. Mesmo assim, ofereceu uma resistência simbólica:

— Por que você quer ver? Você não pode ir.

— Deixe para lá — disse Chris. Como sempre, aparentava um mau humor fervilhante.

— Tome — disse Tina, e passou-lhe uma folha envolta num plástico fino por cima da mesa. — Vou sair para tomar uma Coca. Se a jararaca daquela Norma Watson voltar e te pegar, eu nem vi você aqui.

— Tudo bem — murmurou Chris, já concentrada no plano do salão. Nem ouviu a porta fechar.

George Chizmar também havia feito o mapa do salão, de modo que estava perfeito. A pista de dança estava marcada com clareza. Os palcos geminados das orquestras. O palco onde o rei e a rainha seriam coroados

(eu gostaria de coroar a jararaca daquela snell carrie também)

no fim da noite. Nos três lados do salão, ficavam as mesas dos participantes do baile. Mesas de jogo, na verdade, mas cobertas de papel crepom e fitas, com brindes, programas do baile e cédulas para a votação do rei e da rainha.

Chris passou uma unha igual a uma pá pintada de verniz pelas mesas do lado direito da pista de dança, depois pelas do lado esquerdo. Ali: *Tommy R. & Carrie W.* Eles estavam levando a coisa adiante mesmo. Ela mal podia acreditar. A

afronta a deixava trêmula. Será que eles estavam achando mesmo que poderiam sair dessa impunes? Seus lábios se crisparam numa expressão feroz.

Ela olhou por cima do ombro. Norma Watson ainda não aparecera.

Chris pôs o mapa da colocação das pessoas de volta no lugar e passou os olhos rapidamente nos outros papéis da mesa cheia de mossas e iniciais rabiscadas. Faturas (principalmente de papel crepom e tachinhas), uma lista dos pais que haviam emprestado mesas de jogo, vales de trocados, uma conta da Star Printers, que imprimira os ingressos para o baile, uma amostra da cédula para a votação do rei e da rainha...

Cédula! Ela agarrou aquilo.

Ninguém devia ver a cédula de votação até sexta-feira, quando todo o corpo discente ouviria os nomes dos candidatos anunciados pelos alto-falantes. O rei e a rainha seriam votados pelos participantes do baile, mas cédulas em branco haviam sido distribuídas há quase um mês nas salas onde os alunos formavam quando chegavam na escola pela manhã. Os resultados eram guardados a sete chaves.

Havia um movimento que vinha crescendo entre os alunos para se acabar de vez com a escolha de rei e rainha — algumas meninas afirmavam que era uma coisa sexista, os meninos achavam que era só uma total estupidez e algo meio constrangedor. Havia grande probabilidade de aquele ser o último ano de baile assim tão formal ou tradicional.

Mas para Chris era o único ano que contava. Contemplava a cédula com uma intensidade ávida.

George e Frieda. De jeito nenhum. Frieda Jason era judia.

Peter e Myra. De jeito nenhum, também. Myra estava na turma das meninas que queriam acabar com todo esse páreo. Não serviria, mesmo se eleita. Além do mais, era bonita como o traseiro de Ethel, a velha égua de carga.

Frank e Jessica. Grande chance. Frank Grier naquele ano tinha conseguido entrar para o time de futebol americano All New England, mas Jessica era outra bobinha insignificante com mais espinhas que cabeça.

Don e Helen. Pode esquecer. Helen Shyres não poderia ser eleita para trabalhar na carrocinha.

E o último par: *Tommy e Sue.* O nome de Sue, obviamente, havia sido cortado, substituído pelo de Carrie. Esse era um par importantíssimo! Uma gargalhada estranha, lenta, foi tomando conta dela, e ela tapou a boca com a mão para segurá-la.

Tina entrou correndo de volta.

— Nossa, Chris, você ainda está aí? Ela está *chegando*!

— Fique fria, boneca — disse Chris, e pôs os papéis de volta na mesa. Continuava sorrindo quando saiu da sala, parando para dar um aceno sarcástico para Sue Snell, que estava se matando de trabalhar naquele mural.

No corredor externo, ela catou uma moeda na bolsa, enfiou-a no telefone público e ligou para Billy Nolan.

Do livro *The Shadow Exploded* (p. 100-1):

A pessoa se pergunta até que ponto a destruição de Carrie teria sido planejada — teria havido realmente um plano benfeito, muitas vezes ensaiado e repassado ou as coisas foram acontecendo confusamente?

... Prefiro a última hipótese. Desconfio que Christine Hargensen fosse o cérebro da trama, mas que só tivesse tido as ideias mais nebulosas a respeito de como se poderia “pegar” uma garota como Carrie. Antes desconfio ter sido ela quem sugeriu que William Nolan e seus amigos fossem até a fazenda de Irwin Henty ao norte de Chamberlain. A ideia do resultado imaginado dessa viagem seria atraente para alguém com uma noção distorcida de justiça poética, tenho certeza...

O carro subia cantando pneu na sulcada Stack End Road ao norte de Chamberlain a 100 por hora, o que era um perigo e um sufoco naquela pista de terra cheia de lombadas. Às vezes um galho mais baixo, com aquela folhagem viçosa de maio, arranhava o teto do Biscayne 61 de para-lama amassado, todo enferrujado, empenado na traseira e equipado com descarga dupla. Um farol não acendia; o outro piscava na escuridão da noite quando o carro passava numa lombada particularmente violenta.

Billy Nolan estava no volante cor de rosa coberto de felpa. Jackie Talbot, Henry Blake, Steve Deighan e os irmãos Garson, Kenny e Lou, também iam espremidos lá dentro. Três baseados passavam de mão em mão, circulando no escuro como os olhos rápidos de um Cérbero.

— Tem certeza que o Henty não está por aí? — perguntou Henry. — Não quero ficar de rabo para cima, William meu bem. Eles mandam ver na gente.

Kenny Garson, que já estava no maior barato, achou aquilo engraçadíssimo e emitiu um jato de risadinhas agudas.

— Não está, não — respondeu Billy. Até essas poucas palavras pareciam sair com relutância, contra a vontade dele. — Enterro.

Chris descobrira isso por acaso. O velho Henty tinha uma das poucas

fazendas independentes bem-sucedidas da área de Chamberlain. Ao contrário do velho fazendeiro rabugento e bondoso que é uma das figuras básicas da literatura pastoril, o velho Henty era mau como uma cobra. Não carregava a espingarda com sal grosso na época das maçãs verdes, mas sim com chumbinho. Também processara muitos indivíduos por furto. Um destes era amigo daqueles rapazes, um pobre filho da mãe chamado Freddy Overlock. Freddy foi pego em flagrante no galinheiro do velho Henty, e levou uma dose dupla de chumbinho número seis onde o bom Deus o havia rachado. O velho Fred passou quatro horas berrando e xingando deitado de bruços na sala de exame do setor de emergência enquanto um interno jovial extraía chumbinhos de seu traseiro e os jogava numa cuba de aço. Não bastassem os ferimentos, ainda houve o insulto de ter sido obrigado a pagar uma multa de 200 dólares por furto e invasão de propriedade. Irwin Henty nunca gostou da turma dos topetudos de Chamberlain.

— E Red? — perguntou Steve.

— Está tentando comer uma nova garçonete do The Cavalier — disse Billy, dando uma guinada no volante, pisando fundo e entrando a toda com o Biscayne aos trancos na estrada da fazenda. Red Trelawney era o empregado do velho Henty. Era um beerrão e quase tão bom com a espingarda de chumbinho quanto o patrão. — Não volta enquanto a casa não fechar.

— Um risco do capeta para uma brincadeira — resmungou Jackie Talbot.

Billy se empertigou.

— Quer cair fora?

— Não — disse Jackie depressa. Billy tinha arranjado 28 gramas de erva da boa para rachar entre eles cinco, e, além do mais, eram quase 15 quilômetros até a cidade. — A brincadeira é legal, Billy.

Kenny abriu o porta-luvas, tirou uma marica ornada com volutas (de Chris) e nela prendeu a guimba acesa de um baseado. Achou essa operação engraçadíssima e tornou a soltar aquela risadinha estridente.

Agora passavam a toda por placas de Proibida a Entrada de ambos os lados da estrada, arame farpado, campos recém-arados. O cheiro de terra era forte, carregado e doce naquele ar de maio.

Billy apagou os faróis quando chegaram ao topo da colina seguinte, deixou a marcha em ponto morto e desligou o motor. Foram deslizando naquela silenciosa banheira de metal, rumo à entrada da casa de Henty.

Billy conseguiu fazer a curva sem problema, e foram perdendo velocidade enquanto subiam mais uma pequena ladeira e passavam pela casa escura e deserta. Agora dava para ver o enorme vulto do celeiro adiante, o lago das vacas

e o pomar das macieiras brilhando ao luar.

No chiqueiro, duas porcas enfiavam os focinhos chatos entre as barras da grade. No estábulo, uma vaca mugiu baixinho, talvez dormindo.

Billy parou o carro com o freio de mão — o que não era realmente necessário, já que o motor estava desligado, mas tinha um simpático toque de missão de ataque — e todos saltaram. Lou Garson atravessou a mão pela frente de Kenny e tirou uma coisa do porta-luvas. Billy e Henry foram abrir a mala do carro.

— O filho da mãe vai se borrar todo quando voltar e ver — disse Steve com prazer.

— Por Freddy — disse Henry tirando o martelo da mala.

Billy não disse nada, mas obviamente não era por Freddy Overlock, que era um babaca. Era por Chris Hargensen, como tudo era e havia sido por Chris desde o dia em que ela desceu do Olimpo de seu curso pré-universitário e se tornou vulnerável a ele. Por ela, seria capaz de matar e de outras coisas piores.

Henry estava balançando a marreta de 5 quilos numa das mãos para experimentar. A cabeça pesada da ferramenta zunia pressagiosa na noite, e os outros rapazes juntaram-se em torno de Billy, abriram a tampa da caixa térmica e tiraram dois baldes de aço galvanizado, já recobertos por uma fina camada de gelo, que, de tão gelados, deixavam a mão dormente.

— Tudo bem — disse ele.

Os seis foram depressa para o chiqueiro, a respiração curta de ansiedade. As duas porcas eram mansas como gatinhas, e o velho macho estava deitado de lado no outro extremo. Henry tornou a balançar a marreta no ar, mas dessa vez sem convicção. Entregou-a a Billy.

— Não tenho condição — disse debilmente. — Você.

Billy pegou a ferramenta e olhou com um ar interrogativo para Lou, que segurava o facão de açougueiro que havia tirado do porta-luvas.

— Não se preocupe — disse ele, e tocou o fio da lâmina com o polegar.

— A garganta — lembrou Billy.

— Eu sei.

Kenny cantarolava e sorria enquanto dava aos porcos as sobras de um saco amassado de batatas fritas.

— Não se preocupem, porquinhos, não se preocupem, o Bilzão vai dar uma marretada na cabeça de vocês, e vocês não vão mais ter que se preocupar com a bomba.

Coçava o focinho hirsuto dos bichos, que mastigavam contentes.

— Lá vai — disse Billy, e desceu a marreta.

Ouviu-se um barulho que o fez lembrar a vez em que ele e Henry largaram uma abóbora do viaduto da Claridge Road que cruzava a 495 a oeste da cidade. Uma das porcas caiu morta com a língua de fora, os olhos ainda abertos e migalhas de batata frita em volta do focinho.

Kenny ria.

— Ela nem teve tempo de arrotar.

— Acabe logo com isso, Lou — disse Billy.

O irmão de Kenny entrou no cercado, levantou a cabeça da porca para a lua — os olhos vidrados contemplavam o crescente com um enlevo apagado — e passou a faca.

O esguicho de sangue foi imediato e impressionante. Respingou em alguns dos garotos, que deram um pulo para trás com gritos de nojo.

Billy se adiantou e colocou um dos baldes embaixo do jato mais forte. O balde logo ficou cheio, e ele o pôs de lado. O segundo balde estava pela metade quando o sangue começou a pingar e parou de sair.

— A outra — disse ele.

— Nossa, Billy — queixa-se Jackie. — Será que não che...

— Porquinha, porquinha — chamou Kenny, rindo e fazendo barulho com o saco vazio de batata. Após uma pausa, a porca voltou para a cerca. A marreta desceu. Encheram o segundo balde e deixaram o resto do sangue escorrer para a terra. Um cheiro desagradável, metálico, impregnava o ar. Billy viu que tinha sangue de porco até os cotovelos.

Enquanto levava os baldes para a mala do carro, sua mente fez uma ligação vaga, simbólica. Sangue de porco. Era bom. Chris tinha razão. Era ótimo. Solidificava tudo.

Sangue de porco para uma porca.

Ele enfiou os baldes galvanizados no gelo picado, tampou-os e bateu a tampa da caixa térmica.

— Vamos embora — disse.

Sentou-se ao volante e soltou o freio de mão. Os cinco rapazes foram para trás e começaram a empurrar, e o carro dobrou silenciosamente numa curva fechada, subindo até o topo da colina depois do estábulo e em frente à casa de Henty.

Quando o carro começou a andar sozinho, eles entraram correndo, bufando e arfando.

O carro ganhou velocidade suficiente para derrapar um pouco quando Billy deu uma guinada para sair do longo caminho de acesso à casa e entrar na estrada da fazenda. No pé da colina, engatou uma terceira e soltou a embreagem. O

motor roncou e pegou.

Sangue de porco para uma porca. Sim, isso era bom, mesmo. Era ótimo. Ele sorriu, e Lou Garson ficou surpreso e com medo. Achava que não se lembrava de alguma vez ter visto Billy Nolan sorrir. Nem de leve.

— De quem era o enterro a que o velho Henty foi? — perguntou Steve.

— Da mãe dele — respondeu Billy.

— Da *mãe* dele? — disse Jackie Talbot, perplexo. — Cruzes, ela devia ser mais velha que Deus.

A risada estridente de Kenny ecoou na escuridão perfumada e vibrante do prenúncio do verão.

1 Organização com filiais em muitas cidades americanas que estimula empreendedorismo e liderança entre jovens. (N. da T.)

2 Organização de veteranos de guerra. (N. da E.)

3 Letra de “Just Like a Woman”, de Bob Dylan. Copyright © 1966 Dwarf Music. Usado com permissão da Dwarf Music.

4 Cupons de cor verde amplamente usados nos EUA entre os anos 1930 e 1980. (N. da E.)

Parte II

A Noite do Baile

Ela provou o vestido pela primeira vez em seu quarto, na manhã do dia 27 de maio. Para usar com ele, comprara um sutiã especial, que colocava seu busto no lugar certo (não que isso fosse realmente necessário), mas deixava descoberta a parte de cima dos seios. Dava-lhe uma estranha sensação meio onírica que era um misto de vergonha e assanhamento.

O vestido ia quase até o chão. Tinha a saia solta, mas o corpo justo, e o tecido era de uma riqueza que sua pele estranhava, habituada como estava só a algodão e lã.

Parecia estar caindo bem — ou iria cair, com os novos sapatos. Ela os calçou, fechou a gargantilha e foi até a janela. Só viu uma irritante imagem fantasma de si mesma, mas tudo parecia correto. Talvez mais tarde pudesse...

A porta abriu de repente às suas costas com um pequeno estalo do trinco. Carrie virou-se e olhou para a mãe.

Margaret estava vestida para ir trabalhar, com um suéter branco e a carteira preta numa das mãos. Na outra, segurava a Bíblia de papai Ralph.

As duas se olharam.

Quase sem se dar conta, Carrie sentiu as costas se endireitarem até ela ficar empertigada na réstia de sol primaveril que entrava pela janela.

— Vermelho — murmurou mamãe. — Eu devia saber que seria vermelho.

Carrie ficou calada.

— Estou vendo seus travesseirosimundos. Todo mundo vai ver. Vai ficar olhando para o seu corpo. O livro diz...

— São os meus peitos, mamãe. Toda mulher tem.

— Tire esse vestido — disse mamãe.

— Não.

— Tire, Carrie. Vamos lá embaixo juntas queimá-lo no incinerador e rezar pedindo perdão. Vamos fazer penitência. — Os olhos dela começaram a brilhar com aquele fervor disparatado que a invadia diante de acontecimentos que ela considerava serem um teste de fé. — Eu não vou trabalhar e você não vai à escola. Vamos rezar. Vamos pedir um sinal. Vamos nos ajoelhar e pedir o Fogo de Pentecostes.

— Não, mamãe.

A mãe beliscou o próprio rosto. Ficou com uma marca vermelha. Olhou para ver qual seria a reação de Carrie, não viu nada, curvou os dedos contraindo-os como garras e arranhou o rosto, chegando a tirar sangue. Gemeu, cambaleando para trás. Seus olhos brilhavam de exaltação.

— Pare de se ferir, mamãe. Isso também não vai me impedir.

Mamãe gritou. Fechou a mão e deu um murro na boca que tirou sangue. Molhou os dedos nesse sangue, olhou para aquilo com um ar ausente e fez uma marca na capa da Bíblia.

— Lavada no Sangue do Cordeiro — murmurou. — Muitas vezes. Muitas vezes ele e eu...

— Vá embora, mamãe.

A mãe olhou para Carrie, os olhos brilhando. Havia uma expressão apavorante de justa ira estampada em seu rosto.

— Do Senhor não se zomba — murmurou. — Saiba que seu pecado há de mostrar quem você é. Queime o vestido, Carrie! Arranque e queime esse vermelho do demônio! Queime! Queime! *Queime!*

A porta abriu sozinha.

— Vá embora, mamãe.

Mamãe sorriu. Sua boca ensanguentada tornava o sorriso grotesco, deformado.

— Como Jezabel caiu da torre, que você caia também — disse. — E os cães vieram e lamberam o sangue. Está na Bíblia! Está...

Seus pés começaram a deslizar no chão e ela olhou para eles, pasma. Era como se a madeira tivesse se transformado em gelo.

— *Pare com isso!* — gritou.

Agora estava no corredor. Segurou-se um instante no batente da porta, então seus dedos se soltaram, aparentemente sozinhos.

— Eu amo a senhora, mamãe — disse Carrie firme. — Sinto muito.

Mentalizou a porta se fechando, e foi exatamente o que aconteceu, como se uma leve brisa impelisse a porta. Cuidadosamente, como se para não machucá-la, soltou as mãos mentais com que empurrara a mãe.

Um segundo depois, Margaret já batia na porta. Carrie escorou-a para mantê-la fechada, os lábios trêmulos.

— Vai haver um julgamento! — Margaret White esbravejava. — Lavo minhas mãos! Eu tentei!

— Pilatos disse isso — disse Carrie.

A mãe foi embora. Um minuto depois, Carrie a viu aparecer na entrada e atravessar a rua para ir trabalhar.

— Mamãe — disse ela baixinho, encostando a testa no vidro.

Do livro *The Shadow Exploded* (p. 129):

Antes de entrar numa análise mais detalhada da Noite do Baile propriamente dita, seria bom resumir o que sabemos sobre Carrie White como pessoa.

Sabemos que Carrie era vítima do fanatismo religioso da mãe. Sabemos que possuía um talento telecinético latente, chamado vulgarmente de TC. Sabemos que esse chamado “dom espontâneo” é realmente um traço hereditário, produzido por um gene normalmente recessivo, quando presente. Desconfiamos que o dom da TC pode ser de natureza glandular. Sabemos que Carrie deu pelo menos uma demonstração de seu dom na infância, ao viver uma situação extrema de culpa e tensão. Sabemos que uma segunda situação desse tipo aconteceu após um incidente desagradável no chuveiro da escola. Algumas pessoas (especialmente William G. Throneberry e Julia Givens, de Berkeley) defendem a teoria de que a manifestação do dom da TC neste ponto tanto foi causada por fatores psicológicos (ou seja, a reação das outras meninas e da própria Carrie à sua primeira menstruação) como fisiológicos (ou seja, o advento da puberdade).

E, finalmente, sabemos que na Noite do Baile surgiu uma terceira situação de tensão, provocando os terríveis acontecimentos que passaremos a discutir agora. Começaremos com...

(não estou nervosa nem um pouco nervosa)

Tommy já lhe levava as flores do vestido, e agora ela mesma prendia o ramo no ombro da roupa. Obviamente, não havia mamãe para fazer isso para ela e ver se estava no lugar certo. Mamãe estava trancada na capela há duas horas, rezando histericamente. Elevava e baixava a voz em ciclos assustadores e incoerentes.

(sinto muito mamãe mas não consigo sentir muito)

Quando ficou satisfeita com a colocação do ramo, deixou cair os braços e ficou parada um instante, olhos fechados. Na casa, não havia espelho onde pudesse se ver de corpo inteiro,

(vaidade vaidade tudo é vaidade)

mas achou que estava bem. *Tinha* de estar. Ela...

Abriu os olhos. O cuco da Floresta Negra, comprado com cupões, deu 19h10.

(ele chegará em 20 minutos)

Será?

Talvez isso tudo fosse apenas uma brincadeira elaborada, o espezinhamento final, a piada de tudo. Plantá-la ali a noite inteira com aquele vestido de baile de veludo amassado de corte princesa, mangas julieta e saia reta — e suas rosas chá

presas no ombro esquerdo.

Do outro quarto, agora em tom alto:

— ... na terra abençoada! Sabemos que trouxestes o Olho que vela, o hediondo Olho trilobado, e o som das trombetas negras. Estamos sinceramente arrependidas...

Carrie achava que ninguém poderia entender a absurda coragem que precisou ter para aceitar isso, expor-se a todas as coisas assustadoras que poderiam acontecer naquela noite. Levar um bolo dificilmente seria a pior delas. De fato, no fundo achava que talvez fosse melhor se...

(não pare com isso)

Claro que seria mais fácil ficar ali com mamãe. Mais seguro. Ela sabia o que elas achavam de mamãe. Bem, talvez mamãe fosse uma fanática, estranha, mas pelo menos era previsível. A casa era previsível. Ela nunca chegara em casa e encontrara meninas atirando coisas aos gritos e às gargalhadas.

E se ele não aparecesse, se ela recuasse e desistisse? Faltava um mês para ela concluir o curso médio. E depois? Uma vida silenciosa e subterrânea nesta casa, sustentada por mamãe, assistindo a programas de perguntas e novelas o dia inteiro na televisão da Sra. Garrison quando fosse convidada (a Sra. Garrison tinha 86 anos), descendo até o Centro para tomar um leite maltado depois da janta na Kelly Fruit quando não tivesse vivalma, engordando, perdendo a esperança, perdendo até a capacidade de pensar?

Não. Não, meu Deus, por favor.

(por favor que tudo acabe bem)

— ... protegeí-nos do que tem o pé fendido e espera nos becos e nos estacionamentos de bares de beira de estrada, Ó Salvador...

Sete e vinte e cinco.

Aflita, começou maquinalmente a levantar e abaixar objetos com a mente, como uma mulher nervosa à espera de alguém num restaurante fica dobrando e desdobrando o guardanapo. Conseguiu deixar vários objetos de uma vez pairando no ar, sem o menor sinal de cansaço ou dor de cabeça. Ficou esperando que a força diminuísse, mas ela continuou poderosa, sem sinal de esmorecer. Na noite passada, ao voltar da escola, fizera um carro estacionado

(ai meu deus fazei que não seja brincadeira)

junto ao meio-fio da rua principal andar quase sete metros sem esforço nenhum. Os desocupados que perambulavam na frente do tribunal olharam para aquilo com os olhos arregalados, como se fossem saltar das órbitas, e, obviamente, ela também olhou, mas sorrindo por dentro.

O cuco apareceu e cantou uma vez. Sete e meia.

Ela estava um pouco preocupada porque o uso do poder parecia lhe forçar terrivelmente o coração, os pulmões e o termostato interno. Achava bem possível que seu coração literalmente estourasse com o esforço. Era como estar num outro corpo que a forçasse a correr sem parar. Não seria ela que sofreria as consequências do esforço, mas sim o outro corpo. Ela começava a se dar conta de que sua força talvez não fosse muito diferente dos poderes dos faquires da Índia, que caminham sobre brasas, enfiam agulhas nos olhos, ou passam até seis semanas alegremente enterrados. Qualquer forma de domínio da mente sobre a matéria exaure terrivelmente os recursos do corpo.

Sete e trinta e dois.

(ele não vem)

(não fique pensando nisso panela não ferve quando a gente fica olhando ele vem)

(não ele não vem está com os amigos gozando você e daqui a pouco eles vão passar por aqui num daqueles carros barulhentos e velozes rindo e buzinando e gritando)

Sentindo-se miserável, começou a levantar e abaixar a máquina de costura, fazendo-a descrever arcos cada vez maiores no ar.

— ... e protegeei-nos também de filhas rebeldes imbuídas com a teimosia do Maligno.

— *Cale a boca!* — gritou Carrie de repente.

Após um silêncio espantado, recomeçou a cantilena.

Sete e trinta e três.

Não vem.

(aí vou destruir a casa)

A ideia lhe ocorreu de forma natural e clara. Primeiro a máquina de costura, atravessando a parede da sala. O sofá saindo pela janela. Mesas, cadeiras, livros e folhetos voando. O encanamento arrancado com a água ainda jorrando, como artérias arrancadas da carne. O próprio teto, se isso estivesse dentro dos limites de suas forças, telhas voando pelos ares na noite como pombos espantados...

O brilho extravagante de faróis iluminou a janela.

Outros carros haviam passado, fazendo seu coração bater um pouco mais rápido, mas esse vinha muito mais devagar.

(ai)

Ela correu até a janela, sem conseguir se conter, e era ele, Tommy, saltando do carro, e, mesmo naquela claridade da rua, ele era bonito e vivo e quase...

crocante. A palavra esquisita lhe deu vontade de rir.

Mamãe havia parado de rezar.

Carrie pegou o xale de seda nas costas da cadeira e colocou-o nos ombros. Mordeu os lábios, pôs a mão no cabelo, e daria a alma por um espelho. A campainha no hall soou estridente.

Ela se obrigou a esperar um pouco pelo segundo toque, controlando o tremor das mãos. Então foi andando devagar, com um farfalhar de seda.

Abriu a porta e ele estava ali, quase ofuscante, vestido a rigor de paletó branco e calças pretas.

Ficaram olhando um para o outro sem dizer nada.

Ela achou que ficaria arrasada se ele dissesse alguma coisa errada, e morreria se ele risse. Teve a sensação — física, mesmo — de que toda aquela sua vida miserável se estreitara até um ponto que podia ser um final ou o início de um raio que se ampliava.

Finalmente, sem saber o que dizer, perguntou:

— Gostou?

Ele respondeu:

— Você está linda.

E estava.

Do livro *The Shadow Exploded* (p. 131):

Enquanto os que iam ao Baile da Primavera da Ewen estavam se reunindo na escola ou acabando de comer qualquer coisa antes da festa, Christine Hargensen e William Nolan tinham se encontrado num quarto em cima de uma taberna na entrada da cidade chamada The Cavalier. Sabemos que eles vinham se encontrando ali há tempos; está no relatório da Comissão White. O que não sabemos é se estavam com os planos totalmente prontos ou se foram adiante quase por capricho...

— Já está na hora? — perguntou ela no escuro.

Ele olhou para o relógio.

— Não.

Baixinho, através do assoalho de madeira, vinha o ritmo da máquina tocando “She’s Got to Be a Saint” [Ela deve ser santa], de Ray Price. O The Cavalier, pensou Chris, não mudou os discos desde a primeira vez que entrou lá com uma carteira de identidade falsificada havia dois anos. Claro que na época ela ficou nos bares lá embaixo, não numa das “promoções” de Sam Deveaux.

O cigarro de Billy piscava no escuro, como o olho de um demônio nervoso. Ela olhava para isso introspectivamente. Não o deixara dormir com ela até a última segunda-feira, quando ele prometeu que, juntamente com seus amigos topetudos, a ajudaria a jogar o balde em cima de Carrie White se ela realmente ousasse ir ao baile com Tommy Ross. Mas eles já tinham estado lá antes, envolvidos em sessões bem quentes de agarramento — que ela chamava de amor à escocesa e ele, com sua indefectível capacidade de atingir o vulgar, de foda seca.

Pretendia fazê-lo esperar até que ele tivesse realmente *feito* alguma coisa, (mas claro que ele fez conseguiu o sangue) mas a coisa começou a lhe fugir das mãos, e isso a deixava nervosa. Se ela não tivesse cedido a ele de boa vontade segunda-feira, ele a teria possuído à força.

Billy não havia sido seu primeiro amante, mas era o primeiro sobre quem não tinha controle total. Antes dele, seus namorados eram marionetes espertas com a cara transparente coberta de espinhas e pais bem relacionados, sócios do melhor clube da cidade. Dirigiam os próprios Volkswagens, Javelins ou Dodge Chargers. Iam para a Universidade de Massachusetts ou o Boston College. Usavam casacos de náilon das fraternidades no outono e camisetas de listras de cores vivas no verão. Fumavam bastante maconha e falavam das coisas engraçadas que lhes aconteciam quando estavam no barato. Começavam tratando-a com uma camaradagem condescendente (todas as garotas do ensino médio, por mais bonitas que fossem, eram de Segunda Divisão) e sempre acabavam correndo atrás dela ofegantes, excitados como cachorros. Se achasse que haviam corrido o tempo necessário e gasto nisso uma quantia suficiente, em geral os deixava ir para a cama com ela. Muitas vezes, deixava-se estar passivamente embaixo deles, sem ajudar nem atrapalhar, até a coisa acabar. Depois, atingia seu próprio clímax solitário ao repassar o incidente como uma lembrança estanque.

Conhecera Billy depois de uma batida num apartamento em Portland. Quatro estudantes, entre eles o rapaz que estava saindo com Chris naquela noite, foram presos por posse de droga. Chris e as outras meninas foram fichadas por estarem no local. Seu pai cuidou do caso com discrição e eficiência, e lhe perguntou se sabia o que aconteceria com a imagem dela e a clientela dele se ela se envolvesse num processo ligado a drogas. Chris respondeu que duvidava que alguma coisa pudesse prejudicar algum deles dois, e o pai a deixou sem carro.

Billy ofereceu-lhe uma carona da escola para casa uma semana depois e ela aceitou.

Ele era aquilo que os outros garotos chamavam de cafona ou Zé da oficina. Mas alguma coisa nele a excitava e agora, deitada sonolenta naquela cama ilícita (mas com uma empolgante sensação de entusiasmo e um medo prazeroso), achou que talvez fosse o carro dele — pelo menos no início.

Estava a quilômetros de distância dos veículos anônimos dos colegas com quem saía, com janelas que não ventilavam, volantes dobráveis e um cheiro vagamente desagradável de capas de assento de plástico e detergente de para-brisa.

O carro de Billy era velho, escuro, de certa forma sinistro. O para-brisa era leitoso nas beiradas, como se uma catarata estivesse se formando ali. Os bancos eram soltos e bambos. Garrafas de cerveja rolavam e chocalhavam atrás (os garotos com quem ela saía bebiam Budweiser; Billy e seus amigos bebiam Rheingold), e ela tinha que botar um pé de cada lado de uma caixa de ferramentas suja de graxa e sem tampa. As ferramentas da caixa eram de várias marcas diferentes, e ela desconfiava que muitas fossem roubadas. O carro cheirava a óleo e gasolina. O ronco animado da descarga livre passava pelo fundo fino. Uma fileira de mostradores pendurados embaixo do painel registrava a amperagem, a pressão do óleo e o tac (seja lá o que isso fosse). As rodas traseiras eram empenadas e o capô parecia apontar para a estrada.

E, obviamente, ele dirigia depressa.

Na terceira vez que ele a levava em casa, um dos pneus carecas da frente estourou a quase 100 quilômetros por hora. O carro derrapou cantando pneu e ela deu um grito, subitamente convencida da morte certa. Uma imagem de seu cadáver fraturado e ensanguentado, atirado no pé de um poste telefônico como uma trouxa, passou-lhe pela cabeça como uma fotografia de tabloide. Billy xingava e virava o volante coberto de felpa de um lado para o outro.

Acabaram parando no acostamento da contramão, e ao saltar do carro sentindo os joelhos quererem dobrar a cada passo, ela viu a trilha de borracha queimada de 250 metros em ziguezague que haviam deixado.

Billy já estava abrindo a mala, tirando um macaco e falando sozinho. Não tinha um fio de cabelo fora do lugar.

Passou por ela, já com um cigarro no canto da boca.

— Traga aquela caixa de ferramentas, garota.

Ela ficou perplexa. Abriu e fechou duas vezes a boca, como um peixe fora d'água, antes de conseguir falar.

— Eu... eu, não! Você quase me m... você... quase... seu louco *filho da mãe*! Além do mais, a caixa está *imunda*!

Ele se virou e olhou para ela, irredutível.

— Traga já ou amanhã não levo você à porra da luta.

— Odeio luta!

Nunca havia assistido a uma, mas sua raiva e sua indignação exigiam ênfase. Os garotos com quem havia saído antes a levavam a shows de rock, que ela odiava. Ela e seu par sempre acabavam ao lado de alguém que não tomava banho havia semanas.

Billy deu de ombros, voltou para a frente do carro e começou a levantá-lo com o macaco.

Ela pegou a caixa de ferramentas, sujando o suéter novo em folha todo de graxa. Ele resmungou sem se virar. Estava com a camiseta para fora da calça, e suas costas eram macias, bronzeadas e musculosas. Ela ficou fascinada, e sentiu a língua ir-se insinuando para o canto de sua boca. Ajudou-o a tirar o pneu, ficando com as mãos pretas. O carro balançava de modo alarmante no macaco, e o estepe estava na lona em dois pontos.

Quando o serviço terminou e ela tornou a entrar no carro, seu suéter e sua cara saía vermelha estavam sujos de graxa.

— Se você acha... — começou ela quando ele entrou no carro.

Ele se chegou para o lado dela e a beijou, apalpando-a toda, da cintura aos seios. Tinha um bafo de fumo e cheirava a Brylcreem e suor. Ela acabou se desvencilhando e ficou se olhando, ofegante. O suéter estava todo manchado de graxa e agora de terra. Vinte e sete e cinquenta na Jordan Marsh e só servia para ir para o lixo. Sentia uma excitação intensa, quase dolorosa.

— Como vai explicar isso? — perguntou ele, e tornou a beijá-la. Ela sentiu que ele estava sorrindo.

— Me pegue — disse ela no ouvido dele. — Me pegue toda. Me suje.

Ele fez isso. Uma meia ficou com um rombo igual a uma boca aberta. A saia, que já era curta, foi puxada com brutalidade até a cintura. Ele apalpava sofregamente, sem nenhuma sutileza. E algo — talvez isso, talvez a repentina proximidade da morte — levou-a a um orgasmo súbito e sacudido. Ela havia ido à luta com ele.

— Quinze para as oito — disse ele, e sentou-se na cama. Acendeu a luz e começou a se vestir. Seu corpo ainda a fascinava. Ela pensou na noite da última segunda-feira, e como tinha sido. Ele tinha...

(não)

Havia bastante tempo para pensar nisso mais tarde, quando a lembrança pudesse lhe trazer algo além de excitação inútil. Ela também sentou na cama e

vestiu as calcinhas finas.

— Talvez a ideia não seja boa — disse ela, sem saber ao certo se estava testando a ele ou a si mesma. — Talvez devêssemos simplesmente voltar para a cama e...

— A ideia é boa — disse ele com uma sombra de humor na expressão. — Sangue de porco para uma porca.

— O quê?

— Nada. Vamos. Vista-se.

Ela se vestiu, e quando saíram pela escada dos fundos, ela sentia a excitação desabrochando em suas entranhas, como uma voraz trepadeira de flores noturnas.

De My Name Is Susan Snell (p. 45):

Sabe, não me sinto arrasada por isso tudo do jeito que as pessoas parecem achar que eu deveria me sentir. Não que elas digam isso abertamente; *elas* é que sempre souberam o quanto sentem muito. Isso em geral acontece justo antes de pedirem o meu autógrafo. Mas elas esperam que você diga que sente muito. Esperam que você fique chorosa, use muito preto, beba um pouco além da conta ou se drogue. Dizem coisas do tipo: “Ah, que pena. Mas você sabe o que aconteceu com ela...” e blablablá.

Mas a expressão “sinto muito” é o xarope das relações humanas. É o que se diz quando se derrama uma xícara de café ou se joga uma bola fora numa partida de boliche com as garotas da turma. Mas sentir realmente o que aconteceu é raro como o amor verdadeiro. Já não sinto muito a morte de Tommy. Ele se parece demais com uma fantasia que tive. Talvez você ache isso cruel, mas muita água já passou por baixo da ponte desde a Noite do Baile. E não sinto muito pelo meu depoimento à Comissão White. Eu disse a verdade — até onde eu sabia.

Mas sinto muito por Carrie.

Eles a esqueceram, você sabe. Transformaram-na numa espécie de símbolo e esqueceram que ela era um ser humano, real como você que está lendo isso, com esperanças e sonhos e blablablá. Inútil lhe dizer isso, acho eu. Nada pode transformá-la de novo de algo criado pela imprensa numa pessoa. Mas ela era uma pessoa, e sofria. Mais do que alguma de nós poderia saber, ela sofria.

E então sinto muito e espero que tenha sido bom para ela, aquele baile. Até começar o terror, espero que tenha sido uma coisa boa e especial e maravilhosa e mágica...

Tommy parou no estacionamento ao lado da nova ala da escola, deixou o motor ligado um instante antes de desligar. Carrie estava sentada na sua ponta do banco, segurando o xale em volta dos ombros. De repente teve a impressão de estar vivendo um sonho de intenções ocultas e de ter acabado de se dar conta desse fato. O que poderia estar fazendo? Deixara mamãe sozinha.

— Nervosa? — ele perguntou e ela se assustou.

— Estou.

Ele riu e saltou do carro. Ela já ia abrir a porta quando ele fez isso para ela.

— Não fique nervosa — disse. — Você parece a Galateia.

— Quem?

— Galateia. A gente leu sobre ela na aula do Sr. Evers. De empregada, ela se transformou numa linda mulher e não foi reconhecida por ninguém.

Ela refletiu sobre isso.

— Quero que me reconheçam — disse afinal.

George Dawson e Frieda Jason estavam ao lado da máquina de Coca-Cola. Frieda estava vestida de tule laranja, e parecia uma pequena tuba. Donna Thibodeau recolhia os ingressos na porta com David Bracken. Ambos pertenciam à Sociedade Nacional de Honra e faziam parte da Gestapo particular da Srta. Geer. Usavam calças brancas e blazers vermelhos — as cores da escola. Tina Blake e Norma Watson estavam distribuindo programas e indicando os lugares das pessoas de acordo com o mapa. Ambas estavam de preto, e Carrie imaginou que elas estavam se achando muito chiques, mas, para ela, pareciam vendedoras de cigarro em filmes de gângster antigos.

Todas elas se viraram para olhar para Tommy e Carrie quando eles entraram, e, por um instante, houve um silêncio incômodo e constrangedor. Carrie sentiu uma necessidade premente de umedecer os lábios, mas se controlou. Então George Dawson disse:

— Nossa, você está esquisito, Ross.

Tommy sorriu.

— Quando você desceu do alto das árvores, Tião?

Dawson deu um pulo à frente com os punhos erguidos, e, por um momento, Carrie ficou apavorada. Naquele seu estado ligado, por um triz não pegou George e o atirou do outro lado do saguão. Depois percebeu que aquilo era uma brincadeira antiga, repetida e apreciada.

Os dois lutaram em círculo, rosnando. Então George, que já havia sido agarrado duas vezes nas costelas, começou a gritar:

— Pega! Mata! Esfola! — E Tommy baixou a guarda, rindo.

— Não se incomode com isso — disse Frieda, empinando o nariz parecendo uma faca de abrir cartas e se aproximando. — Se eles se matarem, danço com você.

— Eles parecem idiotas demais para se matarem — arriscou Carrie. — Como dinossauros.

Aí Frieda sorriu, e ela sentiu algo muito velho e enferrujado se soltar dentro dela. Uma sensação agradável veio junto. Alívio. Relaxamento.

— Onde comprou seu vestido? — perguntou Frieda. — Adorei.

— Eu que fiz.

— Fez? — Frieda arregalou os olhos verdadeiramente surpresa. — Não sacaneia!

Carrie sentiu-se corar violentamente.

— Fiz, sim. Eu... eu gosto de costurar. Comprei o tecido na Jonh's em Westover. O modelo é mesmo bem simples.

— Vamos — disse George para todo mundo. — A banda vai começar. — Revirou os olhos e começou um sapateado satírico e ágil. — Vibração, vibração, vibração. Nós gostamos é de vibração.

Quando eles entraram, George imitava Flash Bobby Pickett e fazia caretas. Carrie contava a Frieda do vestido, e Tommy sorria, as mãos enfiadas nos bolsos. Amarrotava todo o paletó, Sue estaria lhe dizendo, mas porra, parecia estar funcionando. Até agora estava tudo bem.

Ele e George e Frieda tinham menos de duas horas de vida.

De *The Shadow Exploded* (p. 132):

A posição da Comissão White em relação ao que desencadeou todo o caso — dois baldes de sangue de porco pendurados numa viga em cima do palco — parece excessivamente fraca e insegura, mesmo diante das poucas provas concretas. A acreditar no que se ouviu do círculo dos amigos mais próximos de Nolan (e para ser cruamente franco, estes não parecem ter inteligência suficiente para mentir de forma convincente), Nolan tirou totalmente essa parte da conspiração das mãos de Christine Hargensen e agiu por conta própria...

Ele não falava enquanto dirigia; gostava de dirigir. A operação lhe dava uma sensação de poder que não se comparava a nada, nem a trepar.

A estrada se desenrolava à frente deles em pretos e brancos fotográficos, e o velocímetro vibrava na marca dos 120. Ele vinha de um lar desfeito; o pai saía de casa depois do fracasso do negócio mal administrado de um posto de

gasolina, quando Billy tinha 12 anos, e sua mãe já tinha tido quatro namorados pela última conta. Brucie estava em alta agora. Era um homem da Seagrams 7. Ela estava ficando um lixo, também.

Mas o carro: o carro alimentava-o com poder e glória por suas próprias linhas místicas de força. Transformava-o numa pessoa que inspirava respeito, que possuía *mana*. Não era por acaso que a maioria de suas transas fora no banco traseiro. O carro era seu escravo e seu deus. Dava e podia tirar. Billy o usara para tirar muitas vezes. Em longas noites de insônia, enquanto sua mãe e Brucie brigavam, Billy fazia pipoca e saía à cata de cães perdidos. Algumas vezes, de manhã, entrava com o carro desligado, o para-choque dianteiro pingando, na garagem que construía nos fundos da casa.

Ela já conhecia os hábitos dele o suficiente para não se dar ao trabalho de puxar um assunto que simplesmente seria ignorado. Ia ao lado dele sentada sobre uma das pernas, roendo o nó de um dedo. Os faróis dos carros que passavam por eles na 302 cintilavam suavemente em seu cabelo, prateando-o.

Ele se perguntou quanto tempo ela duraria. Talvez não passasse muito daquela noite. De alguma forma, tudo levaria àquela situação, até o modo como começou, e, quando terminasse, a cola que os mantinha juntos estaria fina e quem sabe dissolvida, dando-lhes a oportunidade de pensar em como aquilo tudo começara. Ele achou que ela começaria a perder o ar de deusa e novamente faria mais o gênero da típica dondoca da sociedade, e isso lhe daria vontade de dar umas trepadas com ela. Ou muitas. Esfregar isso na cara dela.

Passaram pelo topo da Brickyard Hill e avistaram a escola com o estacionamento lotado daquelas banheironas reluzentes de papai, lá embaixo. Ele sentiu aquele gosto conhecido de nojo e ódio lhe subir na garganta. Vamos dar uma coisa para eles

(uma noite memorável)

sim. Podemos fazer isso.

As alas das salas de aula estavam apagadas e quietas e desertas; o saguão estava iluminado com um clarão amarelo padrão, e a parede de vidro que formava o lado leste do ginásio deixava passar uma suave luz alaranjada que era algo etéreo, quase fantasmagórico. Outra vez o gosto amargo, e o desejo de atirar pedras.

— Estou vendo as luzes, estou vendo as luzes da festa — murmurou ele.

— Hã? — Ela se virou para ele, acordada de repente dos próprios pensamentos.

— Nada. — Billy pôs a mão na nuca dela. — Acho que vou deixar você

puxar a corda.

Billy fez aquilo sozinho, porque sabia perfeitamente que não podia confiar em mais ninguém. Isso havia sido uma lição difícil, mais do que aquelas que se ensinam no colégio, mas ele a aprendeu bem. Os garotos que haviam ido com ele à fazenda de Henty na noite anterior nem sabiam para que ele queria o sangue. Deviam saber que Chris estava envolvida, mas não podiam ter certeza disso.

Ele foi para a escola minutos depois de a noite de quinta virar a manhã de sexta e passou pelo prédio duas vezes para se certificar de que estava deserto e de que não havia nenhum dos dois carros da patrulha de Chamberlain na área.

Entrou no estacionamento de faróis apagados e deu a volta nos fundos do prédio. Mais para trás, o campo de futebol cintilava sob uma fina camada de névoa baixa.

Abriu a mala e a tampa da caixa térmica. O sangue havia congelado, mas não tinha problema. Teria as próximas 22 horas para derreter.

Pôs os baldes no chão e pegou algumas ferramentas na caixa. Enfiou-as no bolso de trás e pegou uma sacola marrom no banco. O tinir dos parafusos se fez ouvir.

Trabalhava sem pressa, com a concentração tranquila de quem não admite ser interrompido. O ginásio onde o baile se realizaria também era o auditório da escola, e a pequena fileira de janelas voltadas para onde ele havia estacionado dava para o depósito dos bastidores.

Escolheu uma ferramenta chata com a ponta espatulada e enfiou-a na pequena fresta entre os painéis superior e inferior de uma janela. Era uma boa ferramenta. Ele mesmo a fizera numa serralheria de Chamberlain. Manejou a espátula até o trinco ceder. Levantou a janela e entrou.

Estava escuríssimo. O cheiro predominante era de tinta velha das telas dos cenários do Clube do Teatro. As sombras magras das estantes das partituras e das caixas dos instrumentos da banda da escola pareciam sentinelas postadas ali em volta. O piano do Sr. Downer estava encostado num dos cantos.

Billy tirou uma pequena lanterna da sacola, foi até o palco e entrou pela cortina de veludo vermelho. O chão do ginásio, com a marcação da quadra de basquete e uma superfície enceradíssima, reluzia como uma lagoa de âmbar. Ele iluminou a boca de cena em frente à cortina. Ali, o croqui fantasmagórico feito em giz dos tronos do rei e da rainha estava desenhado no local que ocupariam no dia seguinte. Então toda a boca de cena estaria coberta de flores de papel... por que, só Cristo sabia.

Espichou o pescoço e direcionou o foco da lanterna para cima. Lá no alto, havia um entrecruzamento sombrio de vigas. As que ficavam em cima da pista de dança haviam sido envolvidas em papel crepom, mas a área bem acima da boca de cena não havia sido decorada. Uma cortina também escondia a iluminação que daria destaque ao mural da gôndola.

Billy apagou a lanterna, foi para a extrema esquerda da boca de cena e subiu uma escada de aço presa na parede. O chocalhar do conteúdo de sua sacola marrom, enfiada dentro de sua camisa por segurança, ecoava com uma animação estranha no ginásio deserto.

No alto da escada havia uma pequena plataforma. Agora, quando ele estava de frente para a boca de cena, as bambolinas ficavam à sua direita, o ginásio propriamente dito, à sua esquerda. Nas bambolinas estavam guardados os acessórios do Clube do Teatro, alguns deles de 1920. Um busto de Palas, usado numa adaptação antiga de “O Corvo”, de Poe, contemplava Billy, com olhos cegos e soltos, de cima de uma mola de cama enferrujada. Bem em frente, uma viga de aço corria por cima da boca de cena. A iluminação do mural estava instalada na face inferior dessa viga.

Ele subiu ali e foi andando sem esforço e sem medo em cima do pano de boca. Cantarolava baixinho uma música conhecida. Havia uma camada de um dedo de pó em cima da viga, e ele deixou um rastro longo e arrastado. No meio da viga, parou, ajoelhou-se e olhou para baixo.

Sim, com a lanterna, dava para ver o desenho em giz na boca de cena bem ali embaixo. Deu um assobio mudo.

(bombas a caminho)

Fez um X na poeira, no local exato, depois voltou para a plataforma. Ninguém iria subir ali até a hora do baile; as lâmpadas que iluminavam o mural e a boca de cena onde o rei e a rainha seriam coroados

(eles vão ser coroados direitinho)

eram comandadas de um quadro nos bastidores. Quem olhasse de baixo para cima ficaria ofuscado por essas luzes. Sua engenhoca só seria notada se alguém subisse às bambolinas por algum motivo. Não acreditava que isso fosse acontecer. Era um risco aceitável.

Abriu a sacola e tirou um par de luvas de borracha, calçou-as e pegou uma das duas pequenas roldanas que comprara na véspera. Arranjara-as numa loja de ferragens em Lewiston, só por medida de segurança. Enfiou alguns pregos na boca como se fossem cigarros e pegou o martelo. Ainda cantarolando com a boca cheia de pregos, prendeu cuidadosamente a roldana no canto, 30

centímetros acima da plataforma. Ao lado da roldana, aparafusou uma argolinha.

Desceu, atravessou pelo fundo do palco e subiu outra escada perto de onde havia entrado. Estava no mezanino — uma espécie de sótão onde se guardava tudo da escola. Ali, havia pilhas de anuários, uniformes esportivos roídos de traça e velhos livros didáticos comidos por camundongos.

Olhando para a esquerda, podia iluminar as bambolinas e focalizar a roldana que acabara de instalar. Virando para a direita, a correnteza fresca da noite entrava por um respiradouro na parede e vinha brincar em seu rosto. Ainda cantarolando, pegou a segunda roldana e a pregou.

Tornou a descer, saiu pela janela por onde entrara e pegou os dois baldes de sangue de porco. Estava trabalhando há meia hora, mas o sangue ainda não tinha começado a derreter. Voltou para a janela carregando os baldes, e sua sombra parecia um fazendeiro voltando da primeira ordenha. Passou os baldes para dentro e entrou.

Equilibrar-se na viga era mais fácil com um balde em cada mão. Ao chegar ao X riscado no pó, pousou os baldes, deu mais uma olhada nas marcas de giz lá embaixo, balançou a cabeça e voltou para a plataforma. Teve a ideia de limpar os baldes quando foi pegá-los — as impressões digitais de Kenny deveriam estar gravadas neles, as de Don e Steve também —, mas era melhor não fazer isso. Talvez eles tivessem uma pequena surpresa no sábado de manhã. A ideia fez sua boca se torcer.

A última coisa dentro da bolsa era um rolo de corda. Ele voltou até os baldes e deu um nó corrediço em cada alça. Enfiou a argola, depois a roldana. Jogou a corda para o mezanino e enfiou a roldana. Provavelmente não acharia a menor graça em saber que, naquele auditório escuro, coberto com mais de dez anos de poeira, cheio de morceguinhos cinzentos voejando sonhadores em volta de seu cabelo desgrenhado, ele parecia um Rube Goldberg meio louco e corcunda, concentrado na mais eficiente invenção de ratoeira.

Colocou a corda solta em cima de uma pilha de caixotes perto do respiradouro. Desceu pela última vez e limpou o pó das mãos. O serviço estava pronto.

Olhou pela janela, pulou-a e caiu no chão. Fechou a janela, tornou a enfiar seu instrumento na fresta e fechou o trinco até onde conseguiu. Depois, voltou para o carro.

Chris disse que havia grande chance de Tommy Ross e aquela nojenta da Carrie serem o par embaixo dos baldes; andara fazendo uma propagandazinha discreta entre os amigos. Se fosse, seria ótimo. Mas para Billy, se fosse qualquer

um dos outros, também estaria bem.

Já estava achando que seria bom que fosse a própria Chris.

Pegou o carro e foi embora.

De My Name Is Susan Snell (p. 48):

Carrie foi falar com Tommy na véspera do baile. Estava esperando por ele na porta da sala de aula e, segundo ele, parecia na maior infelicidade, como se achasse que ele iria gritar com ela para parar de andar atrás dele e de enchê-lo.

Disse que precisava estar em casa de volta o mais tardar às 23h30, senão sua mãe ficaria preocupada. Disse que não queria estragar a festa dele nem nada, mas não seria justo preocupar sua mãe.

Tommy sugeriu que depois dessem uma passada na Kelly Fruit para tomar uma cerveja de ervas e comer um sanduíche. O pessoal todo estaria indo para Westover ou Lewiston, e eles teriam o lugar só para eles. O rosto de Carrie se iluminou, ele disse. Ela respondeu que seria ótimo. Simplesmente ótimo.

Essa é a menina que continuam chamando de monstro. Quero que tenham isso em mente. A menina que se contentava com um hambúrguer e uma cerveja de dez centavos depois de seu único baile na escola, para não preocupar a mãe...

A primeira coisa que impressionou Carrie quando eles entraram foi o Glamour. Não o glamour, mas sim o Glamour. Belos vultos circulavam com um farfalhar de gaze, renda, seda, cetim. Pairava no ar um perfume de flores; o olfato não parava de se surpreender com isso. Meninas com as costas de fora, com decotes tão cavados que mostravam até a junção dos seios, com corpetes estilo Império. Saias longas, escarpins. Ofuscantes paletós brancos de traje a rigor, faixas, sapatos pretos engraxadíssimos.

Havia algumas pessoas na pista de dança, não muitas ainda e, girando na penumbra suave, eram espectros sem substância. Ela não queria de fato vê-las como colegas de classe. Queria que fossem belos desconhecidos.

A mão de Tommy segurava firme seu cotovelo.

— O mural está bonito — disse.

— É — concordou baixinho.

Ficara com uma iluminação baixa e suave sob os refletores laranja, o gondoleiro encostado com eterna indolência à cana do leme, enquanto o crepúsculo se incendiava em volta dele, e os prédios conspiravam juntos debruçados em águas urbanas. Ela viu subitamente com clareza que guardaria para sempre na memória esse momento.

Duvidava que todos eles sentissem aquilo — eles já haviam visto muita coisa —, mas até George ficou um instante em silêncio enquanto olhavam, e a cena, o cheiro, até o som da banda tocando um tema de filme vagamente reconhecível ficaram gravados nela para sempre, e ela estava em paz. Sua alma conheceu um momento de calma, como se tivesse sido passada a ferro.

— Vibração — gritou George de repente, e puxou Frieda para a pista de dança. Começou a arremedar uma coreografia dos velhos tempos das grandes bandas, e alguém assobiou para ele, que se pôs a tagarelar com um olhar malicioso e, de braços cruzados, começou a dançar uma dança cossaca que quase o fez dar de rabo no chão.

Carrie sorriu.

— George é engraçado — disse.

— É mesmo. É um bom sujeito. Tem muita gente boa por aí. Quer sentar?

— Quero — respondeu ela agradecida.

Ele foi até a porta e voltou com Norma Watson, cujo cabelo havia sido puxado para cima numa enorme explosão para aquele evento.

— É do outro LADO — disse ela, e seus olhinhos brilhantes de rato examinavam Carrie de alto a baixo, procurando uma alça à vista, uma erupção de espinhas, qualquer novidade para levar de volta até a porta quando tivesse acabado de fazer o que viera fazer.

— Que vestido LINDO, Carrie. Onde você comprou?

Carrie lhe contou enquanto Norma os fazia dar a volta na pista de dança para levá-los à mesa deles. Recendia a sabonete Avon, perfume da loja Woolworth's e chiclete Juicy Fruit.

Havia duas cadeiras dobráveis (enfeitadas com laços e fitas do inevitável papel crepom) junto à mesa, e até esta estava coberta com uma toalha de papel crepom com as cores da escola. Em cima da mesa, havia uma vela numa garrafa de vinho, um programa do baile, um lapisinho dourado e dois brindes — gôndolas com um carregamento de nozes sortidas.

— Não consigo me ACOSTUMAR — dizia Norma. — Você está tão DIFERENTE. — Lançou um olhar estranho e furtivo para o rosto de Carrie, e isso a deixou nervosa. — Você está RADIOSA. Qual é o seu SEGREDO?

— Sou a amante secreta de Don MacLean — disse Carrie. Tommy deu uma risadinha que foi logo sufocada. O sorriso de Norma ficou um ponto mais rasgado, e Carrie se espantou com a própria graça e... audácia. Era assim que a pessoa se sentia quando a piada era sobre ela. Como se tivesse levado uma picada de abelha no traseiro. Carrie viu que gostava de ver Norma daquele jeito.

Essa era uma atitude nitidamente anticristã.

— Bem, tenho que voltar — disse ela. — Não é o MÁXIMO, Tommy? — O sorriso dela era compreensivo: *Não seria o máximo se...?*

— Um rio de suor frio está me escorrendo pelas coxas — disse Tommy sério.

Norma foi embora com um sorriso estranho e intrigado. Aquilo não tinha saído como era para sair. Todo mundo sabia o que esperar de Carrie. Tommy tornou a dar uma risadinha.

— Quer dançar? — perguntou.

Ela não sabia dançar, mas ainda não estava pronta para confessar isso.

— Vamos ficar sentados um minuto.

Quando ele puxou a cadeira para ela sentar, ela viu a vela e pediu que ele a acendesse. Ele acendeu. O olhar dos dois se encontrou acima da chama. Ele pegou a mão dela. E a orquestra continuou tocando.

Do livro *The Shadow Exploded* (p. 133-34):

Talvez algum dia seja feito um estudo completo sobre a mãe de Carrie, quando o tema da própria Carrie tornar-se mais acadêmico. Eu mesmo poderia tentar fazê-lo, ainda que apenas para ter acesso à árvore genealógica da família Brigham. Talvez fosse extremamente interessante conhecer as ocorrências estranhas com que poderíamos nos deparar duas ou três gerações atrás...

E há, obviamente, o fato sabido de que Carrie foi para casa na Noite do Baile. Por quê? É difícil dizer quão sadios eram os motivos de Carrie naquela altura. Talvez tivesse ido para ser absolvida e perdoada, ou expressamente para cometer matricídio. Seja como for, a prova física parece indicar que Margaret White esperava por ela...

A casa estava completamente silenciosa.

Ela fora embora.

À noite.

Fora embora.

Margaret White foi lentamente do quarto até a sala. Primeiro viera o fluxo de sangue e as fantasias imundas que o Diabo manda junto com isso. Depois o poder infernal que o Diabo lhe dera. Veio no tempo do sangue e dos pelos do corpo, claro. Ah, ela conhecia o poder do Diabo. Sua avó mesma tinha esse poder. Conseguia acender a lareira sem sair da cadeira de balanço ao lado da janela. Fazia seus olhos

(não permitirás que uma bruxa fique viva)

brilharem como olhos de bruxa. E às vezes, na mesa do jantar, o açucareiro começava a girar loucamente feito um dervixe. Sempre que isso acontecia, vovó ria feito louca e babava e fazia o sinal do Mau-olhado em volta dela. Às vezes, arfava como um cachorro num dia quente, e quando morreu de infarto aos 66 anos, totalmente senil mesmo sem idade para isso, Carrie ainda nem tinha um ano. Margaret entrara no quarto dela nem quatro semanas depois do enterro de vovó, e encontrou a filhinha no berço, rindo e gorgolejando, contemplando uma mamadeira pairando no ar em cima de sua cabeça.

Margaret quase a matou naquela altura. Ralph a deteve.

Não devia tê-lo deixado fazer isso.

Agora Margaret White estava no meio da sala. O Cristo no Calvário olhava do alto para ela com seus olhos feridos, sofredores e reprovadores. O cuco da Floresta Negra tiquetaqueava. Passavam dez minutos das oito.

Ela conseguira sentir, *sentir* realmente, a força do Diabo agindo em Carrie. Ela subia pela pessoa, levantando e puxando como dedinhos malvados a fazer cócegas. Preparara-se para fazer o que tinha de fazer novamente quando Carrie tinha 3 anos, quando a surpreendera olhando em pecado para a prostituta do Diabo no quintal vizinho. Aí as pedras vieram, e ela fraquejou. E a força voltara, 13 anos depois. De Deus não se zomba.

Primeiro o sangue, depois a força,

(você assina seu nome assina-o em sangue)

agora um rapaz e um baile, e ele iria levá-la a um bar de beira de estrada depois, levá-la para o estacionamento, levá-la para o banco traseiro, levá-la...

Sangue, sangue fresco. Na raiz disso sempre havia sangue, e só sangue podia expiar isso.

Era uma mulher grande de braços pesados nos quais os cotovelos eram meras covinhas, mas sua cabeça era surpreendentemente pequena em cima de um pescoço forte e musculoso. O rosto já fora bonito. E ainda tinha uma beleza esquisita e fervorosa. Mas os olhos haviam adquirido uma expressão estranha e inconstante, e as rugas se acentuaram cruelmente em volta da boca que não se aceitava, mas tinha uma fraqueza bizarra. Seu cabelo, que havia um ano era quase todo preto, agora estava quase todo branco.

A única maneira de matar o pecado, o pecado negro de verdade, era afogá-lo no sangue de

(ela devia ser sacrificada)

um coração arrependido. Decerto Deus entendia isso, e apontara para ela. O próprio Deus não havia ordenado que Abraão levasse o filho Isaac para o alto da

montanha?

Foi arrastando os pés para a cozinha, com seus chinelos desbeijados, e abriu a gaveta dos utensílios. A faca que usavam para trincar era comprida e afiada e curva no meio de tanto ser amolada. Ela sentou no tamborete alto junto ao balcão, pegou o pedaço da pedra de amolar no pratinho de alumínio e começou a passá-la no fio reluzente da lâmina com a atenção fixa e apática dos condenados.

O cuco da Floresta Negra tiquetaqueou, e o passarinho acabou saindo para cantar uma vez e dar oito e meia.

Sentia um gosto de azeitona na boca.

A TURMA DOS FORMANDOS APRESENTA

O BAILE DA PRIMAVERA DE 79

27 de maio de 1979

Música da The Billy Bosnan Band

Música de Josie e os Moonglows

PROGRAMA

“Cabaret” — sob a batuta de Sandra Stenchfield

“500 Miles”

“Lemon Tree”

“Mr. Tambourine Man”

Música folclórica por John Swithen e Maureen Cowan

“The Street Where you Live”

“Raindrops Keep Falling on My Head”

“Bridge Over Troubled Waters”

Coro da Ewen High School

SUPERVISÃO

Sr. Stephens, Srta. Geer, Sr. e Sra. Lublin, Srta. Desjardin

Coroação às 22 horas

Lembre-se: o baile é SEU; torne-o um acontecimento inesquecível!

Na terceira vez que Tommy a convidou para dançar, Carrie teve que confessar que não sabia. Não acrescentou que, agora que a banda de rock havia assumido por meia hora, ela se sentiria deslocada girando na pista,

(e pecaminosa)
sim, e pecaminosa.

Tommy balançou a cabeça, depois sorriu. Chegou para ela e disse que odiava dançar. Será que ela gostaria de dar uma volta pelas outras mesas? Ela sentiu uma trepidação intensa lhe subir na garganta, mas fez que sim com a cabeça. Sim, seria ótimo. Ele estava cuidando dela. Ela devia cuidar dele (mesmo que ele realmente não esperasse por isso); era parte do acordo. E ela sentiu-se envolvida pelo encanto da noite. De repente teve esperanças que ninguém esticasse um pé ou colasse em suas costas um cartaz dizendo me chute ou de repente lhe esguichasse água de uma flor de brinquedo na cara e saísse às gargalhadas enquanto todo mundo ria e apontava para ela e assobiava.

E se aquilo ali era encanto, não era divino, mas sim pagão,
(mamãe me largue estou ficando grande)
e ela queria que fosse assim.

— Olhe — disse ele ao se levantarem.

Dois ou três funcionários vinham empurrando os tronos do rei e da rainha de dentro dos bastidores enquanto o Sr. Lavoie, o responsável pelo almoxarifado, guiava-os com gestos para a marcação prévia do palco. Carrie achou bem arturianos aqueles tronos forrados de um branco ofuscante, salpicados de flores verdadeiras e enormes estandartes de papel crepom.

— São lindos — disse.

— Você é que está linda — disse Tommy, e ela teve quase certeza de que nada de mau poderia acontecer naquela noite... talvez eles mesmos até fossem eleitos rei e rainha do baile. Ela riu da própria asneira.

Eram nove horas.

— Carrie? — disse uma voz hesitante.

Estava tão envolvida olhando a banda e a pista de dança e as outras mesas que não viu ninguém chegar. Tommy havia ido buscar dois copos de ponche.

Carrie se virou e viu a Srta. Desjardin.

Por um momento as duas ficaram apenas se olhando, e a lembrança passou de uma à outra, comunicou-se

(ela me viu ela me viu nua e gritando e suja de sangue)
sem palavras nem pensamento. Estava nos olhos dela.

Então Carrie disse, encabulada:

— Está muito bonita, Srta. Desjardin.

E estava. Usava um faiscante tubinho prateado, complemento perfeito para seus cabelos louros, que estavam presos. Trazia só um pingente ao pescoço.

Parecia muito jovem, o bastante para estar entre os alunos e não entre os organizadores.

— Obrigada. — Hesitou, depois tocou o braço de Carrie com a mão enluvada.
— Você está linda — disse, e cada palavra carregava uma ênfase diferente.

Carrie sentiu-se corar novamente e baixou os olhos.

— É muita gentileza sua dizer isso. Sei que não sou bonita... mesmo... mas obrigada assim mesmo.

— É verdade — disse Desjardin. — Carrie, qualquer coisa que tenha acontecido antes... bem, está tudo esquecido. Quero que saiba disso.

— Não dá para esquecer — disse Carrie. Ergueu os olhos. As palavras que lhe vieram aos lábios foram: *Já não culpo ninguém*. Ela as engoliu. Era mentira. Culpava todas elas e sempre culparia, e o que mais queria era ser honesta. — Mas acabou. Agora isso já acabou.

A Srta. Desjardin sorriu, e seus olhos pareciam captar e conservar a suave combinação de luzes com uma efervescência quase líquida. Olhou além da pista de dança e Carrie acompanhou seu olhar.

— Estou me lembrando do meu baile — disse Desjardin baixinho. — De salto alto, eu era quatro dedos mais alta que o meu par. Ele me deu umas flores que brigavam com o meu vestido. O carro dele estava com o cano de descarga quebrado e o motor fazia... ah, um barulho tremendo. Mas foi mágico. Não sei por quê. Mas nunca mais tive uma noite como aquela. — Olhou para Carrie. — Está sendo assim com você?

— Está muito bom — disse Carrie.

— Só isso?

— Não. Tem mais coisas. Não dá para falar de todas. Com ninguém.

Desjardin sorriu e apertou o braço da aluna.

— Você nunca vai esquecer — disse ela. — Nunca.

— Acho que tem razão.

— Divirta-se, Carrie.

— Obrigada.

Tommy chegou com duas taças de ponche quando a professora já ia embora, contornando a pista de dança rumo à mesa dos organizadores.

— O que ela queria? — perguntou ele, pousando as taças com cuidado.

Carrie, seguindo-a com os olhos, respondeu:

— Acho que queria pedir desculpas.

Sue Snell estava tranquilamente em casa, fazendo a bainha de um vestido e ouvindo o disco de Jefferson Airplane, *Long John Silver*, na sala. O disco era velho e estava muito arranhado, mas acalmava.

Seus pais tinham saído. Sabiam o que estava acontecendo, tinha certeza, mas pouparam-na de conversas inúteis sobre o quanto se orgulhavam da Filha Deles, ou o quanto estavam satisfeitos por ela finalmente estar crescendo. Estava feliz que eles tivessem resolvido deixá-la em paz, porque ainda não se sentia confortável em relação aos próprios motivos e tinha medo de analisá-los mais profundamente, receando descobrir uma pérola de egoísmo brilhando e piscando para ela do veludo negro de seu subconsciente.

Tinha feito aquilo; bastava; estava satisfeita.

(talvez ele se apaixone por ela)

Sue ergueu os olhos como se alguém tivesse falado no corredor, um sorriso de surpresa nos lábios. Esse seria um final de conto de fadas, mesmo. O Príncipe se debruça sobre a Bela Adormecida, encostando os lábios nos dela.

Sue não sei como lhe dizer isso mas...

O sorriso desapareceu.

Sua menstruação estava atrasada. Quase uma semana. E ela sempre tinha sido certa como um relógio.

O automático do toca-discos fez *clic* e caiu outro disco. Naquele breve intervalo de silêncio, ela ouviu algo revirando dentro dela. Talvez fosse apenas sua alma.

Eram 21h15.

Billy foi até o fim do estacionamento e parou numa vaga defronte à rampa de acesso à auto-estrada. Chris já estava saltando quando ele a segurou. Os olhos dele faiscavam ferozes no escuro.

— O quê? — perguntou ela irritada e nervosa.

— Eles anunciam o rei e a rainha no microfone — explicou ele. — Depois, uma das bandas toca o hino da escola. Isso significa que eles estão ali sentados naqueles tronos, no alvo.

— Sei disso tudo. Me largue. Está machucando.

Ele apertou seu pulso mais ainda e sentiu os ossinhos serem triturados. Isso lhe deu um prazer sinistro. Mesmo assim, ela não gritou. Era uma menina bem legal.

— Me ouça. Quero que saiba no que está se metendo. Puxe a corda quando a

música estiver tocando. Puxe com força. Vai ter uma folguinha entre as roldanas, mas pequena. Quando você puxar e sentir os baldes caírem, *corra*. Não pare para ouvir os gritos nem nada. Isso não é uma simples brincadeirinha. É agressão criminosa, sabe? Não é caso de multa. Eles botam a pessoa em cana e isolam a chave da cela.

Foi um discurso e tanto para ele.

Os olhos dela fuzilavam-no, desafiando-o com raiva.

— *Sacou?*

— Saquei.

— Tudo bem. Quando os baldes caírem. Eu vou correr. Chegando ao carro, vou embora. Se você estiver lá, pode vir. Se não, fica. Se ficar e der com a língua nos dentes, mato você. Acredita?

— Acredito. Tire a porra dessa mão de cima de mim.

Ele tirou. A sombra de um sorriso relutante passou-lhe pelo rosto.

— OK. Vai ser bom.

Saltaram do carro.

Eram quase 21h30.

Vic Mooney, presidente da turma de formandos, gritava jovialmente ao microfone:

— Muito bem, senhoras e senhores. Queiram sentar-se, por favor. Está na hora da votação. Vamos escolher o rei e a rainha.

— Esse concurso é um insulto às mulheres! — gritou Myra Crewes num tom forçado de simpatia.

— Aos homens também — emendou George Dawson, e houve uma gargalhada geral. Myra ficou calada. Já tinha feito seu protesto simbólico.

— Queiram sentar, por favor! — Vic sorria ao microfone, sorria corando furiosamente, cutucando uma espinha no queixo. O enorme gondoleiro veneziano atrás dele olhava com um ar sonhador por cima do ombro do mestre de cerimônias. — Está na hora de votar!

Carrie e Tommy sentaram-se. As cédulas estavam sendo distribuídas por Tina Blake e Norma Watson. Esta, ao deixar uma na mesa dos dois, soprou-lhes um “Boa SORTE!”. Carrie pegou a cédula e examinou-a. Seu queixo caiu.

— Tommy, a gente está *aqui*!

— É, eu vi — disse ele. — A escola escolhe os cabeças de chapa e o par deles vem meio a reboque. Seja bem-vinda! Vamos desistir?

Ela mordeu o lábio e olhou para ele.

— Você quer?

— Eu, não — disse ele animado. — Se a gente ganhar, só tem que ficar sentado com cara de idiota lá no palco acenando com um cetro, enquanto toca o hino da escola e uma música para dançar. Eles tiram o retrato da gente para o anuário, para todo mundo poder ver a nossa cara de bobo.

— Em quem vamos votar? — Ela olhou em dúvida da cédula para o lapisinho ao lado de sua barquinha de nozes. — É mais a sua turma que a minha. — Deixou escapar uma risadinha. — Aliás, eu nem tenho turma.

Ele encolheu os ombros.

— Vamos votar em nós mesmos. Dane-se a falsa modéstia.

Ela deu uma gargalhada, depois tapou a boca com a mão. Aquele som lhe era quase totalmente estranho. Antes que tivesse tido tempo de pensar, envolveu o nome deles, o terceiro de cima para baixo. O lapisinho quebrou em sua mão, e ela se assustou. Uma farpa entrara-lhe num dos dedos, e uma gotinha de sangue brotava.

— Você se machucou?

— Não. — Ela sorriu, mas, de repente, era difícil sorrir. Não gostava de ver sangue. Limpou-o com o guardanapo. — Mas quebrei o lápis e era uma lembrança. Sou uma idiota.

— Tem a barquinha — disse ele, empurrando-a para ela. — Tu-tu-tu.

Sua garganta fechou, e ela teve certeza de que ia chorar e depois ficar envergonhada. Não chorou, mas seus olhos brilharam como prismas e ela abaixou a cabeça para ele não ver.

A banda tocava músicas agradáveis enquanto os recepcionistas da Sociedade de Honra recolhiam as cédulas dobradas. As cédulas eram levadas para a mesa dos responsáveis ao lado da porta, onde Vic e o Sr. Stephens e os Lublins faziam a apuração. A Srta. Geer supervisionava tudo com um olhar severo e atento.

Carrie sentiu uma tensão involuntária insinuar-se dentro dela, contraindo-lhe os músculos da barriga e das costas. Apertou a mão de Tommy. Aquilo era ridículo, claro. Ninguém iria votar neles. No garanhão, talvez, mas não em parilha com a mulher do boi. Seria Frank e Jessica ou talvez Don Farnham e Helen Shyres. Ou... droga!

Dois montes cresciam mais que os outros. O Sr. Stephens acabou dividindo os papeizinhos, e as quatro pessoas da mesa se revezaram na apuração dos montes grandes, que pareciam iguais. Os escrutinadores discutiram, conferenciaram e recontaram. O Sr. Stephens balançou a cabeça como quem aprova, tornou a pegar no monte como quem vai dar cartas e entregou-o a Vic. Voltou para o

palco e foi para o microfone. A Billy Bosnan Band executou uma fanfarra. Vic sorriu nervoso, pigarreu ao microfone, e apertou os olhos ao ouvir o chiado repentino que voltou. Quase deixou as cédulas caírem no chão, coberto de fios elétricos grossos, e alguém deu uma risada.

— Estamos com um certo problema — disse Vic sem artifícios. — O Sr. Lublin diz que é a primeira vez na história do Baile da Primavera...

— De quando ele é? — resmungou alguém atrás de Tommy. — Mil e oitocentos?

— Temos um empate.

Isso despertou um zunzunzum na plateia.

— De anzol ou espinhel? — gritou George Dawson, e ouviram-se algumas risadas. Vic deu um sorrisinho nervoso e quase tornou a deixar caírem as cédulas.

— Sessenta e três votos para Frank Grier e Jessica MacLean e 63 votos para Thomas Ross e Carrie White.

Após um momento de silêncio, irromperam os aplausos, cada vez mais fortes. Tommy olhou para seu par. Ela estava de cabeça baixa, como que envergonhada, mas ele teve uma súbita sensação

(carrie carrie carrie)

parecida com a que tivera ao convidá-la para o baile. Era como se uma coisa estranha estivesse se movimentando em sua mente, chamando o nome de Carrie sem parar. Como se...

— Atenção! — gritava Vic. — Eu gostaria de ter a sua atenção, por favor. — Os aplausos morreram. — Vamos fazer o desempate. Quando as pessoas que estiverem distribuindo os papeizinhos chegarem a vocês, por favor, escrevam o nome do casal que preferem.

Saiu do microfone, parecendo aliviado.

As cédulas foram distribuídas; haviam sido rasgadas às pressas de sobras de programas do baile. As pessoas falavam animadamente, alheias à música da banda.

— Os aplausos não eram para nós — disse Carrie, erguendo os olhos. A sensação que ele teve (ou julgou ter) passara. — Não podiam ser.

— Talvez fossem para você.

Ela olhou para ele, muda.

— Por que está demorando tanto? — sussurrou Chris. — Ouvi os aplausos. Talvez já tenha acabado. Se você se enganou... — A corda balançava pendurada

entre eles, intocada desde que Billy a puxara para fora pelo buraco do respiradouro.

— Não se preocupe — disse ele calmamente. — Vão tocar o hino da escola. Sempre tocam.

— Mas...

— Cale a boca. Você fala paca. — A ponta do cigarro dele piscava pacificamente no escuro.

Ela calou. Mas

(ah quando isso acabar você vai levar cara talvez hoje vá para a cama com dor no saco de tanta tesão)

remoía as palavras dele, guardando-as. Ninguém falava assim com ela. Seu pai era advogado.

Eram 21h53.

Ele estava com o lápis quebrado na mão, pronto para escrever, quando ela tocou de leve em seu pulso, hesitando.

— Não...

— O quê?

— Não vote na gente — disse afinal.

Ele ergueu as sobrancelhas com um ar interrogativo.

— Por quê? Ajoelhou, tem que rezar. É o que minha mãe sempre diz.

(mãe)

Na mesma hora veio-lhe à cabeça uma imagem, sua mãe dizendo orações intermináveis para um Deus colossal e sem rosto que rondava pelos estacionamento dos bares de beira de estrada com uma espada de fogo na mão. Um terror atroz cresceu dentro dela, e ela precisou lutar com todas as forças para segurá-lo. Não conseguia explicar aquele pavor, aquela premonição. Só conseguia sorrir impotente e repetir:

— Não. Por favor.

Os recepcionistas da Sociedade de Honra estavam voltando, recolhendo os votos. Ele hesitou mais um pouco, e de repente escreveu *Tommy e Carrie* no pedacinho de papel.

— Para você — disse ele. — Hoje você vai de primeira.

Ela não conseguiu responder, pois a premonição estava dentro dela: a cara de sua mãe.

A faca escapuliu da pedra de amolar, e num instante cortou a palma de sua mão

embaixo do polegar.

Ela olhou para o corte. O sangue saía da ferida aberta devagar, grosso, escorrendo de sua mão para o linóleo gasto do chão da cozinha. Então, ótimo. Estava ótimo. A lâmina provará a carne e tirará sangue. Ela não tapou o corte, mas deixou o sangue cair em cima do gume e embaçar o brilho afiado da lâmina. Então continuou a amolar, sem ligar para os pingos que lhe manchavam o vestido.

Se o teu olho direito te ofender, arranca-o.

Se era uma passagem dura, também era doce e certa. Uma passagem adequada para aqueles que se escondiam nas entradas escuras de motéis e nas moitas nos fundos de boliches.

Arranca-o.

(ah e a música irritante que tocam)

Arranca-

(as meninas mostram as calcinhas como sai como sai sangue)

– o.

O cuco da Floresta Negra começou a dar dez

e

(arranque as entranhas dela)

se o teu olho direito te ofender, arranca-o.

A bainha do vestido estava pronta e ela não conseguia ver televisão nem pegar os livros nem ligar para Nancy. Não havia nada a fazer senão ficar sentada no sofá olhando para a escuridão da janela da cozinha e sentir um medo inefável crescer dentro dela como uma criança ao chegar a terrível hora de nascer.

Suspirando, começou a esfregar distraidamente os braços. Estavam frios e comichavam. Eram 22h12 e não havia motivo nenhum para achar que fosse o fim do mundo.

Dessa vez os montes eram mais altos, mas continuavam parecendo exatamente iguais. Novamente, houve três contagens para garantir. Então Vic Mooney voltou ao microfone. Fez uma pausa, deliciando-se com o clima de suspense que pairava no ar, e anunciou simplesmente:

— Tommy e Carrie são os vencedores. Por um voto.

Silêncio sepulcral por um instante. Depois, os aplausos tornaram a encher a sala, alguns deles não desprovidos de um tom sarcástico. Carrie emitiu um ruído

abafado de espanto, e Tommy sentiu novamente (mas só por um segundo) aquela estranha vertigem

(carrie carrie carrie carrie)

que parecia apagar todos os pensamentos menos o nome e a imagem dessa estranha menina com quem ele estava. Por um instante fugaz, literalmente, quase se borrou de medo.

Alguma coisa caiu no chão com um ruído, e no mesmo instante a vela entre eles se apagou.

Então, enquanto Josie e os Moonglows tocavam uma versão de “Pompa e Circunstância”, os recepcionistas apareceram na mesa deles (quase por magia; tudo isso fora ensaiado meticulosamente pela Srta. Geer que, segundo se dizia, comia recepcionistas lentos e desajeitados), um cetro enrolado em papel-alumínio foi enfiado na mão de Tommy, um manto com uma farta gola de pele de cachorro foi jogado nos ombros de Carrie, e os dois foram levados para o corredor central por um casal vestindo blazers brancos. A banda tocava. A plateia aplaudia. A Srta. Geer parecia vingada. Tommy Ross sorria confuso.

Os dois foram conduzidos ao palco, levados aos tronos e sentados. Os aplausos continuavam aumentando. Tinham perdido o tom de sarcasmo; agora eram honestos e profundos, um pouco assustadores. Carrie ficou feliz de sentar-se. Tudo estava acontecendo muito rápido. Suas pernas tremiam e, de repente, mesmo com o decote relativamente discreto de seu vestido, seus seios

(travesseirosimundos)

pareciam terrivelmente expostos. O som dos aplausos em seus ouvidos a deixou atordoada, quase embriagada. Parte dela estava realmente convencida de que isso tudo era um sonho do qual ela acordaria com uma sensação de perda e alívio.

Vic anunciou ao microfone:

— O rei e a rainha do Baile da Primavera de 1979: Tommy ROSS e Carrie WHITE!

Aplausos ainda aumentando e crescendo e crepitando. Tommy Ross, agora nos últimos momentos de sua vida, pegou a mão de Carrie e sorriu para ela, achando que a intuição de Suzie estava certíssima. De alguma forma, ela retribuiu o sorriso. Tommy

(ela estava certa e gosto dela bem gosto dessa também dessa carrie ela é ela é bonita e é está certo gosto de todas elas a luz a luz nos olhos dela)

e Carrie

(não dá para vê-los as luzes são muito fortes dá para ouvir mas não dá para

ver o chuveiro lembra do chuveiro ai mamãe está muito alto acho que quero descer ai elas estão rindo e prontas para atirar coisas para apontar e gritar às gargalhadas não dá para ver as pessoas não dá para ver está claro demais) e a viga em cima deles.

As duas bandas, numa súbita coalizão improvisada de rock e metais, executaram o hino da escola. A plateia se levantou e começou a cantar, ainda aplaudindo.

Eram 22h07.

Billy tinha acabado de dobrar os joelhos para estalar as juntas. Chris Hargensen estava ao lado dele manifestando sinais crescentes de nervosismo. Passava maquinalmente as mãos nas costuras da calça e mordia o lábio inferior até deixá-lo meio esfolado.

— Acha que vão votar *neles*? — perguntou Billy baixinho.

— Vão — disse ela. — Eu armei tudo. Nem vai ser por pouca diferença. Por que continuam aplaudindo? O que está acontecendo lá?

— Não me pergunte, garota. Eu...

De repente o hino da escola ecoou com a maior vibração naquela suave noite de maio, e Chris pulou como se tivesse levado uma ferroada. Deixou escapar uma exclamação de surpresa.

Todos de pé para a Thomas Ewen Hiiiiiiyygh...

— Vamos — disse ele. — Eles estão lá. — Seus olhos brilhavam suavemente no escuro. O estranho meio sorriso alterara suas feições.

Ela molhou os lábios. Os dois olharam para a corda.

Vamos erguer sua bandeira para o céééu...

— Cale a boca — murmurou ela. Tremia, e ele nunca havia visto o corpo dela tão sensual e excitante. Quando isso terminasse, iria comê-la até ela achar que das outras vezes só tinha levado duas enfiadas do dedinho mindinho de uma bicha lá dentro. Ia entrar nela como se ela fosse manteiga.

— Está sem coragem, garota?

Inclinou-se à frente.

— Não vou puxar para você, garota. Aquilo pode ficar lá até o inferno gelar.

Com orgulho usamos o vermelho e braaanco...

Um som abafado que poderia ter sido um grito escapou-lhe da boca de repente. Ela se debruçou à frente e deu um puxão na corda com as duas mãos. No primeiro momento, a corda veio frouxa, o que a levou a pensar que Billy a tivesse enganado esse tempo todo, que não havia nada na ponta. Depois sentiu

uma tensão, e imediatamente sentiu a corda correr violentamente entre as mãos, deixando uma leve queimadura.

— Eu... — ela começou.

A música lá dentro parou de repente, desafinando. Por um momento, as pessoas continuaram falando em tons dissonantes sem se dar conta do ocorrido, depois se calaram. Veio um silêncio, e aí ouviu-se um grito. Silêncio de novo.

Eles se entreolharam no escuro, paralisados por aquele ato inconcebível. Até a respiração de Chris congelou em sua garganta.

Então, lá dentro, estouraram as gargalhadas.

Eram 22h25, e a sensação piorava cada vez mais. Sue se equilibrava num pé só diante do fogão, esperando o leite esquentar para nele mergulhar o chocolate. Por duas vezes, chegara a subir para vestir a camisola, e por duas vezes parara, atraída sem motivo nenhum para a janela da cozinha que dava para a Brickyard Hill e a espiral da Rodovia 6 que levava à cidade.

Agora, quando a sirene no alto do prédio da prefeitura na Main Street disparou no meio da noite em ciclos de pânico ascendentes e descendentes, ela nem se virou logo para a janela. Só desligou o fogo para o leite não queimar.

A sirene da prefeitura tocava sempre ao meio-dia, e era só, a não ser para convocar os bombeiros voluntários na estação das queimadas, em agosto e setembro. Era exclusivamente para calamidades graves, e seu som produzia um efeito onírico e aterrador naquela casa deserta.

Foi até a janela, mas devagar. A zoadá da sirene aumentava e diminuía, aumentava e diminuía. Em alguma parte, buzinas dispararam, como para um casamento. Ela se viu refletida no vidro escuro, boca entreaberta, olhos arregalados, e depois a condensação de sua respiração encobriu o reflexo.

Uma lembrança remota lhe veio à cabeça. Quando estava no primário, havia feito com a turma exercícios contra ataques aéreos. Quando a professora batia palmas e dizia: “A sirene da cidade está tocando”, a pessoa devia ir para baixo da mesa, botar as mãos na cabeça e aguardar, ou que soasse o sinal de que estava tudo bem, ou que os mísseis inimigos a reduzissem a pó. Agora, em sua mente, nitidamente,

(a sirene da cidade está tocando)
ela ouvia as palavras ressoando.

Lá embaixo, à esquerda, onde ficava o estacionamento da escola — o círculo de lâmpadas de sódio tornava-o um ponto inconfundível, embora o prédio da escola propriamente dito não fosse visível no escuro —, havia um clarão como

se Deus tivesse ferido uma pederneira.

(é onde ficam os tanques de óleo)

A centelha hesitou e desabrochou cor de laranja. Agora se via a escola pegando fogo.

Ela já estava indo pegar o casaco no armário quando a primeira explosão sacudiu o chão sob seus pés e fez a louça de sua mãe chocalhar dentro dos armários.

De *We Survived the Black Prom* [Sobrevivemos ao Baile Negro], de Norma Watson (Publicado na edição de agosto de 1980 da *The Readers' Digest* como um artigo da série “Drama na Vida Real”):

... e foi tudo tão rápido que ninguém sabia o que estava se passando. Estávamos todos aplaudindo de pé e cantando o hino da escola. Aí — eu estava na mesa dos recepcionistas ao lado da porta principal, olhando para o palco — houve um clarão como se os refletores em cima da boca de cena tivessem iluminado uma coisa de metal. Eu estava com Tina Blake e Stella Horan, e acho que elas também viram.

De repente um jato enorme de um líquido vermelho foi lançado no ar. Uma parte atingiu o mural e escorreu pela parede. Vi logo, antes até que chegasse à parede, que era sangue. Stella Horan achou que fosse tinta, mas tive um pressentimento, como na vez que meu irmão foi colhido por um caminhão de feno.

Eles ficaram encharcados. Carrie levou a pior. Parecia ter saído de dentro de um balde de tinta vermelha. Ficou ali sentada. Sem se mexer. A banda mais perto do palco, Josie e os Moonglows, levou as sobras. O guitarrista principal tinha um instrumento branco que ficou todo pingado.

Eu disse:

— Meu Deus, isso é sangue!

Quando eu disse isso, Tina gritou. Foi um grito altíssimo, que ecoou distintamente no auditório.

As pessoas tinham parado de cantar e estava o maior silêncio. Eu não conseguia me mexer. Estava grudada no chão. Olhei para cima e lá estavam dois baldes balançando em cima dos tronos, balançando e batendo um no outro. Continuavam pingando. De repente, caíram, com a corda se desenrolando atrás. Um deles bateu na cabeça de Tommy Ross. Fez um barulho forte, parecendo um gongo.

Depois disso, alguém riu. Não sei quem era, mas não era a risada de alguém que vê alguma coisa engraçada e alegre. Era um riso histérico, horrível.

Nesse mesmo instante, Carrie arregalou os olhos.

Foi aí que todo mundo começou a rir. Eu também ri, Deus me perdoe. Foi tão... estranho.

Quando era pequena, eu tinha um livro de histórias de Walt Disney chamado *Canção do Sul*, com aquela história do tio Remus sobre a boneca de piche. Tinha uma ilustração da boneca de piche sentada no meio da estrada parecendo aqueles atores mambembes com a cara preta e aqueles olhos brancos enormes. Quando Carrie abriu os olhos, era assim. Os olhos eram a única parte dela que não estava completamente vermelha. Na luz, estavam vidrados. Deus me perdoe, mas ela estava idêntica ao Eddie Cantor fazendo aquele número dos olhos esbugalhados.

Foi isso que fez as pessoas rirem. Não dava para segurar. Era uma daquelas situações em que ou você ri, ou enlouquece. Havia muito tempo Carrie era gozada por todo mundo, e todos estávamos sentindo que estávamos participando de uma coisa especial naquela noite. Era como se estivéssemos vendo uma pessoa se humanizar de novo, e eu mesma agradei a Deus por isso. E aconteceu *aquilo*. Aquele horror.

Então não havia outra coisa a fazer. Era rir ou chorar, e quem podia chorar por Carrie depois daqueles anos todos?

Ela ficou ali sentada, olhando para as pessoas, que riam cada vez mais alto. Já se dobravam de tanto rir, segurando a barriga e apontando para ela. Tommy era o único que não olhava para ela. Meio largado na cadeira, era como se estivesse dormindo. Mas não se via que estava ferido; estava muito sujo de sangue.

Então, a cara dela... ficou desfeita. Não sei como descrever de outra maneira. Ela cobriu o rosto com as mãos e se levantou cambaleando. Quase tropeçou nos próprios pés e caiu, e isso fez as gargalhadas aumentarem ainda mais. Aí ela meio que... saiu pulando do palco. Parecia uma rã grandona saindo aos pulos de um canteiro de lírio. Quase tornou a cair, mas conseguiu se equilibrar.

A Srta. Desjardin correu para acudi-la, já sem rir. Vinha de braços abertos para ela. Mas aí deu uma guinada e bateu na parede ao lado do palco. Foi a coisa mais estranha. Ela não tropeçou nem nada. Parecia ter sido empurrada, mas não havia ninguém ao lado dela.

Carrie correu no meio da multidão tapando a cara, e alguém esticou o pé. Não sei quem foi, mas ela se estatelou de cara no chão, deixando um longo rastro vermelho. Aí falou: “Ufa!”, eu me lembro. Ri mais ainda, depois de ouvir aquele “Ufa!”. Ela foi rastejando e então se levantou e saiu correndo. Passou por mim.

Dava para sentir o cheiro de sangue. Era um cheiro ruim de coisa podre.

Desceu os degraus de dois em dois e saiu porta afora. Aí, sumiu.

As gargalhadas foram diminuindo, aos poucos. Algumas pessoas ainda se sacudiam e bufavam. Lennie Brock tinha tirado do bolso um lenço branco grande e enxugava os olhos. Sally McManus estava branca, como se fosse vomitar, mas continuava rindo como se não conseguisse parar. Billy Bosnan estava parado com a batuta na mão, balançando a cabeça. O Sr. Lublin estava sentado ao lado da Srta. Desjardin pedindo um lenço de papel. O nariz dela sangrava.

É preciso entender que isso tudo aconteceu em dois minutos no máximo. Ninguém entendia nada. Estávamos perplexos. Algumas pessoas zanzavam pelo salão, falando um pouco, mas não muito. Helen Shyres caiu em prantos, e isso fez muita gente começar a chorar também.

Aí alguém gritou:

— Chamem um médico! Ei, chamem depressa um médico!

Era Josie Vreck. Estava lá em cima no palco, ajoelhado ao lado de Tommy Ross, branco feito papel. Tentou levantá-lo, mas o trono virou e Tommy rolou para o chão.

Ninguém se mexia. Estava todo mundo olhando. Eu congelei. Meu Deus, era só o que eu conseguia pensar. Meu Deus, meu Deus, meu Deus. Foi aí que essa outra ideia veio se insinuando, e era como se não fosse da minha cabeça. Eu pensava em Carrie. E em Deus. Estava tudo embolado, e foi horrível.

Stella olhou para mim e disse:

— Carrie voltou.

E eu disse:

— Sim, está bem.

As portas do saguão se fecharam com um barulho que parecia aplauso. Alguém atrás gritou, desencadeando o tropel. O pessoal disparou para as portas, na maior correria. Eu estava ali parada, sem acreditar. E quando olhei, pouco antes de a primeira pessoa chegar à porta e começar a forçá-la, vi Carrie olhando para dentro, a cara toda borrada, feito um índio pintado para a guerra.

Ela sorria.

As pessoas forçavam e esmurravam as portas, mas elas não cediam. Quando o bolo de gente na saída aumentou, vi os primeiros a chegar serem espremidos, resmungando ofegantes. As portas não abriam. E essas portas nunca são trancadas. É de lei.

O Sr. Stephens e o Sr. Lublin foram abrindo caminho e começaram a puxar as

peessoas dali pelo paletó, pela saia, por onde agarrassem. Todo mundo se embolava e gritava feito gado. O Sr. Stephens esbofeteou umas garotas e deu um soco no olho de Vic Mooney. Gritavam para as pessoas usarem a saída de emergência nos fundos. Algumas fizeram isso. Foram as que se salvaram.

Aí é que começou a chover... pelo menos, a princípio, foi o que pensei. Caía água por todo lado. Olhei para cima e todos os esguichos do teto do ginásio estavam ativados. A água caía na quadra de basquete e espirrava. Josie Vreck gritava para os caras do conjunto desligarem depressa os amplificadores e os microfones, mas eles já não estavam lá. Josie pulou do palco.

O pânico nas portas acabou. As pessoas recuaram, olhando para o teto. Ouvi alguém, Don Farnham, acho eu, dizer:

— Isso vai estragar a quadra de basquete.

Outras pessoas foram ver Tommy Ross. De repente senti que eu queria sair dali. Peguei a mão de Tina Blake e disse:

— Vamos correr. Depressa.

Para chegar à saída de emergência, era preciso passar por um corredorzinho à esquerda do palco. Ali também havia esguichos, mas desligados. E as portas estavam abertas — vi algumas pessoas indo embora correndo. Mas a maioria delas estava ali em grupinhos, se olhando espantadas. Algumas olhavam para a mancha de sangue onde Carrie tinha caído. Continuava caindo água.

Peguei Tina pelo braço e comecei a puxá-la em direção à seta que indicava a saída. No mesmo instante, houve um clarão enorme, e se ouviu um grito e depois um chiado horrível no sistema de som. Olhei e vi Josie agarrado ao suporte de um dos microfones. Não conseguia se soltar. Estava de cabelo em pé, com os olhos esbugalhados, e parecia estar dançando. Seus pés deslizavam na água e começou a sair fumaça da sua camisa.

Ele tropeçou num dos amplificadores — eram grandes, com mais ou menos 1,50m de altura — e o aparelho caiu na água. O chiado se transformou num grito que era de estourar a cabeça, depois veio outro clarão quentíssimo e o barulho parou. A camisa de Josie estava em chamas.

— Corra! — Tina gritou para mim. — Vamos, Norma. *Por favor!*

Corremos para o corredor de saída, e alguma coisa explodiu nos bastidores — os disjuntores da rede de força, acho eu. Olhei um segundo para trás. Dava para ver até o palco, onde estava o corpo de Tommy, porque a cortina estava levantada. Todos os fios elétricos estavam pendurados, deslizando e dando botes e se contorcendo como cobras saindo do cesto de um faquir hindu. Aí, um deles quebrou em dois. Houve um clarão violento quando bateu na água, e todo

mundo gritou junto.

Então já estávamos lá fora, correndo pelo estacionamento. Acho que eu estava gritando. Não me lembro bem. Não me lembro muito bem de nada depois que a gritaria começou. Depois que aqueles fios de alta-tensão bateram no chão alagado...

Para Tommy Ross, 18 anos, o fim veio rápido e misericordioso e quase sem dor.

Ele nem chegou a se dar conta de que algo de importante estava acontecendo. Ouviu um barulho de metal batendo que associou momentaneamente a

(lá vão os baldes de leite)
uma lembrança de infância na fazenda de tio Galen e depois à
(alguém deixou cair alguma coisa)
banda ali embaixo. Viu de relance Josie Vreck olhando para cima
(o que é isso um halo ou sei lá)
e o balde de sangue o atingiu.

A borda saliente do fundo bateu no tampo da sua cabeça e
(ei isso dói)
ele perdeu logo os sentidos. Ainda estava estirado no palco quando o fogo que começou no equipamento elétrico de Josie e os Moonglows se alastrou para o mural do gondoleiro veneziano e passou para o ninho de ratos onde se guardavam uniformes velhos, livros e papéis nos bastidores e subiu.

Já estava morto quando o tanque de óleo explodiu meia hora depois.

Do teletipo da AP da Nova Inglaterra, 22h46:

CHAMBERLAIN, MAINE (AP)

NESTE MOMENTO, UM INCÊNDIO ESTÁ DESTRUINDO A EWEN (U-WIN) HIGH SCHOOL. O FOGO COMEÇOU DURANTE UM BAILE REALIZADO NA ESCOLA, E TERIA SIDO ORIGINADO POR UM CURTO-CIRCUITO. TESTEMUNHAS AFIRMAM QUE O SISTEMA ANTI-INCÊNDIO DA ESCOLA FOI ACIONADO AUTOMATICAMENTE, CAUSANDO UM CURTO-CIRCUITO NO EQUIPAMENTO DE UMA BANDA DE ROCK. AFIRMAM TAMBÉM QUE CABOS DE ALTA-TENSÃO SE PARTIRAM. ACREDITA-SE QUE 110 PESSOAS POSSAM ESTAR PRESAS DENTRO DO GINÁSIO EM CHAMAS. EQUIPES DAS CIDADES VIZINHAS DE WESTOVER, MOTTON E LEWISTON RECEBERAM PEDIDOS DE SOCORRO E JÁ ESTÃO A CAMINHO. ATÉ O MOMENTO, NÃO SE SABE SE HOVE VÍTIMAS. FIM

22H46 27 DE MAIO 6904D AP

Do teletipo da AP da Nova Inglaterra, 23h22:

CHAMBERLAIN, MAINE (AP)

UMA TREMENDA EXPLOSÃO ABALOU A EWEN (U-WIN) HIGH SCHOOL NA PEQUENA CIDADE DE CHAMBERLAIN NO MAINE. TRÊS CARROS DO CORPO DE BOMBEIROS LOCAL ENVIADOS PARA COMBATER UM INCÊNDIO NO GINÁSIO ONDE SE REALIZAVA O BAILE DA ESCOLA NADA PUDEAM FAZER. TODOS OS HIDRANTES DA ÁREA ESTAVAM DESTRUÍDOS, E A PRESSÃO DA REDE DE ÁGUA NA ÁREA ENTRE A SPRING STREET E A GRASS PLAZA É PRATICAMENTE NULA. UM DOS BOMBEIROS DISSE QUE “ARRANCARAM O BOCAL DAQUELAS DROGAS. MUITA ÁGUA DEVE TER JORRADO DALI ENQUANTO AQUELES GAROTOS ESTAVAM NO FOGO”. JÁ FORAM ENCONTRADOS TRÊS CORPOS. UM FOI IDENTIFICADO COMO SENDO DE THOMAS B. MEARS, UM BOMBEIRO DE CHAMBERLAIN. OS DOIS OUTROS SERIAM DE PARTICIPANTES DO BAILE. OUTROS TRÊS BOMBEIROS DE CHAMBERLAIN FORAM LEVADOS PARA O HOSPITAL DE MOTTON COM QUEIMADURAS LEVES E SINTOMAS DE INTOXICAÇÃO POR FUMAÇA. ACREDITA-SE QUE A EXPLOSÃO TENHA OCORRIDO QUANDO O FOGO ATINGIU OS TANQUES DE ÓLEO COMBUSTÍVEL DA ESCOLA, SITUADOS PRÓXIMO AO GINÁSIO. O FOGO PROPRIAMENTE DITO TERIA COMEÇADO EM ALGUM FIO DESENCAPADO APÓS UM DEFEITO NO SISTEMA DE PREVENÇÃO DE INCÊNDIOS. FIM.

23H22 27 DE MAIO 70119E AP

Sue só tinha uma licença provisória para dirigir, mas pegou as chaves do carro da mãe no quadro ao lado da geladeira e correu para a garagem. O relógio da cozinha marcava exatamente 23 horas.

Afogou o motor na primeira tentativa e se obrigou a esperar um pouco antes de tentar de novo. Dessa vez o motor tossiu e pegou, e ela saiu ventando sem olhar, amassando um para-lama. Fez a curva, e as rodas traseiras levantaram cascalho. O Plymouth 77 de sua mãe deu uma guinada e entrou na estrada, quase derrapando para o acostamento e deixando-a com o estômago embrulhado. Só então ela percebeu que soltava gemidos fundos como um bicho preso numa armadilha.

Não respeitou a parada obrigatória no cruzamento da Rodovia 6 com a Back Chamberlain. Sirenes de incêndio ecoavam na noite a leste, na fronteira de Chamberlain com Westover, e ao sul, atrás dela — com Motton.

Estava quase chegando à baixada quando a escola explodiu.

Pisou no freio com os dois pés e foi jogada em cima do volante como uma boneca de trapo. Os pneus cantaram no calçamento. Deu um jeito de abrir a porta e saltou, protegendo os olhos do clarão.

Uma labareda subiu ao céu, com uma nuvem de fragmentos esvoaçantes de telhas, painéis de aço, madeira e papel. O cheiro de óleo era forte. A Main Street estava clara como se iluminada por um canhão de luz. Naquele terrível espaço entre dois segundos, ela viu que toda a ala do ginásio da Ewen High era um

monte de escombros em chamas.

Logo depois sentiu-se o abalo, que a jogou para trás. Veio então uma rajada de ar quente, varrendo o lixo da rua para cima dela, fazendo-a lembrar rapidamente de

(o cheiro dos metrô)

uma viagem que fizera a Boston um ano atrás. As vidraças da Bill's Home Drugstore e da Kelly Fruit Company caíram para dentro, tilintando.

Ela estava caída de lado, e o incêndio deixou a rua clara como o inferno ao meio-dia. O que aconteceu depois foi em câmera lenta enquanto sua mente corria num ritmo contínuo. Carros passavam em disparada rumo ao local da tragédia, e pessoas corriam de roupão, camisola ou pijama. Ela viu um homem sair do prédio onde funcionavam a delegacia e o tribunal de Chamberlain. O homem ia devagar. Os carros iam devagar. Até as pessoas correndo iam devagar.

Ela viu o homem na escada da delegacia levar as mãos em concha à boca e gritar alguma coisa em meio à zoadas das sirenes da prefeitura, das sirenes dos bombeiros, do rugido monstruoso do incêndio. Soava como:

— *Ei arro! Não ei é zulina!*

A rua ali estava toda molhada. A luz dançava na água. No posto Amoco do Teddy.

— ... *ei, é...*

E aí o mundo explodiu.

Do depoimento de Thomas K. Quillan à Comissão Estadual de Inquérito de Maine sobre os acontecimentos dos dias 27 e 28 de maio em Chamberlain, Maine (a versão condensada a seguir é extraída de *The Black Prom: The White Commission Report* [O Baile Negro: Relatório da Comissão White], Signet Books: Nova York, 1980):

P. Sr. Quillan, o senhor mora em Chamberlain?

R. Sim.

P. Qual o seu endereço?

R. Moro num quarto em cima do salão de bilhar. É lá que trabalho. Limpo o chão, aspiro as mesas, trabalho nas máquinas; máquinas de pinball, sabe.

P. Onde estava na noite de 27 de maio às 22h30, Sr. Quillan?

R. Bem... na verdade, eu estava numa cela da delegacia. Eu recebo o meu pagamento às quintas-feiras, entende. E aí eu saio e vou tomar um porre. Vou no The Cavalier, tomo umas cervejas, jogo um pouco de pôquer lá atrás. Mas

quando bebo, fico atacado. Parece que o Grande Prêmio é corrido dentro da minha cabeça. Chato, né? Uma vez, joguei uma cadeira na cabeça de um cara e...

P. Era hábito seu ir para a delegacia quando se sentia prestes a ter esses acessos?

R. Era. O Otis é meu amigo.

P. Está se referindo a Otis Doyle, o xerife deste condado?

R. Estou. Ele disse para eu ir lá toda vez que começasse a sentir essas coisas. Na véspera do baile, a gente estava lá atrás no The Cavalier jogando pôquer, e achei que o Marcel Dubay Ligeiro estava roubando. Sóbrio eu não teria feito isso... um francês acha que engana quando fica olhando para as cartas que tem na mão... mas aquilo me deu nos nervos. Já tinha tomado umas e outras, então larguei as cartas e fui para a delegacia. Plessy estava de plantão e me trancou no xadrez nº 1. Plessy é um bom garoto. Conheci a mãe dele, mas já faz muito tempo.

P. Sr. Quillan, acha que poderíamos falar da noite do dia 27? Dez e meia da noite?

R. E não estamos falando?

P. Espero em Deus que sim. Continue.

R. Bem, Plessy me prendeu à 1h45m da madrugada de sexta, e adormeci logo. Apaguei mesmo. Acordei às quatro da tarde, tomei três sais de frutas Alka-Seltzers e tornei a dormir. Eu sou assim. Consigo dormir até curar a ressaca. O Otis diz que eu devia descobrir como faço isso e patentear. Diz que eu poderia poupar o mundo de muito sofrimento.

P. Com certeza, Sr. Quillan. E a que horas acordou de novo?

R. Lá pelas dez da noite. Estava com muita fome, então resolvi ir comer alguma coisa lá na cantina.

P. Deixaram o senhor sozinho numa cela aberta?

R. Claro. Eu sou um cara maravilhoso sóbrio. Aliás, uma vez...

P. Limite-se a dizer à comissão o que aconteceu quando saiu da cela.

R. A sirene de incêndio disparou, foi o que aconteceu. Fiquei apavorado. Não ouvia essa sirene desde o fim da Guerra do Vietnã. Então corri lá para cima e não encontrei mais ninguém na sala. Pensei com meus botões: droga, Plessy vai se ferrar por causa disso. Sempre tem que ter alguém de plantão, para o caso de pintar alguém para ir em cana. Então fui até a janela e olhei lá para fora.

P. Dali dava para ver a escola?

R. Claro. É do outro lado da rua, a uma quadra e meia. Tinha gente correndo e gritando. Foi aí que vi Carrie White.

P. O senhor já tinha visto Carrie White antes?

R. Não.

P. Então como sabia que era ela?

R. É difícil explicar.

P. Dava para vê-la bem?

R. Ela estava embaixo de um poste, ao lado de um hidrante na esquina da Main com a Spring.

P. Aconteceu alguma coisa?

R. Acho que sim. A cabeça do hidrante inteira explodiu e voou pelos ares em três direções. Para cima, para a esquerda e para a direita.

P. A que horas esse... ahn... defeito ocorreu?

R. Umas 22h40. Não podia ser mais que isso.

P. O que aconteceu então?

R. Ela foi andando para o Centro. Doutor, tinha uma aparência horrível. Usava os farrapos do que devia ter sido um vestido de festa, e estava toda ensopada de água do hidrante e coberta de sangue. Parecia que tinha saído de uma batida de carro. Mas estava *rindo*. Nunca vi um sorriso daqueles. Parecia uma caveira. E ela ficava olhando para as mãos que depois esfregava no vestido, tentando limpar o sangue e pensando que nunca ia conseguir e em como ia derramar sangue em cima da cidade inteira e fazer as pessoas pagarem. Foi um horror.

P. Como podia ter ideia do que ela pensava?

R. Não sei. Não consigo explicar.

P. No restante de seu depoimento, peço que se atenha ao que viu, Sr. Quillan.

R. Certo. Tinha um hidrante na esquina da Grass Plaza que também explodiu. Esse deu para ver melhor. Aqueles tampões de rosca que tem dos lados estavam se desenroscando sozinhos. Eu vi. O hidrante estourou como o outro. E ela estava *feliz*! Dizia para si mesma: isso vai dar um banho neles, *eles vão...* upa, desculpe. Começaram a passar os carros de bombeiros, e perdi a moça de vista. O caminhão novo encostou na escola e quando foram usar os hidrantes viram que não saía água. O chefe Burton berrava com eles, e foi aí que a escola explodiu. *Jesus Cristo*.

P. O senhor saiu da delegacia?

R. Saí. Eu queria encontrar Plessy e contar a ele sobre aquela doida e os hidrantes. Olhei para o lado do posto Amoco do Teddy, e vi uma coisa que me gelou o sangue. As mangueiras das seis bombas de gasolina estavam fora do gancho. Teddy Duchamp, que Deus o tenha, estava morto desde 1968, mas o

garoto dele passava o cadeado naquelas bombas toda noite, como o pai costumava fazer. E todos aqueles cadeados Yale enganchados nelas estavam abertos. Os bicos das mangueiras estavam caídos no asfalto, com o automático ligado. A gasolina escorria para a calçada e para a rua. Minha mãe santíssima, quando vi isso, meu saco encolheu. Aí, vi aquele cara correndo com um cigarro aceso.

P. O que fez?

R. Berrei para ele. Falei: *Ei! Olha o cigarro! Ei, não, é gasolina!* Ele não me ouviu. Com as sirenes de incêndio e o alarme da cidade e os carros passando a toda para baixo e para cima, não é de espantar. Vi que ele ia jogar fora o cigarro, entrei para me esconder lá dentro.

P. O que aconteceu depois?

R. Depois? Ora, depois, o Diabo baixou em Chamberlain...

Quando os baldes caíram, no primeiro momento ela só se deu conta de uma batida de metal distoando da música, e aí já estava encharcada de uma coisa morna. Fechou os olhos instintivamente. Ouviu um resmungo vindo do lado, e na parte de sua mente que despertara havia tão pouco tempo, sentiu uma dor rápida.

(tommy)

A música desafinou e parou de repente, deixando no ar o eco de algumas vozes como o que fica quando se rompe a corda de um instrumento, e, no súbito silêncio cheio de expectativa que preencheu o lapso entre o fato e sua conscientização, como uma sina, ela ouviu alguém dizer bem distintamente:

— Meu Deus, é sangue.

Pouco depois, como para repisar a verdade, para torná-la absolutamente clara, alguém gritou.

Carrie ficou de olhos fechados e sentiu o vulto negro do terror crescendo em sua mente. Mamãe estava certa, afinal de contas. Mais uma vez ela fora enganada, lograda, o alvo da piada. Isso devia causar um horror monótono, mas não; elas a haviam colocado ali em cima, na frente de toda a escola, e repetiram a cena do chuveiro... só a voz dissera

(meu deus é sangue)

algo pavoroso demais para ser contemplado. Se ela abrisse os olhos e fosse verdade, ah, e aí? E aí?

Alguém começou a rir, uma risada de hiena, solitária e assustada, e ela *abriu* os olhos, abriu-os para ver quem era e *era* verdade, o pesadelo final, ela estava

toda vermelha e pingando, elas a haviam mergulhado no segredo mesmo do sangue, na frente de todo mundo e seu pensamento

(ah... eu... *COBERTA*... disse)

ganhara um tom tétrico de púrpura com sua repulsa e sua vergonha. Sentia seu próprio cheiro, e era a catinga de sangue, o cheiro úmido e metálico. Num relance caleidoscópico de imagens, viu o sangue escorrendo grosso por suas coxas nuas, ouviu o jorro constante da água caindo nos ladrilhos do chuveiro, sentiu o impacto macio dos absorventes internos e externos em sua pele enquanto vozes gritavam *arrolha*, provou o sabor amargo e forte do pavor. Finalmente tinham-lhe dado o banho que queriam.

Uma segunda voz juntou-se à primeira, e foi seguida por uma terceira — gargalhada de soprano infantil —, uma quarta, quinta, sexta, décima, todas elas, todas rindo. Vic Mooney estava rindo. Dava para vê-lo. Totalmente petrificado, chocado, mas aquela gargalhada continuava saindo assim mesmo.

Ela continuava ali sentada quieta, deixando o barulho passar por ela como uma onda. As pessoas ainda estavam todas lindas e ainda havia encanto e surpresa, mas ela cruzara uma linha e agora o conto de fadas era só perversidade e maldade. Nesse, ela comeria uma maçã envenenada, seria atacada por trolls e comida por tigres.

Estavam rindo dela de novo.

E de repente veio. A terrível conscientização da gravidade do que fizeram com ela invadiu-a, e um grito mudo e pavoroso

(estão me *OLHANDO*)

tentou sair de dentro dela. Ela cobriu o rosto com as mãos para escondê-lo e levantou-se trôpega. Só pensava em correr, sair da luz, entregar-se à escuridão, esconder-se nela.

Mas era como correr no melado. Sua mente traiçoeira fizera o tempo se arrastar; era como se Deus tivesse mudado a cena de 78 para 33 ⅓ rotações por minuto. Até as gargalhadas ficaram mais cavernosas e mais lentas, transformando-se numa sinistra vibração surda.

Ela trançou os pés e quase caiu do palco. Equilibrou-se, agachou-se e pulou para o chão. As risadas rascantes ficaram ainda mais altas. Como pedras se atritando.

Ela não queria ver, mas viu; a iluminação era muito forte, e ela via a cara de todos. Bocas, dentes, olhos. Via as próprias mãos sujas de sangue seco na frente do rosto.

A Srta. Desjardin corria ao seu encontro, com um ar hipócrita de compaixão.

Carrie viu além da superfície, até onde a verdadeira Srta. Desjardin ria com uma grosseria rançosa de solteirona. A professora abriu a boca, e sua voz saiu, horrível e lenta e cavernosa:

— Deixe-me ajudar você, querida. Ah, estou tão...

Carrie atacou

(*dobrar*)

e a Srta. Desjardin voou na parede do lado do palco e desabou no chão.

Carrie correu. Correu pelo meio do povo. Suas mãos tapavam-lhe o rosto, mas ela via através do xadrez dos dedos, via as pessoas, como estavam, bonitas, envoltas em luz e cobertas com os mantos luminosos e angelicais da Aceitação. Os sapatos engraxados, as caras limpas, os penteados de cabeleireiro, os vestidos cintilantes. Afastavam-se dela como se ela fosse a peste, mas continuavam rindo. Então, disfarçadamente, alguém esticou o pé

(ah é isso vem depois ah é)

e ela caiu de quatro e começou a se arrastar, a se arrastar pelo chão com o cabelo sujo de sangue caído na cara, como São Paulo no caminho de Damasco, ofuscado pela luz. Agora alguém iria lhe dar um chute no rabo.

Mas ninguém fez isso e ela conseguiu levantar-se. As coisas começaram a acelerar. Ela saiu para o saguão, desceu as escadas que subira com Tommy com tanta imponência duas horas atrás.

(tommy está morto preço alto pagou um preço alto por introduzir a peste no lugar de luz)

Desceu aos saltos, desajeitada, perseguida pelo som das gargalhadas esvoaçando em volta dela como melros.

Depois, escuridão.

Fugiu pelo vasto gramado da frente da escola; perdeu os dois sapatos e prosseguiu descalça. A relva aparada rente parecia veludo, salpicada de orvalho, e as gargalhadas ficaram para trás. Ela se sentiu ligeiramente mais calma.

Então seus pés se trançaram *mesmo* e ela caiu estatelada perto do mastro da bandeira. Ficou ali imóvel, ofegante, a cara quente enterrada na grama fria. As lágrimas de vergonha começaram a escorrer, quentes e pesadas como aquele primeiro fluxo de sangue menstrual. Tinha sido vencida, derrotada, definitivamente. Estava acabado.

Já ia se levantar e ir para casa pelas ruas menos movimentadas, escondendo-se para a eventualidade de alguém vir procurá-la, encontrar mamãe, admitir que tinha errado...

(!!NÃO!!)

Seus nervos de aço — e como os tinha — de repente se manifestaram dentro dela e gritaram a palavra com força. O armário? As orações infundáveis e erradias? Os folhetos e a cruz, e só o pássaro mecânico no cuco da Floresta Negra para marcar o resto das horas, dos dias e das décadas de sua vida?

De repente, como se uma máquina de videoteipe tivesse sido ligada em sua cabeça, viu a Srta. Desjardin vir correndo ao seu encontro e depois ser lançada longe como uma boneca de trapo, quando usou seu poder mental sobre ela, sem sequer se dar conta disso.

Virou de costas, fitando as estrelas com um olhar selvagem naquela cara pintada. Ela estava esquecendo.

(!!A FORÇA!!)

Estava na hora de lhes dar uma lição. De lhes mostrar umas coisas. Deu uma risada histérica. Essa era uma das expressões preferidas de mamãe.

(mamãe chegando em casa pousando a bolsa óculos brilhando bem acho que hoje mostrei umas coisas àquele elt lá na lavanderia)

Havia o sistema anti-incêndio. Podia acioná-lo, acioná-lo facilmente. Deu outra risada e se levantou, partiu descalça para a entrada. Acionar os esguichos e fechar todas as portas. Olhar para dentro e deixar-se ser vista olhando, assistindo e rindo enquanto o banho estragava os vestidos e os penteados e tirava o brilho dos sapatos. Só lamentava que não pudesse ser sangue.

O saguão estava deserto. Parou no meio da escada e *DOBRAR*, todas as portas se fecharam ruidosamente com a força concentrada que ela lhes direcionou, arrancando os fechos pneumáticos. Ouviu algumas pessoas gritando, e aquilo era música, doce música *soul*.

Por um instante, não houve nada de novo, depois, sentiu o povo forçando as portas, querendo abri-las. A pressão era insignificante. Estavam encurralados (*encurralados*)

e a palavra ecoou inebriante em sua mente. Estavam em suas mãos, em seu poder. *Poder!* Que palavra, aquela!

Acabou de subir a escada e olhou para dentro e George Dawson estava espremido contra o vidro, lutando, empurrando e fazendo caretas de esforço. Havia mais gente atrás dele, e todos pareciam peixes num aquário.

Olhou para cima e, sim, lá estava a tubulação dos esguichos, com aqueles bicos parecendo margaridas de metal. A tubulação passava por pequenos furos na parede verde de blocos de concreto. No ginásio havia muitas daquelas margaridas. Legislação contra incêndio.

Legislação contra incêndio. De repente lembrou-se

(fios pretos grossos como cobras)
dos fios elétricos que corriam pelo palco todo. A plateia não os via, por causa da luz da ribalta, mas ela teve de passar com cuidado por cima deles para chegar ao trono. Tommy segurava seu braço.

(fogo e água)

Chegou mentalmente à tubulação, sentiu-a, rastreou-a. Fria, cheia d'água. Sentiu um gosto de ferro na boca, de metal frio e molhado, como o da água bebida de uma mangueira de jardim.

Dobrar.

Por um momento, nada aconteceu. Depois as pessoas começaram a se afastar das portas, olhando em volta. Ela foi até o pequeno visor oblongo da porta central e olhou para dentro.

Chovia dentro do ginásio.

Carrie começou a sorrir.

Não conseguira acionar todos, só alguns. Mas viu que, olhando com os olhos para a tubulação, era mais fácil acompanhar seu curso com a mente. Começou a abrir outras válvulas, e mais outras. Ainda assim, não era suficiente. As pessoas ainda não estavam gritando, portanto, ainda não bastava.

(feri-las feri-las feri-las)

Havia um rapaz no palco ao lado de Tommy, gesticulando furiosamente e gritando alguma coisa. Enquanto ela observava, ele desceu e correu para o equipamento da banda de rock. Agarrou o suporte de um dos microfones e ficou duro. Carrie assistiu, espantada, à dança elétrica quase imóvel produzida por aquele corpo. Os pés arrastaram na água, o cabelo ficou em pé, espetado, a boca abriu, como boca de peixe. Ficou engraçado. Ela começou a rir.

(por cristo então que todo mundo ali fique engraçado)

E de repente, numa arrancada cega, convocou toda a força que sentia.

Algumas luzes estouraram. Um clarão piscou quando um fio elétrico bateu numa poça d'água. Ela sentia uns baques surdos na mente quando os disjuntores desarmavam inutilmente. O rapaz agarrado ao suporte do microfone caiu por cima de um dos amplificadores, houve uma explosão de faíscas roxas e as bandeiras de papel crepom em frente ao palco pegaram fogo.

Embaixo dos tronos, um fio com corrente de 220 volts estalava no chão, e ao lado Rhonda Simard dançava como uma marionete endoidecida com aquele vestido de baile de tule verde. A saia longa de repente se incendiou, e ela caiu para a frente, ainda se sacudindo.

Talvez tenha sido nessa hora que Carrie ultrapassou o limite. Encostou na

porta, o coração disparado, mas o corpo gelado. Estava lívida, mas com as faces salpicadas de manchas de febre de um vermelho opaco. A cabeça latejava muito, e ela já não raciocinava em nível consciente.

Afastou-se das portas sem pensar, mantendo-as ainda fechadas. Lá dentro, tudo ardia, e ela vagamente se deu conta de que o mural devia ter pegado fogo.

Caiu no alto da escada, e pôs a cabeça nos joelhos, tentando acalmar a respiração. O povo tentava de novo sair pelas portas, mas ela as mantinha fechadas sem fazer força — só isso era fácil. Um sentido obscuro lhe disse que havia muita gente fugindo pela saída de emergência. Que fugisse! Depois pegaria todo mundo. Pegaria um a um. Sem exceção.

Desceu devagar e saiu pela porta de entrada, ainda mantendo as portas do ginásio fechadas. Era fácil. Bastava visualizá-las mentalmente.

O alarme da cidade disparou de repente, fazendo-a gritar e tapar o rosto com as mãos

(o alarme é só o alarme de incêndio)

por um momento. O olho de sua mente perdeu de vista as portas do ginásio e houve gente que quase conseguiu sair. Não, não. Feios. Ela tornou a bater as portas, prendendo os dedos de alguém — parecia Dale Norbert —, amputando um deles.

Foi de novo cambaleando pelo gramado, um espantelho de olhos esbugalhados, rumando para a Main Street. À sua direita ficava o Centro — a loja de departamentos, a Kelly Fruit, o cabeleireiro unissex, postos de gasolina, delegacia, corpo de bombeiros...

(eles vão apagar meu incêndio)

Mas não iriam. Ela começou a rir e era uma risada louca: triunfante, perdida, vitoriosa, apavorada. Chegou ao primeiro hidrante e tentou desatarraxar o tampão do lado.

(uhhh)

Estava difícil, difícilimo. A rosca de metal estava apertada para atrapalhá-la. Não importava.

Ela torceu com mais força e sentiu o tampão ceder. Então o outro lado. E em cima. Aí, desatarraxou os três de uma vez, afastada, e todos giraram num segundo. Jorrou água para todos os lados, e um dos tampões passou a dois passos dela numa velocidade suicida. Bateu na rua, quicou para o alto e sumiu. A água jorrava em cruz, aos borbotões.

Sorrindo, cambaleando, o coração a mais de duzentas pulsações por minuto, ela foi caminhando para a Grass Plaza. Não percebia que esfregava as mãos

suja de sangue no vestido feito Lady Macbeth, nem que chorava e ria ao mesmo tempo, nem que uma parte de sua mente carpiava sua própria destruição total.

Porque ia levar todo mundo com ela, e ia haver um grande incêndio, até a terra se impregnar do cheiro de queimado.

Abriu o hidrante da Grass Plaza, e foi descendo para o posto Amoco do Teddy. Foi o primeiro posto a que ela chegou, mas não foi o último.

Do depoimento do xerife Otis Doyle à Comissão Estadual de Inquérito de Maine (extraído do *Relatório da Comissão White*), p. 29-31:

P. Xerife, onde estava na noite de 27 de maio?

R. Na 179, conhecida como Old Bentown Road, investigando um acidente de automóvel. Na verdade, o acidente foi fora de Chamberlain, já em Durham, mas eu estava dando uma ajuda a Mel Crager, que é o delegado de Durham.

P. Quando foi informado de que havia um problema na Ewen High School?

R. Recebi um rádio do policial Jacob Plessy às 22h21.

P. Qual a natureza desse rádio?

R. O policial Plessy disse que havia um problema na escola, mas não sabia se era sério ou não. A gritaria era enorme, disse ele, uns alarmes de incêndio estavam tocando. Disse que ia até lá ver se conseguia identificar a causa do problema.

P. Ele disse que a escola estava pegando fogo?

R. Não, senhor.

P. Pediu que ele voltasse a se comunicar com o senhor?

R. Sim.

P. O policial Plessy voltou a se comunicar?

R. Não. Morreu na explosão do posto Amoco do Teddy que aconteceu depois na esquina da Main com a Summer.

P. Quando recebeu outro rádio falando de Chamberlain?

R. Às 22h42. Nessa hora, eu voltava para Chamberlain com um suspeito no carro — um motorista embriagado. Como já disse, o acidente aconteceu de fato na cidade de Mel Crager, mas não há xadrez em Durham. Quando cheguei com o homem a Chamberlain, não havia sobrado muito do nosso.

P. Que comunicado recebeu às 22h42?

R. Recebi um chamado da Polícia Estadual retransmitido pelo Corpo de Bombeiros de Motton. O comunicado dizia que havia um incêndio e um

aparente tumulto na Ewen High School, e uma provável explosão. Ninguém sabia nada de concreto naquela altura. Lembre-se, tudo aconteceu em quarenta minutos.

P. Estamos cientes disso, xerife. O que aconteceu então?

R. Voltei para Chamberlain com a sirene ligada e a luz piscando. Tentava em vão entrar em contato com Jake Plessy. Foi aí que chegou Tom Quillan e disse que o fogo estava destruindo a cidade e não havia água.

P. Sabe que horas eram?

R. Sei sim, senhor. Eu estava registrando as ocorrências. Eram 22h58.

P. Quillan afirma que o posto Amoco explodiu às 23 horas.

R. Eu ficaria com a média, senhor. Digamos às 22h59.

P. A que horas chegou a Chamberlain?

R. Às 23h10.

P. Qual foi sua primeira impressão ao chegar, xerife Doyle?

R. Fiquei chocado. Não dava para acreditar no que via.

P. O que viu exatamente?

R. Toda a parte norte da área comercial da cidade estava em chamas. O posto Amoco tinha desaparecido. Da Woolworth's só sobrara a estrutura incendiada. O fogo já tinha se alastrado para três fachadas de madeira ao lado — o Duffy's Bar, a Kelly Fruit Company e o salão de bilhar. O calor era mortal. Voavam fagulhas para os telhados da Imobiliária Maitland e da concessionária Auto Store de Doug Brann. Os caminhões dos bombeiros estavam chegando, mas não podiam fazer muita coisa. Todos os hidrantes daquele lado da rua estavam destruídos. Os únicos caminhões que estavam fazendo alguma coisa eram dois carros velhos da brigada de bombeiros voluntários de Westover, e praticamente a única coisa que conseguiam fazer era molhar os telhados dos prédios em volta. E obviamente da escola. Dela, não sobrava nada. Naturalmente, fica bem isolada, não tem nada para pegar fogo por perto, mas, meu Deus, aquela garotada toda lá dentro... aquela garotada...

P. Encontrou Susan Snell quando entrou na cidade?

R. Encontrei sim, senhor. Ela acenou para eu parar.

P. A que horas foi isso?

R. Quando eu ia entrando na cidade... às 23h12, no máximo.

P. O que ela disse?

R. Ela estava atordoada. Tinha levado um pequeno susto com o carro, uma derrapagem, e não dizia muito coisa com coisa. Perguntou se Tommy tinha morrido. Eu perguntei quem era Tommy, mas ela não respondeu. Perguntou se

Carrie já tinha sido pega.

P. A comissão está interessadíssima nessa parte de seu depoimento, xerife Doyle.

R. Sim, senhor. Estou sabendo.

P. Como respondeu à pergunta dela?

R. Bem, que eu saiba, só há uma Carrie na cidade, que é a filha de Margaret White. Perguntei se Carrie tinha alguma coisa a ver com os incêndios. A Srta. Snell respondeu que Carrie é que havia provocado todos eles. Essas foram as palavras dela: “Foi Carrie. Foi Carrie.” Disse isso duas vezes.

P. Disse mais alguma coisa?

R. Disse, sim, senhor. Disse: “É a última vez que magoam Carrie.”

P. Xerife, tem certeza que ela não disse: “É a última vez que *magoamos* Carrie?”

R. Tenho.

P. Absoluta? Cem por cento?

R. Senhor, a cidade inteira estava em chamas. Eu...

P. Ela tinha bebido?

R. O que foi que disse?

P. Ela tinha bebido? O senhor disse que ela esteve envolvida numa batida de carro.

R. Acho que falei num pequeno susto, uma derrapagem.

P. E não pode ter certeza se ela disse *magoamos* em vez de *magoam*?

R. Acho que talvez tenha dito, mas...

P. O que a Srta. Snell fez então?

R. Caiu em prantos. Dei uma bofetada nela.

P. Por quê?

R. Ela estava histérica.

P. E acabou se acalmando?

R. Sim, senhor. Se acalmou e conseguiu se controlar direitinho, diante do fato de que o namorado dela devia ter morrido.

P. O senhor a interrogou?

R. Bem, não da maneira como se interroga um criminoso, se é o que quer dizer. Perguntei se ela sabia alguma coisa sobre o que tinha acontecido. Ela repetiu o que já tinha dito, porém com mais calma. Perguntei onde ela estava quando começou a confusão, e ela disse que estava em casa.

P. O senhor lhe fez mais alguma pergunta?

R. Não, senhor.

P. Ela lhe disse mais alguma coisa?

R. Disse, sim, senhor. Pediu, implorou, que eu encontrasse Carrie White.

P. Como reagiu a isso?

R. Mande-a ir para casa.

P. Muito obrigado, xerife Doyle.

Vic Mooney saiu trôpego do escuro perto da agência drive-in do Bankers Trust com um sorriso na cara. Era um sorriso arreganhado, medonho, um sorriso do gato da Alice, pairando oniricamente na escuridão iluminada pelo incêndio como um resquício de lembrança de loucura. Seu cabelo, cuidadosamente assentado para a função de mestre de cerimônias, agora estava em pé e desgrehado. Tinha a testa salpicada de sangue, em decorrência de algum tombo de que já não se lembrava durante aquela fuga desesperada do Baile da Primavera. Tinha um olho roxo e fechado de tão inchado. Entrou no carro-patrolha do xerife Doyle, repicou para trás como uma bola de bilhar, e riu para o motorista bêbado que dormia no banco traseiro. Depois virou-se para Doyle que acabara de liberar Sue Snell. O incêndio projetava sombras dançantes de luz pelas imediações todas, dando ao mundo uma tonalidade marrom-avermelhada de sangue seco.

Quando Doyle se virou, Vic Mooney abraçou-se a ele. Abraçou-se a Doyle como um jovem enamorado abraçaria a amada ao dançar com ela. Envolveu-o nos braços e estreitou-o, o tempo todo olhando-o na cara com aquele sorriso arreganhado.

— Vic — começou Doyle.

— Ela abriu todas as válvulas — disse Vic como se nada fosse, sorrindo. — Abriu todas as válvulas e ligou a água e chuá, chuá, chuá.

— Vic...

— Não podemos deixar. Ah, não. NãoNãoNão. Não podemos. Carrie abriu todas as válvulas. Rhonda Simard pegou fogo. Meu *Deeeeeeeeeus*...

Doyle deu-lhe duas bofetadas, estalando a mão calejada na cara do rapaz. O grito morreu com uma brusquidão chocante, mas o sorriso permaneceu como um eco do mal. Era solto e terrível.

— O que houve? — perguntou Doyle áspero. — O que houve na escola?

— Carrie — murmurou Vic. — Houve Carrie. Ela... — Deixou as palavras no ar e sorriu para o chão.

Doyle deu-lhe três sacudidelas enérgicas. Os dentes de Vic bateram como castanhas.

— O que houve com Carrie?

— Rainha do Baile — murmurou Vic. — Entornaram sangue em cima dela e de Tommy.

— O quê...?

Eram 23h15. De repente, o posto Citgo de Tony na Summer Street explodiu com um estrondo violento, entrecortado. O clarão foi tão grande que os dois se encostaram no carro-patrulha e protegeram os olhos. Uma enorme nuvem de fogo fuliginosa assomou sobre os olmos do parque do Palácio da Justiça, iluminando de escarlate o lago dos patos e a quadra infantil de beisebol. Em meio ao estrondoso crepitar voraz que se seguiu, Doyle ouvia o baque dos destroços de vidro, madeira e blocos de cimento do posto caindo no chão. Veio uma segunda explosão, fazendo-os estremecer de novo. Ele ainda não conseguia entender

(minha cidade isso está acontecendo na minha cidade)
que isso estava acontecendo em Chamberlain, em *Chamberlain*, pelo amor de Deus, onde ele tomava chá gelado na varanda da casa da mãe e apitava jogos de basquete e fazia uma última ronda pela Rodovia 6 para lá do The Cavalier antes de chegar às 2h30 da manhã. Sua cidade estava pegando fogo.

Tom Quillan saiu correndo da delegacia e foi até o carro de Doyle. Vinha com o cabelo todo espetado, um uniforme verde de faxina imundo com uma camiseta por baixo e os sapatos trocados, mas Doyle pensou que nunca na vida ficara tão feliz de ver alguém. Tom Quillan também era parte de Chamberlain, e lá estava ele — intacto.

— Santo Deus — disse ofegante. — Você viu *aquilo*?

— O que está havendo? — perguntou Doyle seco.

— Eu estava monitorando o rádio — disse Quillan. — Motton e Westover queriam saber se deviam mandar ambulâncias e eu falei claro que sim, mandem tudo. Rabecões também. Fiz bem?

— Fez. — Doyle passou a mão no cabelo. — Você viu Harry Block? — Block era o secretário de Serviços Públicos, e água era um deles.

— Não. Mas o comandante Deighan diz que tem água do outro lado da cidade, no velho quarteirão Rennett. Já estão estendendo as mangueiras. Consegui arranjar uma turma que já está montando um hospital lá na delegacia. É uma turma legal, mas vai sujar seu chão de sangue, Otis.

Otis Doyle foi invadido por uma sensação de irrealidade. Claro que essa conversa não podia estar acontecendo em Chamberlain. *Não podia*.

— Está certo, Tommy. Fez bem. Volte para lá e comece a ligar para todos os médicos da lista telefônica. Vou para a Summer Street.

— Certo, Otis. Se vir aquela doida, cuidado.
— Quem? — Doyle não era de gritar, mas agora gritou.
Tom Quillan se sobressaltou.
— Carrie. Carrie White.
— Quem? Como você sabe?
Quillan piscou devagar.
— Sei lá. Me veio na cabeça.

Do teletipo nacional da AP, 23h46:

CHAMBERLAIN, MAINE (AP)

UMA GRANDE CATÁSTROFE ATINGIU A CIDADE DE CHAMBERLAIN, MAINE, NA NOITE DE HOJE. UM INCÊNDIO QUE TERIA COMEÇADO NA EWEN HIGH SCHOOL DURANTE UM BAILE DA ESCOLA ALASTROU-SE PARA O CENTRO DA CIDADE, CAUSANDO UMA SÉRIE DE EXPLOSÕES QUE ARRASARAM GRANDE PARTE DA ÁREA DO CENTRO. UM BAIRRO RESIDENCIAL DA ZONA OESTE TAMBÉM ESTÁ EM CHAMAS. PORÉM A MAIOR PREOCUPAÇÃO NO MOMENTO É A ESCOLA, ONDE ESTAVA SENDO REALIZADO UM BAILE DE FORMATURA. ACREDITA-SE QUE UM GRANDE NÚMERO DE PARTICIPANTES DO BAILE TENHA FICADO PRESO DENTRO DO SALÃO. UM BOMBEIRO DA CIDADE DE WESTOVER CHAMADO AO LOCAL DECLAROU QUE O NÚMERO OFICIAL DE MORTOS CHEGAVA A 76, NA MAIORIA, ALUNOS DA ESCOLA. SOLICITADO A FAZER UMA ESTIMATIVA DO TOTAL DE VÍTIMAS, DECLAROU: “NÃO SABEMOS. TEMOS MEDO DE FAZER ESTIMATIVAS. ISSO VAI SER PIOR DO QUE COCONUT GROVE.” PELAS ÚLTIMAS INFORMAÇÕES, HAVIA TRÊS FOCOS NÃO CONTROLADOS DE INCÊNDIO NA CIDADE. AS NOTÍCIAS DE QUE O INCÊNDIO TERIA SIDO CRIMINOSO NÃO ESTÃO CONFIRMADAS. FIM.

23H46 27 DE MAIO 8943F AP

Não houve mais relatórios da AP de Chamberlain. À 0h06, uma tubulação de gás da Jackson Avenue foi aberta. À 0h17, um enfermeiro de uma ambulância de Motton jogou fora uma ponta de cigarro quando o veículo se dirigia em alta velocidade para a Summer Street.

A explosão destruiu praticamente meio quarteirão, incluindo a sede do *Clarion* de Chamberlain. À 0h18, Chamberlain estava isolada do resto do país que, como seria normal, dormia.

À 0h10, ainda sete minutos antes da explosão da tubulação de gás, ocorreu uma explosão mais suave na central telefônica: congestionamento total de todas as linhas que ainda funcionavam na cidade. As três telefonistas de plantão continuaram a postos, mas totalmente incapazes de atender às milhares de solicitações. Trabalhavam com uma expressão dura de pavor, tentando completar ligações incompletáveis.

E Chamberlain inteira foi para a rua.

Parecia uma invasão vindo do cemitério que ficava na esquina formada pelo cruzamento da Bellsqueeze Road com a Rodovia 6; as pessoas vinham de camisolas brancas e roupões, como que enroladas em mortalhas. Vinham de pijama e rolinhos na cabeça (a Sra. Dawson, a do filho agora recém-falecido que era um sujeito engraçadíssimo, veio com uma máscara cosmética parecendo estar maquiada para um espetáculo mambembe); vinham ver o que tinha acontecido com a cidade delas, se estava mesmo arrasada pelo fogo e se esvaindo em sangue. Muitas delas também vinham para morrer.

A Carlin Street estava coalhada. Um rio de gente corria para o Centro sob aquele clarão ardente do céu, quando Carrie saiu da Igreja Congregacional da Carlin Street, onde foi rezar.

Ela entrara ali cinco minutos antes, depois de ter aberto a tubulação do gás (tinha sido fácil; quando ela visualizou a rede subterrânea, foi fácil), mas parecia ter sido há horas. Ela rezara muito e com fervor, às vezes em voz alta, às vezes em silêncio. Seu coração batia, sobrecarregado. As veias de seu rosto e de seu pescoço estavam dilatadas. A pesada noção dos PODERES e de um ABISMO ocupava-lhe a mente. Ela rezou diante do altar, ajoelhada em cima daquele vestido molhado, rasgado e ensanguentado, os pés descalços e sujos e sangrando no corte que ela fez ao pisar num caco de garrafa. Respirava soluçando, e a igreja era tomada por gemidos, objetos oscilando e quebrando à medida que a energia psíquica emanava dela. Bancos caíam, hinários voavam, e um conjunto de cálice e pátena atravessou a nave escura sob a abóbada, e foi bater na parede oposta. Ela rezou e não houve resposta. Não havia ninguém lá — ou, se havia, o ser ou a coisa estava se escondendo com medo dela. Deus desviara o rosto, e por que não? Esse horror era tão obra d’Ele quanto dela. Então ela saiu da igreja para ir para casa e encontrar a mãe e completar a destruição.

Parou no degrau inferior, olhando para o bando de gente seguindo para o centro da cidade. Animais. Que queimem, então. Que as ruas fiquem impregnadas com o cheiro do sacrifício deles. Que esse lugar se chame raca, icabode, losna.

Dobrar.

E os transformadores no alto dos postes se acenderam num tom púrpura nacarado, cuspidando uma girândola de fagulhas. O emaranhado de fios de alta-tensão caídos nas ruas lembrava um jogo de varetas, e algumas pessoas corriam, o que era ruim para elas, porque agora a rua inteira estava coalhada de fios e começou o cheiro de queimado. As pessoas começaram a gritar e recuar, e

algumas encostavam nos fios e se sacudiam numa dança elétrica. Muitas já estavam caídas na rua, o robe e o pijama ardendo.

Carrie virou-se e fitou a igreja de onde acabara de sair. A pesada porta se fechou de repente, como se empurrada por um furacão.

Carrie voltou-se em direção a casa.

Do depoimento da Sra. Cora Simard à Comissão Estadual de Inquérito (do *Relatório da Comissão White*), p. 217-18:

P. Sra. Simard, a Comissão sabe que a senhora perdeu sua filha na noite do baile, e lamentamos profundamente. Seremos o mais breves possível.

R. Obrigada. Quero ajudar, se for possível, obviamente.

P. Estava na Carlin Street por volta de 0h12, quando Carietta White saiu da Primeira Igreja Congregacional naquela rua?

R. Sim.

P. Por que estava lá?

R. Meu marido teve que passar o fim de semana em Boston, a negócios, e Rhonda estava no Baile da Primavera. Eu estava em casa sozinha vendo televisão e esperando por ela. Estava vendo o filme das sextas-feiras quando o alarme da cidade disparou, mas não liguei isso ao baile. Mas aí veio a explosão... Eu não sabia o que fazer. Tentei chamar a polícia, mas dava sinal de ocupado depois dos três primeiros números... Eu... eu... Então...

P. Não precisa ter pressa, Sra. Simard. Tem o tempo de que precisar.

R. Eu estava ficando nervosíssima. Houve uma segunda explosão, do posto Amoco do Teddy, agora eu sei, e decidi ir até o Centro ver o que estava acontecendo. Havia um clarão no céu, um clarão horrível. Foi aí que a Sra. Shyres bateu na porta.

P. A Sra. Georgette Shyres?

R. Sim. Eles moram pertinho da gente. Willow, 217. É logo dobrando a Carlin Street. Ela batia na porta e dizia: “Cora, você está aí? Você está aí?” Fui até a porta. Ela estava de roupão de banho e chinelo. Parecia estar com os pés gelados. Disse que tinham ligado para Westover para ver se lá sabiam de alguma coisa e eles disseram que a escola estava pegando fogo. Eu disse: “Ai meu Deus, Rhonda está no baile.”

P. Foi aí que decidiu ir até o Centro com a Sra. Shyres?

R. A gente não decidiu nada. Simplesmente foi. Enfiei uns chinelos, acho que eram de Rhonda. Tinham uns pomponzinhos brancos. Eu devia ter calçado os

meus sapatos, mas não estava raciocinando. Acho que ainda não estou. Para que está querendo saber sobre os meus sapatos?

P. A senhora pode contar isso como achar melhor, Sra. Simard.

R. O-obrigada. Dei para a Sra. Shyres um casaco velho que estava à mão, e saímos.

P. Havia muita gente na Carlin Street?

R. Não sei. Estava transtornada demais. Talvez umas trinta pessoas. Talvez mais.

P. O que aconteceu?

R. Georgette e eu íamos em direção à Main Street, de mãos dadas como duas garotinhas assustadas atravessando um descampado no escuro. Georgette batia queixo. Lembro-me disso. Eu queria pedir que ela parasse com aquilo, mas achei que seria indelicado. A uma quadra e meia da Igreja do Congo, vi a porta abrir e pensei: alguém entrou ali para pedir a ajuda de Deus. Mas na mesma hora tive certeza de que não era isso.

P. Como? O que presumiu tinha lógica, não?

R. Eu senti.

P. Conhecia a pessoa que saiu da igreja?

R. Conhecia. Era Carrie White.

P. Já tinha visto Carrie White antes?

R. Não. Ela não era amiga da minha filha.

P. Já tinha visto algum retrato de Carrie White?

R. Não.

P. E, de qualquer maneira, era noite e a senhora estava a uma quadra e meia da igreja.

R. Estava, sim senhor.

P. Sra. Simard, como sabia que era Carrie White?

R. Eu sabia, e pronto.

P. Essa *certeza*, Sra. Simard, era como uma luz acendendo dentro da sua cabeça?

R. Não senhor.

P. Como era?

R. Não sei lhe dizer. Ela fugiu, como os sonhos. Uma hora depois que a gente acorda, só lembra que teve um sonho. Mas eu tinha certeza.

P. Havia algum tipo de sensação acompanhando essa certeza?

R. Sim. Horror.

P. O que fez então?

R. Virei para Georgette e falei: “Lá está ela.” Georgette disse: “É, sim.” Ela ia dizer alguma coisa quando um clarão iluminou a rua inteira, começaram uns estalos e os fios da rede elétrica começaram a cair na rua, alguns soltando faíscas. Um deles atingiu um homem na nossa frente e o homem ficou em chamas. Um outro homem saiu correndo e pisou num fio, e o corpo dele simplesmente... se arqueou para trás, como se ele tivesse costas de elástico. Depois caiu duro. Tinha gente gritando e correndo, correndo às cegas, e cada vez caíam mais fios. Infestavam o chão como cobras. E ela estava feliz com isso. *Feliz!* Eu sentia a felicidade dela. Eu sabia que tinha que ficar com a cabeça no lugar. Quem estava correndo acabava sendo eletrocutado. Georgette disse: “Rápido, Cora. Meu Deus, não quero ser queimada viva.” Falei: “Pare com isso. Se a gente não usar a cabeça agora, Georgette, nunca mais vai usar.” Uma bobagem dessas. Mas ela não me ouvia. Largou minha mão e saiu correndo para a calçada. Gritei para ela parar; havia um daqueles fios grossos partidos bem na nossa frente, mas ela não ouviu. E ela... ai, senti o cheiro quando ela começou a queimar. Começou a sair fumaça da roupa dela, e pensei: deve ser assim quando alguém é eletrocutado. Era um cheiro adocicado, feito o de carne de porco. Algum de vocês já sentiu esse cheiro? Às vezes, eu sonho com ele. Fiquei imóvel, vendo Georgette Shyres ficar toda preta. Houve uma grande explosão para o lado da zona oeste; a rede de gás, acho eu, mas nem notei. Olhei em volta e vi que estava sozinha. O resto das pessoas ou tinha fugido, ou estava queimando. Vi uns seis corpos. Pareciam uns montes de trapos velhos. Um dos fios tinha caído na varanda de uma casa à esquerda, e a casa estava pegando fogo. Ouvi aquelas telhas antiquadas estourando feito pipoca. Pareceu que fiquei ali muito tempo, dizendo a mim mesma para não perder a cabeça. Pareceram horas. Fui ficando com medo de desmaiar e cair em cima de um daqueles fios, ou de entrar em pânico e sair correndo. Feito... feito Georgette. Então comecei a andar. Passo a passo. Estava mais claro ainda na rua, por causa do incêndio da casa. Passei por cima de dois fios de alta-tensão e desviei de um corpo que não era muito mais que uma poça. Eu... eu tinha que olhar para ver onde pisava. O cadáver tinha uma aliança no dedo, mas ela estava completamente preta. *Negra*. Nossa, eu pensei. Ai, meu Deus. Passei por cima de outro fio, e depois apareceram três de uma vez. Fiquei parada olhando para aquilo. Pensei que se passasse por cima daqueles, eu ficaria bem, mas... não tinha coragem. Sabe em que eu pensava? Naquela brincadeira de criança. Mamãe-posso-ir. Uma voz dentro de mim dizia: Cora, passe por cima dos fios com um passo de gigante. E eu só pensava: *Mamãe posso ir? Mamãe posso ir?* Um dos fios ainda soltava

faíscas, mas os outros pareciam sem corrente. Mas nunca se sabe. O terceiro trilho do metrô também parece sem corrente. Então fiquei parada, esperando alguém chegar, mas ninguém apareceu. A casa continuava pegando fogo e as chamas já tinham passado para o gramado, para as árvores e para a cerca viva do lado. Mas não vinha nenhum carro de bombeiros. Claro. A zona oeste inteira estava em chamas naquela altura. E eu me sentia tão *fraca*. E afinal vi que era dar o passo de gigante ou desmaiar, então dei, o maior que pude, e pisei com o salto do chinelo a menos de dois dedos do último fio. Eu tinha passado e desviei de mais outro fio e aí saí correndo. E não me lembro de mais nada. Quando amanheceu, eu estava deitada num cobertor na delegacia com um monte de gente. No meio daquele pessoal todo, havia uns poucos estudantes vestidos com a roupa do baile, e comecei a perguntar se eles tinham visto Rhonda. E eles disseram... disseram...

(Um pequeno intervalo)

P. A senhora está pessoalmente convencida de que Carrie White fez isso?

R. Estou.

P. Obrigado, Sra. Simard.

R. Gostaria de fazer uma pergunta, por favor.

P. Claro.

R. O que pode acontecer se houver mais gente como ela? O que pode acontecer com o mundo?

Do livro *The Shadow Exploded* (p. 151):

À 0h45 da madrugada de 28 de maio, a situação em Chamberlain era crítica. O incêndio da escola ocorrera numa área relativamente isolada, mas todo o centro da cidade estava em chamas. Quase toda a água daquela zona havia sido usada, mas ainda havia alguma disponível (com pouca pressão) na rede da Deigham Street, em quantidade suficiente para salvar os prédios comerciais depois do cruzamento da Main com a Oak.

A explosão do posto Citgo de Tony no final da Summer Street resultara num violento incêndio que só seria controlado às dez horas da manhã. Havia água na Summer Street; simplesmente não havia bombeiros nem equipamento de combate ao fogo para usá-la. Carros de bombeiros estavam sendo enviados de

Lewinston, Auburn, Lisbon e Brunswick, mas nada chegou até a uma da tarde.

Na Carlin Street, havia começado um incêndio provocado pela queda de fios da rede elétrica. Acabaria destruindo toda a parte norte da rua, inclusive a casa onde Margaret White dera à luz sua filha.

Na zona oeste da cidade, logo abaixo do que costuma ser chamado de Brickyard Hill, ocorrera a pior catástrofe: a explosão da rede de gás, causando um incêndio que só começou a ser dominado na tarde do dia seguinte.

E se olharmos esses focos num mapa do município (ver página ao lado), podemos identificar a trajetória de Carrie — uma trilha sinuosa e errática de destruição pela cidade, mas com um destino praticamente certo: sua casa...

Alguma coisa caiu na sala, e Margaret White se empertigou, inclinando a cabeça para o lado. O facão tinha um brilho fraco no clarão do fogo. Já faltava energia havia algum tempo, e a única iluminação da casa vinha do incêndio da rua.

Ouviu-se o baque de um quadro caindo da parede. Logo depois foi a vez do cuco da Floresta Negra. O passarinho mecânico deu um pio estrangulado e parou.

Vindo da cidade, a zoadas das sirenes não parava, mas assim mesmo ela ouviu quando os passos chegaram à entrada da casa.

A porta se abriu. Passos no corredor.

Ouviu as placas de gesso da sala (CRISTO, O HÓSPEDE INVISÍVEL; O QUE JESUS FARIA; APROXIMA-SE A HORA: SE O JUÍZO FINAL FOSSE HOJE, VOCÊ ESTARIA PRONTO?) explodirem uma atrás da outra, como pássaros de gesso numa barraquinha de tiro ao alvo.

(ah estive lá e vi as rameiras se requebrando em palcos de madeira)

Estava toda empertigada no banco como um aluno muito brilhante que tivesse chegado à posição de líder de turma. Mas tinha um olhar transtornado.

As janelas da sala se abriram.

A porta da cozinha bateu, e Carrie entrou.

Parecia torta, encolhida, uma velha. O vestido de formatura estava todo esfarrapado, e o sangue de porco começara a endurecer, em listras. Tinha uma mancha de graxa na testa, e os dois joelhos esfolados, em carne viva.

— Mamãe — disse baixinho.

Seus olhos brilhavam com uma luz sobrenatural, como os de um falcão, mas sua boca tremia. Se houvesse ali alguém para ver, ficaria impressionado com a semelhança entre elas.

Margaret White estava sentada no tamborete da cozinha, o facão escondido no

colo, nas dobras do vestido.

— Eu devia ter me matado quando ele botou aquilo em mim — disse ela distintamente. — Depois da primeira vez, antes de nos casarmos, ele prometeu. Nunca mais. Disse que a gente só tinha... escorregado. Acreditei nele. Eu caí e perdi o bebê, e foi castigo de Deus. Senti que aquele pecado tinha sido expiado. Por sangue. Mas o pecado nunca morre. *O pecado... nunca... morre.* — Os olhos dela brilhavam.

— Mamãe, eu...

— No início estava tudo como devia ser. Vivíamos sem pecado. Dormíamos na mesma cama, às vezes barriga com barriga, e aí eu sentia a presença da Serpente, mas. nunca. fizemos. até. — Abriu um sorriso, e era um sorriso duro, terrível. — E naquela noite, eu via que ele me olhava Daquele Jeito. Nos ajoelhamos para rezar pedindo forças, e ele... me tocou. Naquele lugar. Naquele lugar de mulher. E botei-o para fora de casa. Passaram-se horas e ele não voltava, então rezei por ele. Eu o via mentalmente, perambulando pela rua no meio da noite, lutando com o diabo como Jacó lutou com o Anjo do Senhor. E quando ele voltou, meu coração se encheu de gratidão.

Fez uma pausa, sorrindo com aquele sorriso seco para as sombras dançantes da sala.

— *Mamãe, eu não quero ouvir isso!*

Começaram a estourar pratos dentro dos armários como pombos de barro.

— Só quando ele entrou é que senti o bafo de uísque. E ele me possuiu. *Me possuiu!* Ainda cheirando a uísque de botequim infecto, ele me possuiu... *e eu gostei!* — Gritou as últimas palavras para o teto. — *Gostei daquela foda suja e das mãos dele me apalpando TODA!*

— *MAMÃE!*

(*!!MAMÃE!!*)

A mãe parou como se tivesse levado uma bofetada e piscou para a filha.

— Quase me matei — disse num tom de voz mais normal. — E Ralph chorou e falou em reparação e eu não e aí ele morreu, então achei que Deus tivesse me castigado com um câncer; que Ele estivesse transformando minhas partes femininas numa coisa negra e podre como a minha alma pecadora. Mas esse seria um castigo muito fácil. O Senhor age de formas misteriosas para realizar Suas maravilhas. Vejo isso agora. Quando começaram as dores, fui pegar uma faca, essa aqui... — ergueu a faca — ... e esperei você vir para fazer meu sacrifício. Mas fui fraca e dei para trás. Tornei a pegar essa faca quando você tinha 3 anos, e tornei a dar para trás. Então agora o diabo voltou para casa.

Segurava a faca no alto, olhando hipnoticamente para o chamariz reluzente da lâmina.

Devagar, Carrie deu um passo inseguro à frente.

— Vim matar a senhora, mamãe. E a senhora estava aqui esperando para me matar. Mamãe, eu... isso não está certo, mamãe. Não está...

— Vamos rezar — mamãe disse baixinho. Fitava Carrie com uma expressão enlouquecida e terrível de compaixão. O clarão do incêndio agora estava mais forte, dançando nas paredes como dervixes. — Pela última vez, vamos rezar.

— *Ai, mamãe, me ajude!* — gritou Carrie.

Caiu de joelhos, cabeça baixa, mãos erguidas em posição de súplica.

Mamãe inclinou-se à frente, e o facão desceu descrevendo um arco faiscante.

Carrie, talvez tendo visto de rabo de olho, deu um pulo para trás, e, em vez de se cravar nas suas costas, a faca entrou-lhe no ombro até o cabo. Mamãe tropeçou nos pés da cadeira, e caiu sentada.

As duas ficaram se olhando num quadro vivo.

Começou a sair sangue do ferimento da faca, pingando no chão.

Então Carrie disse baixinho:

— Vou lhe dar um presente, mamãe.

Margaret tentou se levantar, cambaleou e caiu de quatro.

— O que está fazendo? — perguntou num coaxar áspero.

— Estou visualizando seu coração, mamãe — disse Carrie. — Fica mais fácil quando a gente mentaliza as coisas. O seu coração é um grande músculo vermelho. O meu se acelera quando uso o meu poder. Mas o seu agora está batendo um pouquinho mais devagar. Mais devagar.

Margaret tentou se levantar de novo, não conseguiu, e fechou a mão com o indicador e o dedo mínimo esticados, fazendo o gesto contra mau-olhado para a filha.

— Um pouco mais devagar, mamãe. Sabe o que é o presente, mamãe? O que você sempre quis. As trevas. E o Deus que houver por lá.

Margaret White sussurrou:

— Pai-nosso que estais no céu...

— Mais devagar, mamãe. Mais devagar.

— ... santificado seja o Vosso nome...

— Vejo o sangue refluindo dentro de você. Mais devagar.

— ... venha a nós o Vosso reino...

— Seus pés e suas mãos estão como mármore, como alabastro. Brancos.

— ... seja feita a Vossa vontade...

— A *minha* vontade, mamãe. Mais devagar.

— ... assim na terra...

— Mais devagar.

— como... como... como...

Caiu para a frente, as mãos crispadas.

— como no céu.

Carrie murmurou:

— Ponto final.

Olhou para o próprio corpo e segurou sem firmeza o cabo da faca com as duas mãos.

(não ai não dói dói demais)

Tentou se levantar, não conseguiu, então se apoiou no banco de mamãe. Ficou tonta e nauseada. Sentia o gosto do sangue, brilhante e aveludado no fundo da garganta. Uma fumaça acre e sufocante entrava pela janela. As chamas haviam chegado à casa vizinha; naquele momento, as fagulhas deviam estar brilhando com delicadeza no telhado furado violentamente por pedras que choveram há mil anos.

Carrie saiu cambaleando pela porta dos fundos e se encostou

(cadê minha mamãe)

numa árvore no meio do gramado. Tinha de fazer uma coisa. Algo ligado

(bares de beira de estrada estacionamentos)

ao Anjo com a Espada. A Espada de Fogo.

Não tem importância. Já ia se lembrar.

Chegou à Willow Street passando por dentro do terreno das casas e foi se arrastando pela rampa de acesso à Rodovia 6.

Era 1h15 da manhã.

Eram 23h20 quando Christine Hargensen e Billy Nolan chegaram de volta ao The Cavalier. Subiram pela escada dos fundos, atravessaram o corredor, e nem bem ela tinha acendido a luz, ele já estava lhe arrancando a blusa.

— Pelo amor de Deus, pode deixar que eu desabotoo...

— Que se dane a blusa...

Agarrou-a por trás e puxou. O tecido rasgou com um ruído desagradável. Um botão caiu e quicou no chão de madeira nua. Eles ouviam ao longe a música country que tocava lá embaixo, e o prédio vibrava com a dança desajeitada e animada de fazendeiros, caminhoneiros, operários, garçonetes e cabeleireiras,

topetudos e suas namoradas nativas de Westover e Lewiston.

— Ei...

— Quieta.

Esbofeteou a moça, fazendo sua cabeça balançar para trás. Os olhos dela adquiriram um brilho frio e mortal.

— Acabou, Billy. — Afastou-se dele, o busto inflando dentro do sutiã, a barriga lisa entrando e saindo, as pernas compridas afinando dentro da calça justa; mas recuou em direção à cama. — Terminou.

— Claro — disse ele. Avançou nela, e ela lhe deu um soco, um soco surpreendentemente forte que lhe acertou a cara.

Ele se endireitou, sacudindo ligeiramente a cabeça.

— Você me deixou com o olho roxo, sua vagabunda.

— E deixo outras coisas.

— Deixa, é? Desgraçada.

Ficaram se olhando, ofegantes, se fuzilando. Então ele começou a desabotoar a camisa, com um esboço de sorriso nos lábios.

— A gente está com tesão, Charlie. Está mesmo. — Ele a chamava de Charlie sempre que estava contente com ela. Parecia, pensou ela com uma piscadela fria de humor, um termo genérico para boa foda.

Ela sentiu que começava a sorrir, relaxou um pouco, e foi aí que ele lhe deu com a camisa na cara, abaixou-se e lhe deu uma marrada na barriga como se fosse um bode, derrubando-a na cama. As molas gritaram. Ela esmurrou-lhe as costas sem poder fazer mais nada.

— Sai de cima de mim! Sai de cima de mim! Seu cucaracho escroto, *sai de cima de mim!*

Sorrindo para ela, ele puxou-lhe as calças, arrebitando o zíper e deixando-a com as ancas nuas.

— Chamar o seu pai? — resmungava ele. — É o que vai fazer? Hein? Hein? Isso mesmo, gostosinha? Chamar o paizão doutor da lei? Hein? Eu teria feito isso com você, está sabendo? Teria derramado aquilo tudo na porra desse seu coco. Tá sabendo? Hein? Tá sabendo? Sangue de porco para uma porca, certo? Bem no meio da porra desse seu coco. Sua...

De repente, ela deixara de resistir. Ele parou, olhando para ela, e ela tinha um sorriso estranho.

— O tempo todo você quis que fosse dessa maneira, não? Seu nojentinho miserável. Quis, não foi? Seu pamonha genial doidinho asqueroso e broxante.

O sorriso dele era lento, alucinado.

— Não tem importância.

— Não — disse ela. — Não tem.

Seu sorriso se desfez de repente, os tendões de seu pescoço saltaram quando ela limpou a garganta — e cuspiu na cara dele.

E baixaram numa inconsciência ardente entre bofetões.

Lá embaixo, a música rolava (“I’m poppin little white pills an my eyes are open wide / Six days on the road, and I’m gonna make it home tonight” [Bolinhas brancas pipocam de mim e estou de olhos bem abertos! Seis dias na estrada e hoje à noite vou chegar em casa]) sem parar, acelerada, altíssima, péssima, banda de cinco homens vestidos com camisas de caubói de lantejoulas e jeans novos cravejados de tachas brilhantes, de vez em quando enxugando a mistura de suor com Vitalis da testa, primeira guitarra, ritmo, percussão, guitarra acústica, bateria: ninguém ouviu o alarme da cidade, nem a primeira explosão, nem a segunda; e quando a rede de gás explodiu e a música parou e alguém chegou ao estacionamento e começou a dar a notícia aos gritos, Chris e Billy dormiam.

Chris acordou de repente e o relógio da cabeceira marcava 0h55. Alguém esmurrava a porta.

— Billy — gritava a voz. — Levanta! Ei! Ei!

Billy se mexeu, virou para o lado e jogou o despertador vagabundo no chão.

— Qual é, ô raça? — reclamou com grosseria, e se levantou. Suas costas ardiam. A desgraçada o arranhara todo. Ele mal notara na hora, mas agora resolveu que teria de mandá-la para casa andando de perna aberta. Só para ela ver quem era m...

O silêncio baqueou-o. Silêncio. O The Cavalier não fechava antes das duas; na verdade, pela janela empoeirada daquela mansarda, ele ainda via os letreiros de néon piscando. A não ser pelas batidas contínuas

(alguma coisa tinha acontecido)

o local era um cemitério.

— Billy, você está aí? Ei!

— Quem é? — sussurrou Chris. Seus olhos cintilavam atentos à luz intermitente dos letreiros de néon.

— Jackie Talbot — disse ele distraído, depois levantou a voz. — O quê?

— Me deixa entrar, Billy. Preciso falar com você!

Billy levantou-se e foi até a porta, nu. Abriu a tranca antiquada e deixou-o entrar.

Jackie Talbot não perdeu tempo. Tinha os olhos arregalados e a cara suja de

fuligem. Estava bebendo com Steve e Henry quando soube da notícia às 23h50. Foram até a cidade no velho Dodge conversível de Henry e assistiram à explosão da rede de gás da Jackson Avenue do alto da Brickyard Hill. À 0h30, quando Jackie ia voltando no Dodge emprestado, a cidade em pânico era um caos.

— Chamberlain está pegando fogo — disse a Billy. — A cidade inteira, porra. A escola acabou. O Centro acabou. A zona oeste explodiu... gás. E a Carlin Street está em chamas. E estão dizendo que foi Carrie White!

— Ah, meu Deus — disse Chris, começando a se levantar e a procurar a roupa para se vestir. — O que...

— Cala a boca — disse Billy sem se exaltar —, senão lhe dou um pé na bunda. — Tornou a olhar para Jackie e fez sinal para ele prosseguir.

— Ela foi vista. Muita gente viu. Billy, disseram que ela está toda ensanguentada. Estava na porra daquela formatura hoje... Steve e Henry não sacaram, mas... Billy, você... aquele sangue de porco... foi...

— Foi — disse Billy.

— Ah, não! — Jackie recuou e se encostou no portal. Estava com a cara de um amarelo doentio à luz daquela lâmpada que iluminava o corredor. — Nossa mãe, Billy, a cidade inteira...

— Carrie destruiu a cidade inteira? Carrie *White*? Você tem merda na cabeça. — Disse isso calmo, quase sereno. Atrás dele, Chris se vestia correndo.

— Vai lá olhar na janela — disse Jackie.

Billy foi. O horizonte todo a leste estava rubro, clareando o céu. Enquanto olhava, passaram três caminhões de bombeiros com as sirenes ligadas. A claridade do poste que marcava o estacionamento do The Cavalier permitiu que ele visse a inscrição que traziam.

— Filho de uma puta — disse. — Esses caminhões são de Brunswick.

— Brunswick? — disse Chris. — Fica a mais de 60 quilômetros daqui. Não pode ser...

Billy virou-se para Jackie Talbot.

— Muito bem, o que houve?

Jackie balançou a cabeça.

— Ninguém sabe, por enquanto. Começou na escola. Carrie e Tommy Ross foram o rei e a rainha, aí alguém jogou uns baldes de sangue neles e ela saiu correndo. Então a escola pegou fogo, e dizem que não saiu ninguém de lá. E o posto Amoco do Teddy explodiu, depois o posto Mobil da Summer Street...

— Citgo — corrigiu Billy. — É um posto Citgo.

— *O que interessa, porra?* — gritou Jackie. — Foi ela, em todo lugar que

aconteceu alguma coisa, foi *ela*! E aqueles baldes... nenhum de nós estava de luva...

— Eu cuido disso — disse Billy.

— Você não está entendendo, Billy. Carrie está...

— Cai fora.

— Billy...

— Cai fora, senão arranco seu braço e faço você comer.

Jackie foi recuando, com cuidado.

— Vá para casa. Não fale com ninguém. Eu vou tratar de tudo.

— Está bem — disse Jackie. — Certo, Billy, eu só pensei...

Billy bateu a porta.

Chris foi para cima dele na mesma hora.

— Billy o que vamos fazer com aquela vagabunda da Carrie, ai meu Deus, o que vamos...

Billy mandou-lhe o braço com toda a força e a derrubou no chão. Chris caiu sentada, em silêncio com o choque do primeiro momento, depois cobriu o rosto com as mãos e desatou a soluçar.

Billy vestiu as calças, a camiseta, calçou as botas. Depois foi até a pia de louça lascada no canto, acendeu a luz, molhou a cabeça e começou a se pentear, abaixando-se para se ver no espelho antigo manchado. Atrás dele, a imagem ondulada e distorcida de Chris Hargensen continuava sentada no chão, limpando o sangue do lábio cortado.

— Vou lhe dizer o que vamos fazer — disse ele. — Vamos para a cidade ver os incêndios. Depois voltamos para casa. Você vai contar para o seu velho que estávamos no The Cavalier bebendo cerveja quando a coisa aconteceu. Eu vou contar a mesma coisa para a minha velha. Sacou?

— Billy, as suas impressões digitais, Billy — disse ela. Sua voz era abafada mas respeitosa.

— As impressões digitais *deles* — corrigiu o rapaz. — *Eu* estava de luva.

— E eles vão contar? — perguntou ela. — Se a polícia pegar todo mundo e levar para interrogatório?

— Claro — respondeu ele. — Vão, sim. — Os cachos e as ondas estavam praticamente no ponto. Brilhavam à luz mortiça do globo salpicado de sujeira de mosca como redemoinhos dentro d'água. Estava com o rosto calmo, descansado. O pente que ele usava era um Ace gasto e engordurado que ganhara do pai quando fez 11 anos e que não tinha nenhum dente quebrado. Nenhum.

— Talvez nunca encontrem os baldes — disse ele. — Se encontrarem, talvez

as impressões digitais tenham sido apagadas pelo fogo. Sei lá. Mas se Doyle prender algum deles, estou me mandando para a Califórnia. Você faz o que quiser.

— Você me levaria? — perguntou ela. Olhava para ele do chão, o lábio inchado tendo atingido proporções negroides, com uma expressão de súplica.

Ele sorriu.

— Talvez. — Mas não levaria. Já não o faria. — Vamos. Vamos para a cidade.

Desceram e passaram pelo salão vazio, com cadeiras ainda fora do lugar e copos de cerveja nas mesas.

Ao saírem pela porta de emergência, Billy disse:

— De qualquer jeito, esse lugar é o fim.

Entraram no carro, e ele ligou o motor. Quando acendeu os faróis, Chris começou a gritar, apertando o rosto com os punhos cerrados.

Billy sentiu a mesma coisa: alguma coisa em sua mente,

(carrie carrie carrie carrie)

uma presença.

Carrie estava ali, a uns 20 metros na frente deles.

O farol alto produzia um efeito medonho de filme de terror em preto e branco, destacando-a sangrando e toda ensanguentada. A maior parte desse sangue agora era o seu próprio. Continuava com o cabo do facão espetado no ombro e tinha o vestido todo enlameado e cheio de nódoas de capim. Viera se arrastando desde a Carlin Street, quase desfalecendo, para destruir essa espelunca — talvez exatamente a mesma onde fora concebida e onde sua sina começara.

Cambaleava, estendendo os braços como um hipnotizador de teatro, e aproximou-se deles, trôpega.

Tudo aconteceu numa fração de segundo. Chris não teve tempo de acabar de gritar. Billy tinha ótimos reflexos e sua reação foi instantânea. Reduziu a marcha e pisou fundo.

Os pneus do Chevrolet cantaram no asfalto, e o carro avançou à frente como um monstro comedor de gente. O vulto cresceu na frente do para-brisa, e se ouviu mais alto sua presença,

(CARRIE CARRIE CARRIE)

e mais alto,

(*CARRIE CARRIE CARRIE*)

como quando se aumenta o volume do rádio até o máximo. O tempo parecia se fechar em volta deles, enquadrando-os, e, por um momento, a imagem deles

congelou mesmo em movimento: Billy

(*CARRIE* igual aos cachorros *CARRIE* igual aos danados dos cachorros brucie eu não *CARRIE* quem dera pudesse *CARRIE* ser *CARRIE* você)

e Chris

(*CARRIE* nossa não era para matar ela *CARRIE* não era para matar *CARRIE* billy eu não *CARRIE* foi até *CARRIE* ver *CA*)

e a própria Carrie.

(olha a roda roda do carro acelerador vejo a *RODA* ai meu coração meu coração)

E Billy de repente sentiu o carro traí-lo, ganhar vida, dançar em suas mãos. O Chevy deu meia-volta soltando fumaça, o escapamento aos tiros, e a parede do The Cavalier foi ficando maior e maior e

(é isso)

bateram a 60 por hora, ainda acelerando, e voou muita madeira pelos ares numa explosão colorida de néon. Billy foi jogado para a frente e transpassado pelo volante. Chris foi atirada de encontro ao painel.

O tanque de gasolina rachou e o combustível empoçou embaixo do carro. Parte de um dos canos de descarga caiu ali dentro, e a gasolina se inflamou.

Carrie estava caída de lado, olhos fechados, respirando com dificuldade. Tinha o peito em chamas.

Começou a se arrastar pelo estacionamento, sem rumo.

(mamãe sinto muito que tenha dado tudo errado ai mamãe ai por favor dói tanto mamãe o que é que eu faço)

E de repente, já não importava mais, nada mais importava se ela pudesse se virar, se virar e ver as estrelas, olhar uma vez e morrer.

E foi assim que Sue a encontrou às duas da manhã.

Quando o xerife Doyle a liberou, Sue desceu a rua e foi sentar-se na escada da lavanderia de autoatendimento de Chamberlain. Olhava para o céu ardente sem ver nada. Tommy estava morto. Sabia que era verdade e aceitou o fato com uma facilidade de assustar.

E Carrie tinha feito aquilo tudo.

Não tinha a mínima ideia de como sabia, mas sabia-o com uma convicção matemática.

O tempo ia passando. Não importava. Macbeth matara o sono e Carrie matara o tempo. Muito bem. Um *bon mot*. Sue sorriu com melancolia. Será que este pode ser o fim de nossa heroína, a Senhorita Ternurinha Dezesesseis? Nenhuma

preocupação com o clube nem com o lugar para morar. Nunca mais. Passou. O fogo consumiu. Alguém passou correndo, dizendo que a Carlin Street estava em chamas. Ótimo. Tommy estava morto. E Carrie tinha ido para casa matar a mãe.

(???????????)

Empertigou-se na escada, contemplando a escuridão.

(?????????????)

Não sabia como sabia. Aquilo não tinha qualquer relação com coisa alguma que ela já tivesse lido sobre telepatia. Não lhe veio à mente nenhuma imagem, nenhum grande lampejo de revelação, era só uma percepção prosaica; como a que temos de que o verão vem depois da primavera, que câncer pode matar, que a mãe de Carrie já estava morta, que...

(!!!!)

Sentiu um aperto no coração. Morta? Analisou sua percepção do incidente, tentando não levar em conta a estranheza insistente de saber sem se basear em nada.

Sim, Margaret White estava morta. Qualquer coisa de coração. Mas dera uma facada em Carrie. Carrie estava gravemente ferida. Estava...

Ficou apenas nisso.

Ela se levantou e voltou correndo para o carro da mãe. Dez minutos depois, estacionou na esquina da Branch com a Carlin Street, que estava em chamas. Ainda não havia nenhum caminhão disponível para debelar o incêndio, mas as entradas da rua haviam sido fechadas com cavaletes, e tambores emitindo uma fumaça preta iluminavam um aviso que dizia:

PERIGO! FIOS DE ALTA-TENSÃO!

Sue atravessou o quintal de duas casas e passou por uma cerca de espinhos que a arranhou toda. Saiu na casa vizinha à das White e pulou o muro.

A casa ardia, com o telhado em chamas. Nem se podia cogitar em chegar perto para olhar para dentro. Mas no clarão do fogo, ela viu algo melhor, o rastro de sangue de Carrie. Seguiu-o olhando para baixo, passando pelas manchas maiores onde Carrie descansara, por outra cerca de uma casa da Willow Street, e depois por um emaranhado de magros pinheiros e carvalhos brabos. Do outro lado, um pequeno desvio não pavimentado — pouco mais que uma trilha sinuosa — subia à direita, saindo na Rodovia 6.

De repente, bateu-lhe uma dúvida crucial e corrosiva. Digamos que conseguisse achá-la. E daí? Teria um ataque do coração? Atearia fogo nela? Seria controlada e obrigada a se jogar na frente de um carro ou caminhão de

bombeiros? Sua estranha percepção lhe disse que Carrie seria capaz disso tudo.
(procurar um policial)

Achou isso engraçado e sentou-se na relva, que brilhava com o orvalho. Já havia encontrado um policial. Digamos que Otis Doyle tivesse acreditado nela. E daí? Ocorreu-lhe a imagem de uma caçada humana, com centenas de homens desesperados cercando Carrie, ordenando que ela entregasse as armas e se rendesse. Carrie obedientemente leva as mãos ao alto e arranca a cabeça dos ombros. Entrega-a ao xerife Doyle, que solenemente a coloca dentro de uma cesta de vime com a etiqueta PROVA A.

(e tommy está morto)

Bem, bem. Começou a chorar. Cobriu o rosto com as mãos e soluçou dentro delas. Uma leve brisa atravessava os zimbros no alto do morro. Mais carros de bombeiros passavam aos uivos pela Rodovia 6 como enormes perdigueiros vermelhos no meio da noite.

(o fogo está destruindo a cidade toda ah bem)

Ela não sabia quanto tempo tinha ficado ali sentada, chorando num semitorpor vago. Nem tinha mais consciência de estar seguindo a pista de Carrie rumo ao The Cavalier do que da própria respiração, a menos que pensasse nela. Carrie estava gravemente ferida e, nesta altura, era movida apenas por uma determinação bruta. Eram 5 quilômetros até o The Cavalier, pelo meio do mato, como Carrie estava indo. Sue viu

(viu? pensou ver? não importa)

quando Carrie caiu num riacho e se arrastou para fora tremendo de frio. Era realmente espantoso que ela ainda prosseguisse. Mas obviamente era por mamãe. Mamãe queria que ela fosse a Espada de Fogo do Anjo, que destruísse...

(ela vai destruir isso também)

Levantou-se e começou a correr desajeitada, sem se dar ao trabalho de seguir a trilha de sangue. Já não precisava mais fazer isso.

Do livro *The Shadow Exploded* (p. 164-65):

Podemos achar o que quisermos do caso Carrie White, mas ele é assunto encerrado. É hora de nos voltarmos para o futuro. Como assinala o reitor McGuffin, em seu excelente artigo no *Science Yearbook* [Anuário da Ciência], se não o fizermos, com toda a certeza vamos pagar por isso — e o preço deve ser alto.

Aqui se coloca uma questão moral espinhosa. Já há avanços no sentido de se

conseguir isolar o gene TC. Já existe um consenso na comunidade científica (ver, por exemplo, “A View Toward Isolation of the TK Gene with Specific Recommendations for Control Parameters” [Uma opinião tendo em vista o isolamento do gene TC com recomendações específicas em relação a parâmetros de controle], de Bourke e Hannegan, em *Microbiology Annual* [Revista Anual de Microbiologia], Berkeley: 1982) no sentido de que, uma vez instituído um teste, como rotina, todas as crianças em idade escolar devem ser submetidas a ele como são submetidas ao teste do adesivo cutâneo para a tuberculose. No entanto, o gene TC não é um germe; é algo tão inerente à pessoa afetada como a cor dos olhos.

Se o dom da TC se manifestar com a puberdade, e se esse teste hipotético de TC for aplicado em crianças entrando na primeira série, certamente estaremos prevenidos. Mas, neste caso, estar prevenido será estar preparado? Se o resultado do teste de tuberculose for positivo, a criança pode ser tratada e isolada. No caso do teste de TC, não temos tratamento exceto uma bala na cabeça. E como é possível isolar uma pessoa que acabará tendo o poder de derrubar todas as paredes?

E mesmo que se conseguisse o isolamento, o povo americano permitiria que uma linda meninazinha fosse separada dos pais ao primeiro sinal de puberdade para ser trancafiada num cofre de banco pelo resto da vida? Duvido. Especialmente quando a Comissão White se esforçou tanto para convencer a opinião pública de que o pesadelo de Chamberlain foi uma zebra total.

Na verdade parece que voltamos à estaca zero...

Do depoimento de Susan Snell à Comissão Estadual de Inquérito de Maine (do *Relatório da Comissão White*), p. 306-472:

P. Bem, Srta. Snell, a comissão gostaria de rever seu depoimento sobre o encontro que a senhora teria tido com Carrie White no estacionamento do The Cavalier...

R. Por que continuam fazendo sempre as mesmas perguntas? Já contei isso duas vezes.

P. Queremos garantir que o relatório esteja correto em todos os...

R. Querem me pegar numa mentira, não é isso o que vocês têm em mente? Não acham que eu esteja dizendo a verdade, acham?

P. A senhora disse que encontrou Carrie às...

R. Querem me responder?

P. ... aproximadamente às duas horas da madrugada do dia 28 de maio. Correto?

R. Não vou responder a mais nenhuma pergunta antes de vocês responderem a essa que acabei de fazer.

P. Srta. Snell, esta comissão tem poderes para citá-la por desacato à autoridade caso se negue a responder por qualquer motivo que não os previstos na Constituição.

R. Não me interessa o que vocês têm poder para fazer. Eu perdi alguém que eu amo. Podem me botar na cadeia. Não importa. Eu... eu... Ah, vão para o inferno. Vocês todos, vão para o inferno. Vocês estão tentando... sei lá, me crucificar. Me deixem!

(Um pequeno intervalo)

P. Srta. Snell, está disposta a continuar o seu depoimento agora?

R. Estou. Mas não admito ser atormentada, presidente.

P. Naturalmente, minha jovem. Ninguém quer atormentá-la. Agora a senhorita afirma ter encontrado Carrie no estacionamento dessa taberna às duas horas. Correto?

R. Sim.

P. Sabia que horas eram.

R. Eu estava com esse relógio que vocês estão vendo no meu pulso agora.

P. Para confirmar. O The Cavalier não fica a quase 10 quilômetros do local onde deixou o carro de sua mãe?

R. Isso é pela estrada. Em linha reta, não chega a cinco.

P. A senhorita fez esse percurso a pé?

R. Sim.

P. A senhorita declarou que “sabia” que estava se aproximando de Carrie. Pode explicar isso?

R. Não.

P. Sentiu o cheiro dela?

R. O quê?

P. A senhorita foi pelo faro?

(Gargalhadas nas galerias)

R. Estão de brincadeira comigo?

P. Responda à pergunta, por favor.

R. Não. Não fui pelo faro.

P. Dava para vê-la?

R. Não.

P. Ouvi-la?

R. Não.

P. Então como podia saber que ela estava lá?

R. Como Tom Quillan sabia? Ou Cora Simard? Ou o coitado do Vic Mooney? Como eles todos sabiam?

P. Responda à pergunta, moça. Isso não é lugar nem hora para impertinências.

R. Mas eles disseram que “sabiam, e pronto”, não? Li o depoimento da Sra. Simard no jornal! E os hidrantes que abriram sozinhos? E as bombas de gasolina que arrebentaram os próprios cadeados e começaram a funcionar sozinhas? Os fios da rede elétrica que desceram dos postes! E...

P. Srta. Snell, por favor...

R. Essas coisas estão no relatório desta comissão!

P. Isso não vem ao caso aqui.

R. Então o que é que *vem*? Estão querendo a verdade ou só um bode expiatório?

P. A senhorita nega ter sabido de antemão o paradeiro de Carrie White?

R. Claro que sim. É uma ideia ridícula.

P. É? E por quê?

R. Bem, se está sugerindo algum tipo de conspiração, é ridículo, porque Carrie estava morrendo quando a encontrei. Não podia ter sido uma maneira fácil de morrer.

P. Se não soube de antemão o paradeiro dela, como conseguiu ir direto aonde ela se encontrava?

R. Ah, que idiotice! O senhor ouviu alguma coisa do que foi dito aqui? Todo mundo sabia que era Carrie! Qualquer um podia tê-la encontrado se se concentrasse nisso.

P. Mas não foi qualquer um que a encontrou. Foi a senhorita. Pode nos dizer por que não foi aparecendo gente de todo lado, como pó de ferro atraído por um ímã?

R. Ela estava desfalecendo rápido. Acho que talvez... a área de influência dela estivesse diminuindo.

P. A senhorita há de concordar que essa é uma suposição relativamente inconsistente.

R. Claro. Em relação a Carrie White, a informação que todo mundo tem é relativamente inconsistente.

P. Como queira, Srta. Snell. Se pudermos então passar para...

No primeiro momento, quando subiu a rampa entre o campo de Henry Drain e o estacionamento do The Cavalier, achou que Carrie estivesse morta. Estava caída no meio do estacionamento, e parecia estranha, encolhida e encarquilhada. Sue pensou nos bichos mortos que já vira na 95 — marmotas, cachorros-do-mato, gambás —, esmagados por caminhões e caminhonetes em alta velocidade.

Mas a presença continuava em sua mente, vibrando insistentemente, repetindo sem parar as linhas gerais da personalidade de Carrie. Uma essência de Carrie, uma *gestalt*. Agora num tom abafado, sem estridência, sem se anunciar com toques de clarim, mas aumentando e diminuindo de volume numa oscilação contínua.

Inconsciente.

Pulou a grade de proteção que cercava o estacionamento, sentindo o calor do fogo na cara. O The Cavalier era um prédio de estrutura de madeira, e estava se consumindo rapidamente. A carcaça carbonizada de um carro aparecia no meio das chamas à direita da porta dos fundos. Carrie tinha feito aquilo, então. Sue não foi olhar se havia alguém lá dentro. Isso já não importava, agora.

Foi até onde Carrie jazia de lado, sem conseguir ouvir os próprios passos em meio ao voraz crepitar do fogo. Olhou para aquela figura encolhida ali no chão com um sentimento amargo e confuso de compaixão. Tinha o cabo de uma faca cruelmente espetado no ombro, e estava deitada numa pequena poça de sangue — formada em parte pelo que lhe saía da boca. Dava a impressão de que tentava se virar quando perdeu os sentidos. Capaz de provocar incêndios, arrancar fios de postes, capaz de matar praticamente só com a força do pensamento; deitada ali no chão, sem conseguir se virar.

Sue se ajoelhou, pegou-a por um braço e pelo ombro não ferido, e, com delicadeza, virou-a de costas.

Carrie deu um gemido profundo e ficou pestanejando. A percepção que Sue tinha dela tornou-se mais nítida, como se uma imagem mental estivesse entrando em foco.

(quem está aí)

E Sue, sem pensar, respondeu da mesma maneira:

(eu sue snell)

Só que não era preciso pensar o seu nome. A ideia que tinha de si própria não

era palavra nem imagem. Com essa noção, de repente tudo veio à tona, ficou real, e um sentimento de pena de Carrie irrompeu do embotamento de seu estado de choque.

E Carrie, numa censura muda e distante:

(vocês me enganaram vocês todos me enganaram)

(carrie nem sei o que aconteceu tommy está)

(vocês me enganaram aquilo aconteceu sujeira sujeira ai sujeira)

O misto de imagem e emoção era estarrecedor, indescritível. Sangue. Tristeza. Medo. A última sujeira numa série de sujeiras: a rapidez estonteante com que elas passavam pela mente de Sue deixou-a zonzinha, sem poder fazer nada. As duas jovens compartilhavam a totalidade terrível do conhecimento perfeito.

(carrie não não não isso me machuca)

Agora as meninas jogando absorventes, repetindo um bordão, rindo. O rosto de Sue espelhado em sua própria mente: feio, caricato, só boca, de uma beleza cruel.

(veja as sujeiras veja minha vida inteira uma longa sujeira)

(olhe carrie olhe dentro de mim)

E Carrie olhou.

A sensação era terrível. Sua mente e seu sistema nervoso tinham virado uma biblioteca. Alguém desesperadamente necessitado a percorria, correndo os dedos pelos livros nas prateleiras, tirando alguns, escaneando-os, repondo-os no lugar, derrubando um ou outro, deixando as páginas voarem ao sabor

(lampejos sou eu em criança odeio ele papai ai mamãe lábios grossos bobby me empurrou ai meu joelho carro quer andar no carro vamos ver tia cecily mamãe vem logo eu fiz pipi)

do vento da memória; e continuando, chegando afinal a uma prateleira marcada TOMMY, com o subtítulo BAILE. Livros abertos, lampejos de experiências, anotações à margem em todos os hieróglifos da emoção, mais complexos que a Pedra de Roseta.

Olhando. Encontrando mais do que a própria Sue imaginara — amor por Tommy, ciúme, egoísmo, uma necessidade de fazê-lo satisfazer sua vontade de levar Carrie, aversão à própria Carrie, aversão à Srta. Desjardin, aversão a si própria.

(ela poderia se cuidar melhor parece mesmo O RAIOS DE UM SAPO)

Mas nenhuma má vontade pela pessoa de Carrie, nenhum plano de colocá-la na frente de todo mundo e anulá-la.

A sensação febril de ser violentada em suas passagens mais recônditas

começou a se dissipar. Sentiu Carrie recuando, fraca e exausta.

(por que vocês simplesmente não me deixaram em paz)

(carrie eu)

(mamãe estaria viva matei minha mamãe eu quero ela ai dói meu peito meu ombro ai ai ai quero a minha mãe)

(carrie eu)

E não dava para completar esse pensamento, não havia nada ali para completá-lo. Sue sentiu um terror acachapante, mais acachapante ainda porque não sabia nomeá-lo: aquela aberração da natureza a esvair-se em sangue no asfalto manchado de óleo de repente parecia insignificante e terrível enquanto sofria e morria.

(ai mamãe estou com medo *MAMÃE*)

Sue tentou se afastar, se desligar, deixar Carrie pelo menos morrer com privacidade, e não conseguiu. Sentiu que ia morrendo também e não queria ver esse *trailer* de seu próprio fim.

(carrie me deixa IR EMBORA)

(mamãe mamãe mamãe *aaAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA*)

O grito mental atingiu um crescendo incrivelmente dilatado e depois foi-se perdendo ao longe. Por um momento, Sue teve a sensação de estar observando a chama de uma vela ir desaparecendo dentro de um túnel escuro a uma velocidade incrível.

(ela está morrendo ai meu deus sinto ela morrer)

Então a luz se apagou, e o último pensamento consciente foi

(mamãe desculpe onde)

e saiu do ar, e Sue só ficou sintonizada na frequência idiota e vazia dos terminais nervosos do corpo que levariam horas para morrer.

Afastou-se dali e foi andando trôpega, braços à frente como se fosse cega, até o final do estacionamento. Pulou a grade de proteção que lhe batia no joelho e caiu na rampa. Levantou-se e entrou no campo, que ia se coalhando de místicas manchas brancas de orvalho. Grilos cricrilavam distraídos e um noitibó

(uu-uu-uu alguém está morrendo)

piava no silêncio profundo da madrugada.

Começou a correr, respirando fundo, fugindo de Tommy, dos incêndios e das explosões, de Carrie, mas sobretudo do derradeiro horror — aquela última chama de pensamento perdendo-se rapidamente no túnel escuro da eternidade, seguida do zumbido vazio e idiota da eletricidade prosaica.

A retroimagem custou a desaparecer, e deixou uma escuridão calma e abençoada em sua mente que de nada sabia. Ela diminuiu o passo, parou e se deu conta de que algo começara a acontecer. Ficou no meio daquele descampado enevoadado, esperando tomar consciência.

Sua respiração acelerada foi ficando mais lenta, como se presa num espinho...

E de repente desafohou-se num uivo de quem foi passado para trás.

Enquanto ela sentia o sangue menstrual escuro e espesso escorrer-lhe pelas coxas lentamente.

Parte III

Os Escombros

HOSPITAL MERCY DE WESTOVER / CERTIDÃO DE ÓBITO

Nome: Carietta White

(nome) (sobrenome)

Endereço: Carlin Street, 47

Endereço: Chamberlain, Maine 02249

Sala de emergência: Não Ambulância: nº 16

Tratamento ministrado: Nenhum M.P.A. X

sim não

Data e hora do óbito: 28 de maio de 1979 — 2h00m
(aprox.)

Causa mortis: Hemorragia, choque, oclusão
coronária e/ou trombose coronária (possível)

Pessoa que identificou o corpo: Susan D. Snell

Back Chamberlain Road, 19

Chamberlain, Maine 02249

Parente mais próximo: Nenhum

Corpo a ser entregue a: Estado do Maine

Médico de plantão: Harold Kaebler, M. D.

Patologista: F M

Do teletipo nacional da AP, sexta-feira, 5 de junho de 1979:

CHAMBERLAIN, MAINE (AP)

FONTES OFICIAIS INFORMAM QUE CHEGA A 409 O NÚMERO DE VÍTIMAS EM CHAMBERLAIN, HAVENDO AINDA 49 PESSOAS DESAPARECIDAS. PROSSEGUEM AS INVESTIGAÇÕES SOBRE CARIETTA WHITE E O CHAMADO FENÔMENO DE “TC” EM MEIO A INSISTENTES RUMORES DE QUE A AUTÓPSIA REALIZADA NO CORPO DA JOVEM TERIA REVELADO FORMAÇÕES ESTRANHAS NO CÉREBRO E NO CEREBELO. O GOVERNADOR DO ESTADO NOMEOU UMA COMISSÃO FORMADA PELAS MAIORES SUMIDADES NO ASSUNTO PARA ESTUDAR A TRAGÉDIA.

FIM. 5 DE JUNHO 0303N AP

Do jornal *The Lewiston Daily Sun*, domingo, 7 de setembro (p. 3):

O legado da TC

Terra e corações arrasados

CHAMBERLAIN — A noite do baile ficou na história. A sabedoria popular diz que o tempo cura todas as feridas, mas o sofrimento dessa pequena cidade do oeste do Maine pode ser fatal. As ruas residenciais da zona oeste da cidade continuam guardadas por altaneiros carvalhos que lá estão há duzentos anos. As casas bem-cuidadas com a característica fachada de dois andares na frente e um nos fundos ou avarandadas da Morin Street ou de Brickyard Hill permanecem intactas. Mas esta Nova Inglaterra bucólica fica ao lado de uma área devastada, e no gramado da frente de muitas dessas casas, vemos placas com a inscrição VENDE-SE. As moradias ainda habitadas ostentam coroas de luto na porta de entrada. Caminhonetes amarelas da Allied e *trailers* laranja da U-Haul de todos os tamanhos hoje são presença constante nas ruas de Chamberlain.

A maior fábrica da cidade, a Tecelagem e Fiação Chamberlain, permanece em pé, poupada pelo incêndio que destruiu quase toda a cidade naqueles dois dias de maio. Mas só está funcionando em um turno desde o dia 4 de junho, e, segundo o presidente William A. Chamblis, é bem possível que haja mais demissões. “Temos encomendas”, disse Chamblis, “mas não se pode fazer uma fábrica rodar sem pessoal para bater o ponto. Nós estamos nessa situação. Recebemos 34 pedidos de demissão desde 15 de agosto. A única saída que vemos agora é fechar a tinturaria e terceirizar o serviço. Lamentamos muito perder esses funcionários, mas isso agora é uma questão de sobrevivência financeira”.

Roger Fearon mora há 22 anos em Chamberlain, e trabalha há 18 na fábrica. Durante esse tempo, foi promovido de empacotador com um salário de 73 centavos de dólar a hora a chefe da tinturaria. Por incrível que pareça, ele não parece muito preocupado com a possibilidade de perder o emprego. “Eu perderia um salário joia”, diz Fearon. “Não é atitude que se tome irrefletidamente. Minha mulher e eu discutimos o assunto. Podíamos vender a casa, vale 20 mil dólares fácil, e embora a gente não deva conseguir nem metade disso, acho que vamos mesmo botá-la à venda. Não importa. Não estamos mais querendo muito morar em Chamberlain. Chame isso do que quiser, mas Chamberlain ficou ruim para a gente.”

Fearon não é o único. Henry Kelly, proprietário de uma casa de refrescos-tabacaria chamada Kelly Fruit arrasada na noite do baile, não tem planos de reconstruir o estabelecimento. “A garotada já era”, diz encolhendo os ombros. “Se eu reabrisse a casa, haveria fantasmas demais por todo lado. Vou pegar o

dinheiro do seguro e me mudar para St. Petersburg.”

Uma semana depois de o tornado de 1954 ter deixado seu rastro de destruição por Worcester, ouvia-se por toda parte o eco das marteladas, o ar estava impregnado do cheiro de tábuas novas, e havia um sentimento geral de otimismo e resistência. Esse outono, não há nada disso em Chamberlain. Retirou-se o entulho da rua principal e praticamente foi só. As caras que passam por nós têm uma expressão deprimida de desesperança. Os homens bebem cerveja em silêncio no Frank's, o bar da esquina da Sullivan Street, e as mulheres trocam histórias de luto e perda no jardim das casas. Foi declarado estado de calamidade pública em Chamberlain, e foram disponibilizados recursos para ajudar a reerguer a cidade e iniciar a reconstrução da zona comercial.

Mas a principal atividade de Chamberlain nos últimos quatro meses têm sido os funerais.

Quatrocentas e quarenta pessoas morreram e, até o momento, 18 ainda estão desaparecidas. Dentre as que morreram, 77 eram formandos da Ewen High School. Talvez isso, mais do que qualquer outra coisa, é que tenha tirado a coragem de Chamberlain.

Os estudantes foram sepultados nos dias 1º e 2 de junho em três cerimônias coletivas. Um culto em sua memória foi realizado no dia 3 na praça da cidade. Foi a cerimônia mais comovente já presenciada por este repórter. Havia milhares de pessoas presentes, e a assembleia inteira ficou em silêncio quando a banda da escola, reduzida de 56 para apenas quarenta, executou o hino da escola e o toque de silêncio.

Na semana seguinte, houve uma triste cerimônia de formatura na Academia de Motton, na cidade vizinha, mas restavam apenas 52 formandos para colar grau. O orador da turma, Henry Stampel, caiu em prantos no meio do discurso e não pôde continuar. Não houve festa após a colação de grau. Os formandos apenas receberam os diplomas e foram para casa.

E ao longo do verão, ainda houve movimento de rabecões, pois mais corpos foram encontrados. Para alguns moradores, parecia que diariamente se tirava a casca da ferida, para que ela não parasse de sangrar.

Se você é um desses curiosos que vieram a Chamberlain na semana passada, você viu uma cidade que talvez esteja sofrendo de um câncer terminal do espírito. Algumas pessoas, com um ar perdido, vagueiam pelos corredores da A&P. A Igreja Congregacional da Carlin Street acabou, destruída pelo fogo, mas a Igreja Católica de tijolinhos continua em pé na Elm Street, e a elegante Igreja Metodista no final da Main Street, embora chamuscada pelo fogo, nada sofreu.

No entanto, a frequência diminuiu. Os velhos ainda frequentam a Praça do Tribunal de Justiça, mas quase não se interessam em jogar damas ou conversar.

A impressão geral é a de uma cidade aguardando a morte chegar. Atualmente, é pouco dizer que Chamberlain jamais será a mesma. O mais exato seria dizer que Chamberlain simplesmente nunca mais existirá.

Trecho de uma carta datada de 9 de junho do diretor Henry Grayle para Peter Philpott, supervisor de escolas:

... portanto, julgo não poder continuar no meu cargo atual, uma vez que acho que tal tragédia poderia ter sido evitada caso eu tivesse tido mais visão. Gostaria que aceitasse meu pedido de demissão a partir do dia 1º de julho, contando com sua compreensão e a de sua equipe...

Trecho de uma carta datada de 11 de junho de Rita Desjardin, professora de Educação Física, para o diretor Henry Grayle:

... estou lhe pedindo a rescisão de meu contrato. Acho que eu me mataria antes de começar a dar aulas de novo. No meio da noite, fico pensando: se eu tivesse feito um gesto para segurar aquela menina, se, se...

Encontrado pintado no gramado do terreno onde ficava o bangalô das White:

CARRIE WHITE ARDE POR SEUS PECADOS
JESUS NÃO FALHA

Trecho do artigo “Telecinesia: Análise e Consequências” (*Science Yearbook* [Anuário da Ciência], 1981), do reitor D. L. McGuffin:

Concluindo, gostaria de chamar a atenção para o grave risco que as autoridades estão correndo ao deixar o caso Carrie White ficar esquecido embaixo da papelada da burocracia — e refiro-me especificamente à chamada Comissão White. O desejo dos políticos de considerar o fenômeno da TC como algo raríssimo parece muito forte e, embora seja compreensível, não é um desejo aceitável. A possibilidade de recorrência, geneticamente falando, é de 99%. Está na hora de nos prepararmos para o que der e vier...

De *Slang Terms Explained: A Parents’ Guide* [Explicação de termos de gíria: Um guia para os pais], de John R. Coombs (Nova York: The Lighthouse Press,

1985), p. 73:

to rip off a Carrie [dar uma de Carrie]: Causar violência ou destruição; danos físicos, confusão; (2) provocar incêndio (de Carrie White, 1963-1979).

Do livro *The Shadow Exploded* (p. 201):

Neste livro, menciona-se uma página de um caderno de Carrie White onde um verso do famoso poeta de *rock* dos anos 60, Bob Dylan, aparece escrito repetidas vezes, como um sinal de desespero.

Talvez não seja má ideia fechar este livro com alguns versos de outra canção de Bob Dylan, versos que poderiam servir de epitáfio a Carrie: *I wish I could write you a melody so plain / That would save you, dear lady, from going insane / That would ease you and cool you and cease the pain / Of your useless and pointless knowledge...*⁵ [Gostaria de poder escrever uma canção tão simples / Que não deixasse você, querida, enlouquecer / Que a acalmasse e acabasse com o sofrimento / De sua ciência fútil e vã.]

De *My Name Is Susan Snell* (p. 98):

Este livrinho agora está pronto. Espero que venda bem para que eu possa ir para um lugar onde ninguém me conheça. Quero analisar as coisas, decidir o que vou fazer entre agora e a hora em que minha luz for entrando naquele longo túnel e sumindo na escuridão...

Da conclusão da Comissão Estadual de Inquérito do Maine sobre os acontecimentos de 27-28 de maio em Chamberlain, Maine:

... portanto, embora uma autópsia realizada na pessoa em questão indique algumas modificações celulares que *podem* denotar a presença de *algum* poder paranormal, somos obrigados a concluir que não vemos razões para acreditar na probabilidade ou mesmo na possibilidade de recorrência...

Trecho de uma carta datada de 3 de maio de 1988, de Amelia Jenks, Royal Knob, Tennessee, para Sandra Jenks, Macon, Geórgia:

... e a sua sobrinhazinha tá cressendo feito um pé de feijão, enorme pra 2 anos. Ela tem olhos azuis como o pai e o meu cabelo louro mas vai escurecer. Mesmo assim ela é uma belezinha e az vezes quando está dormindo acho ela

muito parecida com a nossa mãe.

Outro dia, quando ela estava brincando na terra ao lado de casa, fiquei olhando e vi a coisa mais estranha do mundo. A Annie estava brincando com as bola de gudy dos irmão só que elas rolavam sozinhas. Elazinha estava achando a maior graça, mas eu fiquei meio aflita. Umas bolas iam pra cima e pra baixo. Lembrei da vovó, lembra quando a pulícia veio atrás do Pete e as armas voaram das mão deles e a vovó ficou rindo que se acabava? E ela conseguia mecher a cadeira de balanço mesmo sem estar sentada nela. Passei mal quando vi aquilo. Só espero que ela não tenha pobremas de coração como a vovó, lembra?

Bom agora tenho que ir lavar ropa então mande muitas lembranças pro Rich e vê se manda uns retratos pra gente quando puder. A nossa Annie continua uma belezinha, os olhos dela parecem duas contas. Garanto que um dia ela vai ser a melhor do mundo em alguma coisa.

Todo meu amor,
Melia

Sobre o autor

Até 1972, Stephen Edwin King ainda era um professor cujo salário mal dava para sustentar a mulher, Tabitha, e os dois filhos. Nas horas vagas, escrevia histórias de suspense, sempre rejeitadas pelas editoras. Foi então que finalizou mais uma obra. Em seguida, porém, desiludido com o mercado editorial, King arremessou-a pela janela. Foi Tabitha quem o convenceu a recuperar os originais e tentar outra vez. Enviado a um editor, o livro foi aceito. Nascia *Carrie, a estranha*, obra que lançou o autor no cenário literário mundial. King nasceu na cidade de Portland, no Maine, no dia 21 de setembro de 1947. Hoje considerado um dos mais notórios escritores de contos de horror e ficção de sua geração, é um dos autores de maior sucesso em todo o mundo, com livros publicados e admirados em mais de quarenta países. Em 2003, recebeu uma medalha da National Book Foundation por sua contribuição à literatura americana. Inúmeras de suas obras foram adaptadas para o cinema, tais como *Conta Comigo*, *À Espera de Um Milagre*, *Um Sonho de Liberdade* e *O Iluminado*. O autor vive em Bangor, no estado do Maine, com sua esposa.

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Crédito](#)

[Dedicatória](#)

[Introdução](#)

[Parte I – Parte I - Brincando com Sangue](#)

[Parte II - A Noite do Baile](#)

[Parte III - Os Escombros](#)

